Impresso na Gráfica Editôra Brasileira Ltda., à rua
Luís Gama, 185 — São Paulo, Brasil, em 1960.

Humberto de Campos
(Da Academia Brasileira de Letras)
SÉRIE CONSELHEIRO X. X.

O Arco de Esopo

W. M. JACKSON, Inc.
EDITORES
Rio de Janeiro — São Paulo — Pôrto Alegre — Recife

Esta edição das Obras Completas de Humberto de Campos, Série Conselheiro X. X., foi impressa, segundo os desejos dos herdeiros do autor, na ortografia do acôrdo do ano de 1931 entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia de Ciências de Lisboa, do qual o autor foi um dos signatários e cujo vocabulário foi publicado em 1933.

A

GOULART DE ANDRADE

E

MENOTTI DEL PICCHIA

Iste mundus aut ridet nos, aut irridetur á nobis.

STO. AGOSTINHO — Ser. in Cap. Jejun.

Um ateniense, ao ver Esopo jogando as nozes no meio de um bando de crianças, parou, e como um louco, desatou a rir. Ao dar com êle, o ancião, que era feito mais para zombar dos outros do que para ser escarnecido, tomou um arco e, distendendo-o no meio da rua, exclamou:

— Olá! dize-me o motivo do meu gesto!

Os transeúntes acorreram, em multidão. O indivíduo interpelado pôs o cérebro em tortura, sem encontrar, no entanto, a solução do problema. Por fim, confessou-se vencido; o sabio, vitorioso, explicou, então:

— Tu acabarás, em breve, por partir o teu arco, se o conservares permanentemente distendido; se, porém, o afrouxares, êle estará, quando o quiseres, em condição de servir. Assim, algumas distrações devem ser dadas de tempos a tempos ao teu espírito, para que o encontres mais capaz de pensar em cousas sérias. — FEDRO — *Fabularum Æsopiarum,* libri V, LVIII.

I

ATENÓPOLIS

Japiocara, no interior de Santa Catarina, havia progredido tanto, e patenteado de tal maneira a cultura da sua população, que esta resolveu mudar-lhe o nome para Atenópolis, em homenagem à deusa da Sabedoria. Para o dia dêsse batismo, ou antes, dêsse crisma, foram preparadas festas suntuosas e, sobretudo, cerimônias originais, como, por exemplo, a sagração da Cidade por todos os credos religiosos. Autor da idéia, o professor Herman Klotz, de origem alemã, traçara, êle próprio, o plano da maravilhosa solenidade.

— A festa será na praça da Matriz, — declarou. — No meio da praça, sôbre um pedestal de um palmo de altura, uma senhora, que poderá ser a Dora, minha mulher, representando a Cidade. Para melhor adatação ao caso, ela tomará a atitude que tinha no Partenon a Atena de Fídias: a cabeça levantada, nobre, digna, soberana, o báculo na mão direita, a lança na esquerda. Aí, então, e sem que ela se mexa, os represen-

tantes das várias religiões com exercício aquí no município irão consagrá-la, aspergindo-lhe os pés com água benta, de acôrdo, está visto, com o ritual de cada culto.

E entre os aplausos dos outros membros da comissão:

— Vai ser uma linda festa, uma bela cerimônia, e, sobretudo, muito intelectual!

E repetiu:

— Muito intelectual!

No dia marcado, — um domingo, — Japiocara, a futura Atenópolis, regorgitava de gente, de todo o município e dos municípios vizinhos. E todos aqueles rios humanos iam desaguar num estuário já cheio, que era a praça da Matriz.

Â hora certa, começou o cerimonial. Com a sua figura imponente, de teuto-brasileira, Dona Dora constituía uma perfeita figura de Atena, imóvel, no seu pedestal. Um tiro de ronqueira reboou. Foguetes subiram ao céu, abrindo em pipocas de pólvora. As quatro bandas de música estrugiram ao mesmo tempo, a multidão se descobriu, o Prefeito fez um pequeno discurso, e teve início, entre o silêncio respeitoso de todos, a parte técnica da solenidade.

O primeiro a aproximar-se, foi padre Revorêdo, vigário católico da paróquia. Engrolou os seus dois minutos de latim, e, ao

cabo, tomando do hissope que o sacristão lhe passou às mãos, borrifou, com êle, os pés de Dona Dora, ou antes, da figura da Cidade, concluindo:

— In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti!...

Em seguida, veio o pastor protestante. E novo hissope, encharcado de água ritual, molhou os pés de Mme. Klotz, os quais foram salpicados, ainda, durante uns vinte minutos, cada um à sua maneira, pelos sacerdotes das Igrejas Grega, Siríaca, e Maronita, com exercício na localidade.

De pé, a cabeça levantada, os olhos postos na linha do horizonte, Dona Dora suportava, imóvel, a glória daquele tormento, quando um orador local puxou do bolso um maço de tiras e iniciou o discurso mais soporífero de que houve notícia na região.

Em meio da oração, porém, dois cães vagabundos, deslizando por entre as pernas dos ouvintes, foram-se chegando, sem que alguém desse por êles. Junto do pedestal, vendo-o molhado, não tiveram dúvidas: suspendeu cada um a sua perna trazeira, e... zás!

Dona Dora sentiu uma água quente, quasi corrosiva, descer-lhe dos tornozelos, e escorrer-lhe por entre os dedos do pé. Um cheiro acre subiu-lhe ao nariz divino. Estranhou.

— Herman... Herman.... — chamou, quasi imperceptível, procurando não mexer os lábios.

O marido aproximou-se, discreto. E ela, grave, digna, baixando os olhos para os pés, onde um terceiro cachorro começava a repetir a proeza:

— Herman, meu filho, que Igreja é essa?

II

O CAREQUINHA

O Instituto de Auxílio às Crianças, a benemérita instituição fundada e mantida pelo professor Monckausen Filho, apresentava, naquela manhã, o seu aspecto habitual. Na sala de espera, sentadas nos bancos alinhados, mulheres do povo, ou de certo trato, aguardavam, com os filhos ao colo, o momento de consulta. De vez em quando, estalava um chôro irritado, miúdo, sacudido, de criança enfêrma. A êste, casava-se outro. E ao fim de pouco tempo, a sala toda recordava, pela choradeira, um interior de batistério, numa hora de batismo coletivo.

Enfermos na sua maioria, os pequenitos davam, no seu conjunto, a impressão de um museu de fetos. Amarelinhos ou feridentos, o nariz escorrendo, os olhos destilando humores, revelavam na magreza, ou na côr terrosa, a miséria orgânica das classes sem higiene. Aquí e alí, simples e resignada, uma pobre mãe punha para fora da camisa o seio murcho, oferecendo-o à gula bulhenta do filhinho zangado de fome.

Ao penetrar na sala, trazendo pela mão o Lulinha, a Elvira Viana quasi recua, assustada pelo espetáculo. A imundície de algumas daquelas mães, e de muitas daquelas crianças, enchia-a de horror. E não foi sem temor de contágio que se sentou em um dos bancos, puxando para seu lado o menino, que não parecia menos inquieto com aquela situação.

Elvira Viana era, não obstante a profissão dolorosa a que o destino a forçara, o tipo humilde da rapariga brasileira. Morena e rosada, cabelos negros cortados à moderna, possuía lindos dentes, bôca vermelha, de lábios grossos e uns olhos escuros, lânguidos, de quem vive de amor ou morre de saudades. Um ar de modéstia valorizava êsse conjunto de graças, encadernado em um "tailleur" azul marinho, em que a discreção do feitio não prejudicava, em nada, a elegância do corte.

Não obstante isso, o Lulinha era feio. A cabeça enfiada num chapéu de palha de grandes abas, era excessiva para o corpo. Sustentada pelo pescoço finíssimo, dava idéia de uma azeitona num palito. O que mais, porém, preocupava a pobre mãe, era a circunstância de, até os seis anos, não ter nascido no menino um simples fio de cabelo. O crânio era pelado como um ovo. Se uma galinha o chocasse, sairia dêle um pinto.

E era para isso, exatamente, que, meia hora depois, no gabinete de exames, a rapariga chamava a atenção do Dr. Alvarenga Brito, o eminente especialista em moléstias infantís. E era para isso, também, que o grande pediatra atentava com maior interêsse, virando e revirando nas mãos esguias o crânio estéril do menino.

— É curioso! — dizia. — A mãe é a senhora?

— Sim, senhor, doutor, — informou Elvira, sem constrangimento.

— A senhora nunca teve queda de cabelo?

— Não, senhor.

O especialista mirou, e remirou, de novo, o pirralho.

— E o pai? — tornou. — O pai é calvo?

— Senhor? — fez a rapariga, como quem não compreende.

— Eu estou perguntando se o pai é calvo, isto é, careca.

Elvira sorriu, contrafeita:

— Ah, doutor, isso eu não sei.

E ingênua, mas sincera:

— Êle não tirou o chapéu...

III

O CULPADO

Há oito dias, a face escaveirada, os olhos em fogo, Sizenando sofria. A moléstia do coração que o atacara na mocidade, tinha se vindo, pouco a pouco, acentuando, até que, aos cincoenta e cinco anos de idade, o derrubou de uma vez.

E alí estava êle, entre a vida e a morte, ou, antes, mais próximo da morte do que da vida. Para que o ar fosse mais abundante, haviam-lhe pôsto a cama no meio do quarto modesto. Encostada à parede, a cômoda, com a imagem de Cristo, e os vidros de remédio. E, sôbre o leito, fazendo oscilar o velho cobertor de lã que o agasalhava até o pescoço, o corpo magro do Sizenando.

Emergindo daquele agasalho rubro, na meia claridade da alcova pobre, o rosto do enfêrmo, a barba negra e emaranhada a escorrer da face esquelética, dava a impressão de um João Batista degolado, cuja cabeça nadasse num oceano de sangue.

Agoniado, ofegante, o suor frio a empastar-lhe a barba e o cabelo nos estertores

da respiração, o enfêrmo sentia que a Morte se aproximava. E escancarava os olhos, como para vê-la melhor, quando a porta se abriu, dando passagem a frei Daniel, atrás do qual vinha, a fisionomia marcada pelas vigílias, a figura burguesa, de espôsa paciente, de Dona Ponciana.

Frei Daniel era um dêsses franciscanos inclementes, que levam o nome de Deus pela terra, entre raios e trovões. Prègador tonitroante, preferia a Cristo na montanha, Jeová no Sinai. E nas suas peregrinações pelo sertão, quando subia ao púlpito, era para sacudir no Inferno aquela gente toda, responsabilizando-a, irremissìvelmente, por todas as calamidades que têm tombado sôbre o mundo.

Metido no seu pesado hábito côr de macaco, as barbas opulentas e negras, a cabeça descoberta, o olhar duro, de juiz inclemente, o franciscano sentou-se, por um instante, na cadeira que havia à cabeceira do leito. E não tinha, ainda, começado a confissão, quando Sizenando soltou um gemido surdo, levando as mãos, ambas, ao coração, como se o tivessem apunhalado.

De um salto, o religioso correu à cômoda, e, tomando o Crucifixo na mão direita, e a vela acesa, na esquerda, precipitou-se sôbre o doente.

— Pecador! — gritou-lhe, — arrepende-te das tuas faltas! dos teus pecados! dos teus crimes! Arrepende-te, pecador!

Torcendo as mãos gordas, que o trabalho engrossara, Dona Ponciana andava nervosamente de um lado para outro do quarto, chorando. E era a hora suprema. Era o instante da agonia. Soava o momento em que Sizenando, o seu marido, o seu companheiro de vinte e três anos, ia comparecer diante de Deus.

O Crucifixo na mão direita, a vela acesa na esquerda, frei Daniel curvava-se, impiedoso, sôbre o agonizante, escancarando-lhe diante da alma apavorada os portais incandescentes do inferno. E bradava-lhe, terrível, pondo-lhe o Crucifixo diante dos olhos:

— Pecador! arrepende-te. Vês esta coroa de espinhos na cabeça dêste Mártir? Foste tu que a pregaste!... Vês estes cravos nas mãos desta Vítima? Fôste tu que os cravaste!... Vês esta chaga, junto ao coração dêste Deus? Fôste tu que a abriste!...

Na sua alucinação de fanático frei Daniel parecia um possesso. Êle era o juiz supremo, a condenar sem remédio a humanidade toda, condensada, alí, na carcassa moribunda do Sizenando.

— Vês êste sangue a escorrer dêste corpo ensanguentado? Fôste tu que o derramaste!

E a cada acusação que fazia, frei Daniel indicava na imagem do Crucificado o ponto do delito. Como, porém, estivesse com a mão esquerda ocupada, ia indicando, no seu arrebatamento, com a própria vela, cuja chama percorria, assim, como um dedo de fogo, o corpo do Mártir.

O rosto banhado em suor, atordoado pela agonia final e pelos gritos trovejantes do religioso, o Sizenando apenas podia acompanhar, entre a vida e a morte, o movimento da chama itinerante. E olhava-a, agoniado, quando o monge gritou:

— Vês estes outros cravos nos pés dêste santo? Fôste tu que os pregaste!

E terrível:

— Vês? Hein?... Vês, condenado?

A chama parara, fixando-se nos pés da imagem. E foi quando, vendo o desastre, o Sizenando, ofegante, quasi nos estertores da morte, gemeu:

— Ponciana... Ponciana...

A mulher acorreu. E êle:

— Apaga a vela... Senão... ela... queima... o pé do santo...

E rolando os olhos nas órbitas:

— E vão dizer... que fui eu...

IV

ESCLARECIMENTO

Embainhado no seu pijama de sêda malva, do qual jamais soubera o preço, o Josué Lobato Melo estava com o rosto ensaboado, em frente ao espêlho do guarda-casaca, fazendo morosamente a barba. A *gilette* niquelada corria-lhe pela epiderme, num ruído áspero, de papel machucado. De vez em quando, o rapaz inchava uma bochecha, para raspar mais fundo. E o pensamento voava-lhe para longe, vagabundo, em visita a bancas de jôgo e a corpos de mulheres.

Foi nesse momento precisamente que a espôsa, a Antonieta, entrou no quarto. Vinha do banho, e embrulhava-se toda, arrepiada e friorenta, na sua capa de felpa, que, toda branca, lhe dava os ares de uma gatinha de raça.

Num momento, porém, a capa é atirada para uma cadeira, e aparece, em todo o seu esplendor, o corpo jovem da rapariga. Pelo espêlho, indiferente àquele tesouro que é seu,

o Lobato Melo vai vendo as moedas que o constituem: o colo firme, os seios pequenos e túrgidos, o ventre de efebo, as pernas elegantes, modelares, de Diana Caçadora. A testa, os olhos, a bôca, as faces, não as pode ver dalí, porque o cabelo dourado e curto, que a moça enxuga no momento com uma toalha pequena, lhe cai até o queixo, como a cortina de ouro à porta de um templo encantado.

De súbito, porém, a rapariga vira-se e o que aparece no espêlho é, exatamente, a outra face do seu corpo. A navalha range no rosto do rapaz mas os seus olhos começam a subir, por simples desfastio, por aquela coluna de carne. Admira-lhe os tornozelos brancos, delicados, que emergem da sandália de pelica azul. Analisa-lhe a perna, a côxa, e as ancas firmes, e a cintura graciosa, e as espáduas que se defrontam, claras, lisas, como as duas fôlhas de um álbum em branco, e em que só se devesse escrever com letras de beijos. E o Lobato Melo ia subir, com os olhos, aquela escada de neve, quando, de repente, indagou, sem se voltar:

— Que mancha é essa, roxa, aí na tua nuca?

Antonieta levou a mão, pelo tato, ao lugar indicado.

— Aquí?

— Sim.

— Tu não sabes, então, que eu tinha de pagar, ontem, aquela conta da costureira?

O rapaz não respondeu. O silêncio caiu, de novo, no aposento no qual só se ouvia, discreto, o escorregar da *gilette* pelo sabão...

V

O PANO DE BÔCA

A grande paixão da Julieta Praxedes fôra sempre o teatro. Menina ainda, no colégio, o seu maior prazer era o dos fins de ano, quando, nas festas de entrega de prêmios, as alunas ensaiavam uma comédia, na qual lhe cabia, pela sua vocação, o papel de protagonista. E nas férias, em casa, nada a encantava tanto como estender um lençol à porta de um quarto, para puxá-lo depois, simulando uma cortina de palco, no qual aparecia, risonha, mesureira, atirando beijos nas pontas dos dedos a uma frenética multidão de espectadores imaginários.

Aos vinte anos, estava Julieta entregue a si mesma, na vida, em um palco de verdade. Não era uma linda mulher mas era, com certeza, uma atriz excelente. O rosto longo, o queixo um pouco avançado, o nariz maior do que se lhe pedira, encontrava no físico uma série de obstáculos que o talento não conseguira remover. Era, contudo, moça. E como toda mulher nova, conseguiu uma série de sucessos, preferindo, porém, como

artista de vocação, cair nos braços cujas mãos lhe haviam dado maior quantidade de palmas.

Ao fim de dois lustros, era Julieta Praxedes a ruína de si mesma. Andava pelos trinta anos e parecia ter quarenta e cinco. As tintas, as noites em claro, os prazeres e as decepções, haviam passado pelo seu rosto como carros de bois por um caminho do sertão: deixando sulcos. Não obstante isso, as suas palestras, os seus cuidados, continuavam a girar em tôrno do palco, zumbindo sôbre a caixa do *ponto* como môscas sôbre o único torrão de açúcar que existisse no mundo.

Foi por êsse tempo que o Souza Guedes, o elegante diretor do Banco de Hipotecas, levado por uma dessas ilusões de ótica tão frequentes nos homens, entendeu de, uma noite, entre o 2.º e o 3.º atos da revista que se representava, mandar, com uma cédula de duzentos mil réis, o seu cartão de namorado a Julieta Praxedes. A resposta, como era de presumir, foi imediata, e afirmativa. E uma hora depois, penetrava o rapaz no modesto quarto de pensão que a artista ocupava e em que ela o aguardava, ansiosa, com o mais estudado dos seus sorrisos.

Logo à chegada, a dois metros de vista, sentiu o rapaz, mais uma vez, na sua vida de mundano, quanto é sábio aquele conselho

que manda ver os homens de longe, e as mulheres de perto. À claridade da lâmpada, a sua impressão foi a de quem visse, pela primeira vez, os bastidores de um teatro, com os seus cenários de sarrafo, e as suas árvores de papel pintado. As côres, os dentes, o brilho dos olhos, os encantos todos da artista dissolviam-se, de repente, na decadência física da mulher.

E não foi sem um estremecimento de terror que viu irem caindo, uma a uma, como as últimas fôlhas verdes de uma árvore ferida de morte, o casaco de sêda, o vestido, a combinação, o *soutien-gorge,* as peças principais, enfim, do vestuário feminino. Um safanão mais, e a camisa era atirada longe, fazendo surgir no meio do quarto, de pé sôbre o tapête vermelho, um corpo flácido de bacante, que houvesse passado vinte anos, longos como um século, numa alcova de marujo.

O espetáculo daquela miséria, agravada pelo cinismo, irritou o rapaz. O nojo subiu-lhe do coração ao rosto, como um vômito da alma. E foi com êle estampado nos olhos que se pôs de pé.

— Já te vais? — fez a rapariga, estendendo-lhe os braços, espantada.

— Já.

E como bom homem de finanças:

— Dá-me o meu dinheiro... Anda!

A essas vozes, Julieta sentiu toda a revolta do seu orgulho insultado.

— Teu dinheiro?!... — fez, as mãos na cintura, os seios batendo, moles, como duas mãos de defunto. — Tu não vês logo?... Aquí, filho, é como no teatro.

E indicando a roupa, no espêlho da cama:

— Depois de levantado o pano não se devolve mais o dinheiro da entrada!...

VI

A EXECUÇÃO DE SALIM

A cidade de Abadozar, na Bitínia, havia saído de uma daquelas revoluções tão comuns na Turquia Européia. Chefiada por Ahmed El-Aaabud e Salim Fashar, dois patriotas imprudentes, os camponeses das vizinhanças tinham atacado o quartel, assassinado oito soldados, o cadi e várias outras autoridades locais. No dia seguinte, porém, chegava uma grande fôrça de Escutari, cercava os revoltosos, dava-lhes combate, e lançava mão aos dois cabeças do movimento, que foram sumàriamente condenados à fôrca.

Em Abadozar, na cabeça da estrada que vai para Boli e Angorá, existe, como se sabe, uma grande ponte, sôbre as águas profundas do rio Zacaria. E foi êsse o local escolhido para a execução dos dois criminosos. Uma corda seria passada na trave da ponte, e, atirando-se o corpo no vácuo, ficaria êle balançando, trágico, sôbre as águas marulhosas do rio.

Na tarde dêsse mesmo dia, cercados de tropa, as mãos amarradas para as costas, seguiam os dois chefes revoltosos para o lugar do suplício. Atrás, a multidão, enorme e confusa, seguia-os, dando vivas a Mustafá-Kemal e "morras" aos sediciosos. E entre os mais agitados estavam exatamente dez ou doze dos conspiradores que, na véspera, haviam tomado a cidade e assaltado os seus armazéns.

Meia hora depois chegava o cortejo ao local escolhido, sôbre o rio mortuário. Sem o menor tremor nas mãos, o carrasco, Naaman El-Zaoh, passou a corda no corrimão da ponte, experimentando-a duas, três vezes. Pessoas mais curiosas debruçaram-se no parapeito, afim de presenciar melhor o espetáculo triste.

— Primeiro tu, Ahmed! — ordenou o oficial encarregado da execução.

Desatando as mãos ao condenado, foi-lhe passado o laço ao pescoço. Quatro braços o alçaram sôbre o parapeito, e, num impulso, o atiraram no ar, entre a ponte e o rio. A corda esticou, mas ouviu-se logo um "oh!..." de admiração. Com a violência do choque, o nó se havia desfeito, projetando o condenado na correnteza.

Ao atingir a água, o corpo foi ao fundo, num mergulho longo. Ao vir, porém, à tona, o que se viu foi Ahmed, nadador excelente,

meter o braço no rio, e, em braçadas largas, fender a corrente, atingir a margem, e, em correria desabalada, desaparecer no mato entre os gritos ruidosos da multidão.

Serenado o tumulto, o oficial ordenou, grave:

— Agora é a tua vez, Salim!

O criminoso, um belo turco moreno, de olhos negros e bigode pequeno, estava pálido como se já estivesse morto. A serenidade mostrada até há pouco desaparecera como por encanto. Soltaram-lhe os braços. O carrasco aproximou-se, a corda na mão.

— Naaman! — suplicou o condenado, os olhos girando nas órbitas. — Por Alá, que é Deus, tem piedade de mim!

E caindo-lhe aos pés, soluçando:

— Experimenta bem êsse laço Naaman, que eu não sei nadar!...

VII

SERVIÇO DE AMIGO

Gonçalo Borba acabava de ler os jornais da manhã, metido no seu pijama de sêda *marron,* estendido no seu mole divã turco repleto de almofadas, quando o Marcolino Viana irrompeu na sala da *garçonnière,* atirando para uma cadeira o chapéu e a bengala de unicórnio.

— Ah, filho! Que desgraça! só a mim sucedem dessas cousas!...

Sentado no divã, mirando as unhas polidas de celibatário elegante, Gonçalo Borba mostrava pelo caso essa curiosidade desinteressada dos homens de educação.

— Mas, afinal, que foi que aconteceu?

— Que foi? Ora, que havia de ser!? Cousas que só me sucedem a mim, filho! Cousas que só me sucedem a mim!

E parando, de súbito, no meio da sala:

— Sabes o que foi? Minha mulher... está grávida!...

Dessa vez, a estranheza coube a Gonçalo Borba:

— Hom'essa!...

— Imagina tu, — continuou o outro, — que Adélia casou comigo sob a promessa de que eu não desejaria ter filhos. — "No dia em que eu verificar que me vais fazer mãe, eu te abandono com escândalo!" — costuma dizer. E agora, vem a desgraça: Adélia está com três meses!... Não é para um homem dar um tiro nos miolos?...

— É, mesmo, o diacho... — concordou o Borba, continuando a olhar as unhas. — E que pretendes fazer?

— Sei lá! Eu ando como doido. Ela telefonou-me há pouco para o escritório comunicando-me o resultado positivo do exame médico e dizendo-me que vá imediatamente para casa. De passagem, então, entrei aquí, para pedir o teu conselho.

E encaminhando-se para o celibatário, sacudindo-o pelos ombros:

— Salva-me, Gonçalo! Pelo amor de Deus, salva-me!

— Mas, como, rapaz! Que é que eu posso fazer?

A passear, de novo, de um lado para outro, Marcolino Viana mostrava-se nervoso. Voluntariosa como era, a Adélia, quando êle chegasse em casa, faria, com certeza, o escândalo prometido. E êle teria que a abandonar, que se divorciar, e, o que era pior, que entregar à espôsa a fortuna que

ela trouxera... De súbito, porém, teve uma idéia. Estacou.

— Gonçalo, — disse, a voz comovida, — tu és meu amigo?

— Duvidas disso?

— Então, tu me vais salvar. Tu me vais prestar um serviço que eu não esquecerei em toda a minha vida.

— Como?

— Veste-te, vai lá em casa, e dize à Adélia...

— ?...

— Que o filho é teu!...

VIII

A INVENÇÃO DO DIABO

(LENDA BRETÃ)

O sol acabava de transpor a metade do céu, rolando, como uma bola incendiada, para o ocidente, quando o modesto carpinteiro de Belém, soprando as mãos trêmulas, que o trabalho afogueara, se afastou da ferramenta. Pelo chão, enrolados em fitas ou sôltos em cavaco grosseiro, restos de madeira se espalhavam, cheirosos, perfumando a tenda do artífice humilde.

Ao longe, os outeiros faiscavam, como se fossem de aço polido. Pombos arrulhavam perto, em namôro, e o rio, chapeado pelo sol, era, lá em baixo, correndo para o oriente, como um punhal de prata enfiado no peito ardente da terra.

Estatura mediana, o manto escuro amarrado à cintura por um cordão grosso, a barba grisalha descendo pelo peito, José, o carpinteiro, resolve descansar por um instante. Toma, por isso, a lâmina com que cortava a madeira, a faca de cabo forte que tanto lhe calejava as mãos, deixa tudo sôbre o banco

de marceneiro em que trabalhava e, fazendo dos braços travesseiro, estende-se sôbre uma tábua mais larga que se acha no chão. Em seguida, fechando os olhos com a facilidade dos justos, adormece, num instante.

Mal, porém, mergulha no sono, eis que aparecem na janela da oficina ligeira dois chifres agudos e curtos, que se vão, pouco a pouco, levantando da terra. E atrás dos chifres, surge, desconfiado e sinistro, olhando para um lado e para outro, o rosto esguio do Diabo, que, de um pincho, fazendo estalar as unhas de bode na madeira da janela, passa para o lado de dentro, como um ladrão que assalta uma casa. Uma vez aí, procura, em vão, alguma cousa em que exercite a sua malignidade. E ao dar com a faca de grande lâmina com que o artista primitivo corta as tábuas, sorrí tràgicamente, mostrando sôbre os beiços caprinos duas fieiras de dentes amarelos.

Pisando cauteloso, aproxima-se da lâmina, e, indo até fora, no quintalejo, começa a bater com ela na pedra, dentando-a toda. E quando a vê dentada, inutilizada, corre a deixá-la no mesmo lugar em que a encontrara, desaparecendo em seguida, aos pulos, aos pinchos, numa fuga de caprino assustado.

Momentos depois, o carpinteiro acorda, passa as mãos pelos olhos, abrindo a bôca,

num ressono. Feito isto, ergue-se, sacode do manto os detritos de madeira que a êle se haviam agregado, e, caminhando para o banco, retoma a ferramenta e o trabalho.

Ao empunhar a faca observa, porém, os dentes nela feitos, e sorrí.

— Abençoado seja quem fez isto! — diz, bondoso, manejando a lâmina para lá e para cá no corte da madeira. — Abençoado seja quem fez isto, facilitando, assim, o esfôrço das minhas mãos!

O Diabo, sem o querer, havia inventado o serrote.

IX

O BURACO

(RENÉ NOZELLES)

Em um grande hotel da Touraine, cuja receita principal provém dos turistas que vão visitar os famosos castelos do Loire, desce, em um dos últimos dias do último outono, Ernesto Duvallois. Após o jantar suculento, levanta-se êle da sua mesa de hóspede, e sobe para o quarto que lhe foi destinado, afim de escrever algumas cartas urgentes. E enquanto escreve entra-lhe pelos ouvidos o barulho do *jazz,* cujas melodias nervosas, e mais ou menos negras, guiam o ritmo da sua pena apressada.

De súbito, sente Duvallois um estranho mal-estar. Teria, acaso, comido melão em grande quantidade? Teria esquecido a sua cinta de flanela, que lhe aquecia o ventre delicado? Não! nada disso. O que é certo, é que o momento não é para perguntas, para divagações, mas para deliberações decididas e urgentes.

Por ocasião da chegada, havia-se esquecido de perguntar onde ficava o... lavatório. Mas, para que? No momento, procurando, êle o acharia... E, no entanto, no instante de maior necessidade, ei-lo acima e abaixo, descendo e subindo escadas, e... nada! Desce um andar... sobe dois... olha, espia, inspeciona, e... nada!

Ia, enfim, tocar a campainha para chamar o criado, quando uma dôr mais forte, mais violenta, mais imperativa, o faz reentrar novamente no quarto. Abre a porta da mesa de cabeceira... E o móvel, vazio!

Duvallois volteava pelo aposento como um louco, ou como um cavalo de circo, fazendo essa viagem dolorosa com ambas as mãos no ventre, a pensar, aterrorizado, na injúria que ia, certamente, fazer à sua calça americana, quando descobriu perto da cama, no soalho, um buraco, discretamente coberto por uma pequena grade. Curvou-se sôbre êle. Inspecionou. Olhou. O buraco parecia sem fundo.

— Bah! — pensou êle. — Nós depois veremos o que é isto. Por agora, não percamos um minuto... Uf!...

Apenas havia o mísero reconquistado a calma e bem-estar que sobrevêm a êsses momentos, e ouve-se um barulho de pessoas na escada. Batem à porta.

O dono do estabelecimento entra, furibundo.

— Cavalheiro, que é que o senhor fez?

Ernesto ia excusar-se, explicar a sua situação, a sua falta de tempo, a sua ignorância dos lugares, se assim podia dizer; o proprietário, estrangulado de raiva, não lhe dá tempo, contudo, para nada.

— Desgraçado! — troveja o bruto. — Por que escolheu o senhor exatamente êsse lugar para... enfim, para descarregar cousas que a saúde tolera, mas que o olfato reprova? Por que?

— Mas, cavalheiro, eu vi um buraco... eu pensei...

— Um buraco!... Sabe o senhor o que é êsse buraco?

E apoplético:

— Êsse buraco, desgraçado, é o arejamento do ventilador do salão de dansa, e neste momento, por sua causa...

— ?...

— Os convidados estão todos salpicados de porcaria!...

X

INTERVENÇÃO CIRÚRGICA

Para o Dr. Varela Mendes, foi aquele, talvez, o dia mais feliz de sua existência. Há muitos anos, desde o seu tempo de estudante, ardia-lhe no coração a fogueira daquele desejo pecaminoso: possuir nos braços, mesmo pela violência, o corpo moço, claro, soberbo, de Mme. Monteiro Wolf. E era exatamente para operá-la de apendicite, que o vinham agora convidar, como se o Destino houvesse resolvido colocar sob os seus olhos, tentando-lhe os sentidos, a carne que mais apetecera na vida.

Aceito o convite, e escolhida a casa de saúde, Varela Mendes, uma vez cloroformizada a enfêrma, declarou ao assistente:

— Agora, deixe-me só.

— O doutor vai operar sòzinho?

— Vou.

Fechada a porta por dentro, o jovem operador meditou. Ia jogar, naquele lance, a sua reputação, a sua nomeada, o seu futuro profissional. O Diabo venceu, porém, no duelo, e foi com mãos resolutas, sem um tre-

mor, que Varela Mendes tateou, encantado, aquele corpo maravilhoso, mas inerte, que fôra o maior tormento da sua mocidade. Beijou-lhe a bôca, onde o cravo vermelho dos lábios se havia tornado, com o clorofórmio, em cravo branco. Beijou-lhe o colo de jaspe; e os botões miúdos dos seios; e os braços roliços e, antes de ferí-lo com o bisturí, o mármore claro do ventre estéril. E como se o demônio o impelisse, atirou-se como um bicho, como um monstro, sôbre o corpo impecável e morno, transformado em estátua pela cloroformização intensa e completa.

De súbito, porém, a moça começa a despertar. Para impedir o escândalo, Varela Mendes, que verificara a nenhuma necessidade da operação, dá dois golpes de bisturí no lado direito da enfêrma, ensopa os algodões, envolve-a de gaze, e, mais pálido do que a operada, abre a porta, ordenando às enfermeiras:

— Levem-na para o quarto. Abrí-lhe o ventre, mas, felizmente, não foi necessária a extração do apêndice. Encontrei-o nas melhores condições.

II

Mulher fina, mundana, inteligente, a Mme. Monteiro Wolf não escapou o interêsse

com que a tratava o eminente operador. O tremor das mãos quando, agora, lhe fazia o curativo, denunciava-lhe alguma cousa que êle sentia mas não podia dizer. Tê-lo-ia encantado o seu corpo, durante a intervenção a que se submetera?

Foi mais por simples curiosidade feminina do que, mesmo, para corresponder a um afeto possível, que Mme. Monteiro Wolf começou a animar o ilustre especialista com as suas delicadezas de enfêrma. Hoje um sorriso pálido, amanhã um olhar de saudade, depois um apêrto de mão mais longo, e, em breve, estava o médico inteiramente vencido pela mais desvairada paixão. Até que, um dia, encontrando só a cliente, não pôde mais, e confessou-lhe tudo.

— Madame, faça de mim o que quiser. Entregue-me à justiça, expulse-me da sua presença, mas eu não posso mais. Eu sou um infame, um sátiro, um miserável! Deixe que lhe confesse tudo!

— Mas, doutor... — aventurou a doente, tentando interrompê-lo, mas doida por saber o resto.

— Sim; deixe-me confessar-lhe. Eu a amo desde estudante, desde menino. Adorei-a em silêncio doze anos! E agora, convidado para operá-la, depois da senhora cloroformizada, fiquei sòzinho na sala, e...

— ...?

— E aproveitando o seu estado, o seu sono de clorofórmio, beijei-lhe o corpo todo, e...

— E...?

— E fui um sátiro, minha senhora!...

Um brilho novo iluminou os olhos de Mme. Monteiro Wolf. No seu rosto pálido estampou-se a indignação. Varela Mendes sentiu-se perdido.

— Doutor, — rugiu, por fim, entre dentes, a moça, — eu nunca o perdoarei.

E adoçando a voz:

— Por que não esperou que eu acordasse?

XI

O BANQUEIRO

Saídos os dois da Faculdade em 1910, cada um dêles havia tomado o seu destino: Bernardo Frota entrara para a magistratura, aceitando um lugar de promotor público no interior de S. Paulo, enquanto o outro, o Rocha Góis, se deixava ficar no Rio, tentado pela vida de explorações vantajosas. Tinha amigos no govêrno, e seria, em breve, ou milionário, com a advocacia administrativa, ou deputado federal, com o auxílio de alguns elementos populares, sàbiamente utilizados no momento oportuno.

Ao fim, porém, de um ano, ao vir à capital da República visitar a família, Bernardo Frota encontrou o Góis. Estava o mesmo: a mesma roupa surrada, as mesmas botas sem graxa, a mesma barba da véspera.

— Então, meu velho, que é isso? Ainda não arranjaste nada?

O outro queixou-se. As amizades de nada lhe tinham valido. Não conseguira um só negócio rendoso, e, em matéria de política,

havia sido um desastre. Alistara muita gente, mas, no momento do pleito, estavam os eleitores todos com o adversário.

— Mas, agora, — acrescentou, — estou esperançado; ando de namôro com uma viúva rica, e velha; e, mais dia menos dia, estou casado e milionário.

E batendo com fôrça no ombro do outro:

— Casado e milionário!

Ao cabo de mais um ano, tornando ao Rio, foi para o Bernardo Frota um espanto, encontrar o Rocha Góis. Era outro homem. Rosto escanhoado, roupas irrepreensíveis, brilhante no dedo, sorriso de felicidade. Cada pessoa que passava, tirava o chapéu, num gesto de consideração.

— Casaste, então, com a viúva? — indagou o promotor paulista, com vivacidade.

— Não; a viúva não quis...

— Entraste para a Câmara, para o Senado, para o Conselho?

— Absolutamente!

— Enriqueceste na advocacia administrativa?

— Ainda menos!

Vendo, porém, que o antigo companheiro de turma era um homem discreto, disse-lhe o caso:

— Tudo isto é porque eu abrí um Banco; sabes?

— Tu abriste um Banco?... — fez o outro recuando. — Mas, com que? Tu não tinhas capital!...

— Não foi preciso.

— Não foi preciso? Então, pode-se abrir um Banco sem capital?

— Pode-se, perfeitamente. Abre-se, como eu abrí.

E ao ouvido do Frota, que deu um pulo para trás:

— Eu abrí com... uma gazua!

XII

A PRESSÃO

Quando o velho Leví teve notícia de que a sua filha Rebeca se apaixonara por um cristão, foi uma revolução na casa toda.

— Eu te amaldiçoarei, infeliz! — bradou o ancião, com o feixe de barbas tremendo como uma touceira de capim ameaçada pelos bodes. — Eu te amaldiçoarei, e o Senhor Jeová te amaldiçoará; e te amaldiçoarão todos os profetas de Israel, se ainda puseres o teu pensamento naquele cão, quando há, dignos de ti, tantos mancebos da nossa religião!

Fernando de Souza Gama era, porém, teimoso, e Rebeca era mulher. Amavam-se de coração. E quando dois corações se amam, se desejam, que valor têm, para êles, as pátrias, os partidos e, mesmo, os deuses que se acham no céu? Perseverante como a água que cava o rochedo, a formosa judia tanto fez, tanto insistiu, tanto rogou, que, um dia, o velho Leví, ainda que a contragosto, aquiesceu:

— Bem; tu gostas dêle... Não gostas?

— Gosto, meu pai.

— E êle gosta de ti?

— Também, meu pai.

— Pois, então, se êle gosta de ti, e te quer para espôsa, que se converta à nossa santa religião, siga os seus preceitos, e eu ta darei para mulher.

Ao ter notícia da aquiescência, e informado do que lhe competia fazer, Souza Gama foi procurar o seu velho amigo Heitor Gomensôro, cirurgião afamado, e, pondo-o ao corrente de tudo, declarou o que desejava: que êle lhe tirasse aquilo que distingue um cristão de um judeu, e que se acha resumido no ato de circuncisão.

A operação correu admiràvelmente, e, um mês depois, Fernando de Souza Gama era espôso de Rebeca Leví, e genro do velho Samuel Leví, o famoso joalheiro da Avenida.

A um corpo, é fácil ficar israelita: um golpe de bisturí, e pronto. As almas, porém, não se adaptam com facilidade, não havendo, para elas, circuncisão possível. Daí a situação do pobre Souza Gama, o qual, ao fim de dois anos, requeria divórcio, que lhe foi, afinal, concedido sem relutância.

Ao cabo de seis meses, estava êle apaixonado, de novo. Adorava uma formosa rapariga, Helena Mendes, cujo pai, católico,

apostólico, romano, logo levantou um obstáculo:

— Casar minha filha com um judeu? Deus me livre!

Helena era, porém, da têmpera de Rebeca. O pai, trabalhado por ela, acedeu no casamento, mas com uma condição: Fernando de Souza Gama declararia não ser judeu, submetendo-se ao exame necessário.

Pôsto ao corrente dessa exigência, o rapaz correu mais uma vez ao seu precioso camarada, o Heitor Gomensôro, contando-lhe a sua nova atrapalhação.

— Ainda bem, meu velho, que eu fui prudente, — respondeu-lhe êste. — Imagina tu que eu, por se tratar de ti, guardei em álcool, até hoje, aquilo que, há três anos, te cortei!

— Deveras, meu velho? e está conservado?

— Conservadíssimo... Agora, é só costurar...

Foi buscar o frasco, tirou o que havia nele, preparou a agulha, o fio, e ia começar o trabalho, quando Souza Gama lhe tocou no braço:

— Meu velho, sabes de uma cousa? Não costura, não. Quem sabe se amanhã, eu não tenho de deixar Helena para casar com outra judia?

— Que queres, então, que faça?

Souza Gama coçou a cabeça, atrapalhado. E de repente:

— Tu não podias prender com uma pressão?

XIII

O ENXÊRTO

O coronel Pantaleão podia ser tudo; menos, porém, egoísta. E tanto não o era, que, casado com uma senhora vinte anos mais velha do que êle, e que lhe dera, com a sua fortuna, todo o confôrto da vida, não se conformava com a fatalidade da natureza, fazendo decair aquele corpo que fôra, podia dizer, todo o seu sonho de mocidade.

Pantaleão Cavalcanti era ainda rapazola, realmente, quando, como empregado do Barão de Quatro Rios em Ribeirão Preto, começou a sentir pela jovem Baronesa uma dessas afeições invencíveis, e que só não são um pecado porque nunca se manifestam, dormindo em segrêdo como as aves que fazem ninho em moita de espinheiro. A Baronesa era moça, linda, rica. O espôso, homem de trato, dava-lhe tudo o que a sua fantasia desejava. Que podia, pois, esperar do Destino um pobre caixeiro da fazenda de café, senão o martírio da sua paixão sem esperança?

O mundo realiza, porém, voltas inesperadas. Surpreendido por um insulto cerebral, o Barão morre repentinamente. E dois anos depois, com grande surpresa dos vizinhos e do próprio noivo, a Baronesa casava com o Pantaleão, não talvez por amor, mas por ver nele o melhor defensor dos seus interêsses de fazendeira milionária.

Dono, de súbito, de uma grande fortuna, e, sobretudo, de uma mulher ainda nova, o Pantaleão, que adquirira, para ter um título, uma patente de coronel da Guarda Nacional, fez o possível para tornar-se digno das duas heranças que lhe haviam caído nas mãos. Adorava a espôsa, e respeitava-a. Queria-a como uma companheira, como mulher, como amiga. E daí a pena que sentia no coração, ao vê-la decair na casa dos sessenta anos, os olhos empapuçados, o rosto cortado de rugas, e, sobretudo, com a morte radical daqueles sentidos que haviam sido, na mocidade, o encanto de dois maridos.

— Como é horrível, — dizia êle, consigo mesmo, — vêr-se tombar na velhice, na decrepitude, um corpo que se quis bem!...

Foi por êsse tempo que, completando as descobertas do professor Voronoff, se falou, na imprensa carioca, do enxêrto, também, em mulheres. Ao ler a notícia, o coronel ficou radiante: meteu a espôsa em um trem especial até São Paulo, e num outro

até o Rio, internou-a na melhor casa de saúde da cidade, e, procurando o dr. Abdenago Lins, que lhe haviam indicado como competente, contratou com êle a operação, que consistiu no enxêrto, apenas, de duas glândulas de cabrita.

Seis meses depois, ia o conhecido médico brasileiro pela rua do Ouvidor, quando reconheceu num transeúnte o coronel Pantaleão. Foi ao seu encontro, a mão estendida.

— É o coronel Pantaleão Cavalcanti, de Ribeirão Preto?

— Sim, senhor.

— Andava ansioso por vê-lo. Diga-me uma cousa: como vai passando a sra. Baronesa, depois da operação? Ela está na fazenda?

— Não, senhor; está aquí no Rio, — informou, displicente, o coronel.

— Ela ficou boa?

— Ficar, ficou, — informou, constrangido, o fazendeiro. — A questão é que eu tive de vender a fazenda e me mudar para a cidade.

Soltou um suspiro:

— O senhor não imagina, "seu" doutor, o mal que o senhor me fez com a tal operação!

E desolado:

— A doente remoçou um bocadinho, lá isso é verdade; mas eu tive que sair da fazenda... A velha, mal via bode, "seu" doutor...

E horrorizado:

— Berrava para se acabar!...

XIV

POR CONTA DO DEFUNTO

(ADAPTADO DE G. DELAMARE)

Aquela paixão do Liberato Mendes pela Matilde Sobreira vinha de longa data. Engenheiro civil, ganhando pacìficamente a vida, o rapaz costumava fazer ponto em frente ao Pathé, quando viu a primeira vez, por volta das cinco e meia, aquele gracioso tipo de mulher. No dia seguinte, ficou no mesmo lugar à espera da aparição. E ao fim de um mês sabia já que se tratava de uma rapariga viúva, de boa família e costumes honestos, que andava, apenas, atrás de um segundo casamento.

A corrente de simpatia que se estendeu entre os dois foi, porém, engrossando de tal forma, que, um dia, na ocasião em que a viúvinha aguardava o seu bonde na Galeria Cruzeiro, o Liberato lhe propôs um passeio de automóvel.

— Pois não, — concordou a Matilde, com simplicidade: — o senhor é um homem de bem, um cavalheiro respeitador, e, ademais, há de ser de dia; não é?

— Não tenho dúvida nisso.

— Então, fica assentado... Amanhã, às quatro e meia... Eu o esperarei aquí...

No dia seguinte, à hora aprazada, estavam, alí, os dois. E partiram conversando, a pé, até em frente ao Municipal, onde um "landaulet-taxi", discreto e de cortinas um pouco descidas, era como uma câmara convidativa, oferecida àquele namôro nascente.

— Vamos neste! — declarou o rapaz, fazendo entrar a rapariga.

E para o *chauffeur*:

— Vamos até à Praia de Botafogo...

Deslizando no asfalto, o carro seguiu, pela Avenida Beira-Mar. E enquanto seguia, o Liberato aproveitava a oportunidade para falar da sua simpatia, do seu amor, do seu desejo de ser compreendido, de viver, enfim, para outro coração. E começava a apertar de encontro ao peito a mãozinha miúda da moça, quando o carro parou, e o *chauffeur* bateu no vidro, indagando, sem voltar-se, para dentro:

— Agora, para onde vamos ?

Era a praia de Botafogo. Liberato teve uma idéia.

— Vamos à estação da Praia Formosa, — declarou.

E o carro partiu, de novo, marcando, de duzentos em duzentos metros, 200 réis no

relógio fatídico. E marcava, já, 18$400, quando o *chauffeur* bateu, de novo, no vidro:

— Praia Formosa!

No caminho em que iam as cousas, o Liberato não podia recuar. Os dois primeiros beijos já haviam sido trocados, e o rapaz percebia, pelo nervosismo da rapariga, que, naquele dia, atingiria o último limite no capítulo das carícias. E ia ordenar que o carro voltasse ao centro da cidade, quando viu adiante, desfilando, um enorme cortejo em marcha lenta, pausada, de quem não tem pressa. Era um entêrro que seguia para o cemitério do Cajú. Uma idéia cortou o cérebro do moço engenheiro.

— Acompanha o entêrro! — ordenou.

E momentos depois, seguia o casal, cômodamente, enfileirado ao séquito, no rumo do cemitério. A marcha vagarosa do cortejo, e colocação dos automóveis, em fila, facilitavam aos dois a realização definitiva dos seus desejos. E trocavam o último beijo, a última carícia, soltando o último suspiro, quando o Liberato propôs:

— Vamos saltar aquí?... Tomaremos outro taxi, de volta... Não convém que êste *chauffeur* saiba onde nós moramos.

Concordando com isso, Matilde Sobreira retocou apressadamente o cabelo, abotoou a blusa, corrigiu a saia, e dava-se por

pronta, quando o cortejo parou à porta da necrópole.

— Vamos saltar! — convidou o rapaz.

A viùvinha saltou, e o Liberato também.

O rapaz meteu a mão no bolso do casaco, arrancou a carteira, e ia abrí-la para retirar uma cédula de cincoenta, quando um cavalheiro de preto se aproximou, e tocou-lhe no braço, detendo-lhe o gesto.

— Perdão, cavalheiro; mas, não consinto!

E fazendo um gesto ao *chauffeur*, para que não recebesse:

— As despesas do entêrro são, todas, por conta da família!

O relógio marcava, no momento, 48$200.

XV

O CABIDE

Como se tratava de festas da família, de reuniões quasi íntimas, os donos da casa, os Rocha Bordalo, haviam considerado desnecessário, nas suas recepções das quartas-feiras, um criado na saleta de entrada, que servia de vestiário. O conviva entrava, despia êle próprio o seu sobretudo ou a sua *fourrure,* pendurava-a no cabide, e penetrava na sala, enfeitada de flôres e mulheres. Era tradição do casal, e, por isso, ninguém estranhava aquela originalidade, em gente tão *chic.*

Foi exatamente aí, nessa antessala, que o engenheiro Pettersen Maia encontrou, naquela noite, a linda senhora Borges Mota. Apesar de não ter visto o automóvel que parara ao portão antes do seu, o rapaz adivinhou, ao saltar, que ela o havia precedido de poucos minutos.

— É a Heloísa! — disse, pulando do carro, e apressando o passo.

Efetivamente, havia no ar, perceptível apenas à narina dos entendidos, o perfume

vago das mulheres bonitas. E não se enganara na previsão, pois que, ao penetrar na saleta, encontrou, brilhando na meia claridade do compartimento, como o crescente lunar em noite enevoada, uma espádua de neve, que emergia, pouco a pouco, da nuvem grossa de uma custosa pele de urso.

— Minha senhora... — saudou o rapaz, galantemente, assim que a moça se voltou.

— Boa noite, doutor... — saudou a rapariga, perturbada, estendendo-lhe a mão para o beijo convencional.

Entre os dois havia, de longa data, essa tranquila simpatia de duas almas superiores, que se entendem sem pecado. Heloísa Mota era uma linda mulher, na vivacidade honesta dos vinte e dois anos. De estatura mediana, cabelos alourados, que ondeava como o vento ondeia a superfície de um lago, era clara, e tinha uns olhos doces, azulados, de boneca alemã. Pettersen Maia, êsse, era um rapagão moderno, legítimo tipo de cinema, dêsses que os filmes americanos nos mostram como figurino, e que os esportes realizam, para tortura das mulheres e orgulho da raça.

Aquele encontro, alí, perturbara, por isso, os dois. Respeitando a criatura a quem adorava, o moço engenheiro tirou, logo, o seu sobretudo, colocando-o em um dos gan-

chos do cabide. A moça já havia, porém, despido a sua pele, e na atrapalhação, pendurou-a no mesmo gancho, sôbre o agasalho do rapaz. Êste percebeu a confusão, e como a linda rapariga já fosse penetrar no salão, chamou-a:

— Madame...

A moça voltou-se.

— Madame, — tornou o rapaz, — eu lhe peço: não pratique, nunca mais, êste adultério.

A rapariga ficou lívida.

— Que é que o senhor quer dizer com isso? — reagiu, ofendida, os olhos fuzilantes de cólera.

— Sim, minha senhora, — retorquiu o galã, indicando as duas capas, reunidas no mesmo gancho.

E com severidade:

— Que é uma mulher adúltera, minha senhora, senão aquela que pendura a "pele" em um gancho que não é o do seu marido?

XVI

MENTIROSO!

Rubião Barbosa era, pela sua ingenuidade, objeto das pilhérias de toda a gente em Estância, em Sergipe, quando, meditando sôbre o seu futuro, imaginando o que seria a velhice naquela terra de meninos sem respeito, resolveu abandonar o pai, a mãe, e as irmãs, e ir sentar praça na capital, como voluntário do Exército. E um mês depois, estava engajado, treinado, e, com a sua companhia, em viagem para São Salvador, de onde devia embarcar, incorporado à outra, para os altos sertões do Paraná.

Alto, forte, fisionomia de criança, Rubião dava os ares de um belo gigante inocente. Com o seu raciocínio retardado, a sua timidez, a sua cordura, a sua bondade, fazia lembrar aquele São Cristóvão das lendas medievais, misto de fortaleza e candura, de imponência e santidade. Tão grande era, mesmo, e tão sincera, a sua singeleza, que, em vez de ridículo, inspirava simpatias, não só aos oficiais, como a todos os companheiros de farda.

Três meses após a partida de Estância, estava Rubião Barbosa na linha de frente,

guarnecendo, contra as incursões dos rebeldes, a estrada, ou antes, o carreiro, que vai de Formigas a Centenário, incorporado ao 19.º de Caçadores. Corpulento, robusto, quasi gigantesco, a sua figura constituía um alvo seguro aos tiros do inimigo, se, sertanejo de boa marca, não estivesse êle habituado a apanhar, no folhedo, perdizes com a mão.

Certo dia, estava o Rubião no seu pôsto, o ventre no chão, o fuzil na unha, vigiando a mata misteriosa, quando recebeu ordens de ir, com um companheiro, examinar a posição adversária. Cauteloso, passo miúdo, afastando as fôlhas para não fazer barulho, o gigante sergipano partiu, com o soldado Manuel Fernando, assim que principiou a anoitecer. A floresta havia se aquietado para dormir, deixando apenas lá em cima, no céu, para guardar-lhe o sono, a ronda de ouro das estrêlas vigilantes.

A cincoenta metros do acampamento inimigo os dois soldados foram, porém, apercebidos. Um tiro de fuzil riscou a noite, acompanhado de grito de alarme de uma sentinela. E logo, como se se tratasse de um ataque de surpresa, caiu sôbre os dois uma chuva de balas, acompanhada do rugido formidável da artilharia contrária.

Precipitando-se para trás, em carreira furiosa, os dois abriram caminho com a cabeça e com os braços, quando Rubião, que ia

à frente, ouviu, após um estrondo e um clarão, um grito do companheiro:

— Não me deixe aquí! Leve-me pelo amor de Deus!

— Que é que houve? — indaga o sergipano, parando, sem ver um palmo adiante do nariz, nas trevas da noite.

— A granada cortou-me as pernas!

Tateando no folhedo molhado, Rubião constatou a verdade dolorosa: ao explodir, a poucos metros, a granada havia, com um dos seus fragmentos, levado ao mísero ambas as pernas, deixando-o atirado ao solo, em um lago de sangue.

— Dá-me os teus braços — pediu o nortista, levantando-o; — segura-te ao meu pescoço. Vamos!

Com o companheiro às costas, agarrando-lhe os pulsos com a mão direita, e abrindo o mato com a esquerda, Rubião Barbosa corria, quando o canhão regougou de novo e a mata se iluminou, outra vez, a poucos metros, com a explosão de outra granada.

— Nossa Senhora! — gemeu o Rubião, sem parar.

Ao espatifar-se, o projétil enviara, porém, um fragmento, que, no seu arremesso, arrebentara, sem que o Rubião desse por isso, com a cabeça do Manuel Fernando.

Uma hora depois chegava o gigante sergipano ao acampamento, a farda rôta, o ca-

belo empastado na testa, todo preto e vermelho de sangue e de lama, tendo às costas os restos do companheiro.

— Que é isto, rapaz? — indagou o tenente Adauto.

— É a praça que foi comigo, meu tenente! — informou Rubião, segurando com a mão direita os braços do morto, e fazendo, com a esquerda, a continência regulamentar. — A granada, levou-lhe as pernas, e êle pediu que o trouxesse carregado.

— As pernas?... Só as pernas?... — fez o oficial, ao ver o corpo sem cabeça.

Rubião pôs no chão a carga, e arregalou os olhos.

— Uai!... — espantou-se, por seu turno.

Olhou em roda, torcendo as mãos, como quem teme ser acusado de uma falsidade.

— Meu tenente, — tornou, — se êsse desgraçado está sem cabeça, a mentira é dêle. Quando eu botei êle nas costas, para trazer, êle me disse que só tinha perdido as pernas!

E olhando o cadáver, com desdém:

— Mentiroso!...

XVII

O BATISMO DA MANGUEIRA

A cidadezinha de Nova Sião, à margem do rio Preto, em Minas, havia sido fundada exclusivamente por judeus. Por isso mesmo, foi levantada a prestações: hoje um bairro, amanhã outro, até que ficou definitivamente edificada.

Tendo as origens que teve, Nova Sião havia de ser, necessàriamente, um notável centro comercial. E como centro comercial que era, não podia deixar de ser próspera, alí, a indústria dos incêndios, — que é ainda, como se sabe, o melhor meio de resolver, nas grandes como nas pequenas cidades, as complicações comerciais.

Foi tomando em consideração essa indústria que o prefeito, Jacó Bloch, propôs um dia ao Conselho Municipal, a aquisição de uma bomba manual, para extinção das chamas. Uma vez que o município não podia organizar um Corpo de Bombeiros, era justo que possuísse ao menos uma bomba, puxada por um burro, e manejada por um ou dois homens, conforme a necessidade.

A proposta foi apresentada e longamente discutida. Os conselheiros municipais que eram agricultores, apoiaram-na. Os comerciantes, porém, combateram-na. E assim é que foi ela aprovada contra o voto dos conselheiros Isaac Merjovich, Abrahão Nicoloff, Levy Sudermann, Israel Benahon e Esaú Golombritcht, — que não podiam admitir a intervenção do município na propriedade alheia, em casos de incêndio, que eram da alçada puramente comercial.

Vencedora a proposta do Prefeito, foi encomendada a bomba, e marcado o dia da sua inauguração, na praça dos Sete Profetas. E êsse dia, foi de festa, de pompa, e de grande comércio, em Nova Sião. As Raquel, as Rebeca, exibiram os seus vestidos mais ricos, as suas jóias mais caras, os seus sorrisos mais frescos. Parecia um dia de festa, não da roça, mas da raça.

Ao meio-dia, em ponto, começou a cerimônia. Exposta diante da Sinagoga, a bomba com o seu motor e os seus vinte metros de mangueira nova, era alvo da admiração geral. De repente, porém, ouve-se um clamor, acompanhado de um movimento de curiosidade.

— Lá vem o Rabino!

Alto, moreno, olhos profundos e negros, a barba grisalha e farta a escorregar pelas vestes sacerdotais, o rabino Nataniel aproximou-se da bomba, afim de batizá-la. Todos se descobriram.

Não se ouvia voar um mosquito. Apenas, cava, soturna, a voz do sacerdote judeu, que concluiu pelo voto ritual:

— Adonai Elohenu!

— Adonai Echod! — responderam todos, comovidos.

Então, grave, austero, solene, o rabino caminhou para a bomba. Tomou, de um prato de ouro, uma faca de prata. Puxou a mangueira. E, entre as preces de todos, cortou-lhe, na ponta, cêrca de vinte centímetros de borracha.

As palmas ressoaram. Estava feita a circuncisão.

XVIII

JUSTIÇA PERSA

(CONTO DE TCHIN)

Certo dia, um ladrão, em ocasião propícia, foi informado de que o rico Djelal-ed-Din, mercador em Chiraz, havia conduzido para casa uma soma considerável, destinada às festas com o casamento da sua filha, a bela Zuleica, e resolveu apropriar-se de uma parte dêsse tesouro. Para penetrar na casa era preciso, porém, saltar um muro muito alto, e, nessa ginástica, o salteador veio abaixo, e tão desastradamente que partiu uma perna.

Arrastando-se, foi êle queixar-se ao cadi, que mandou chamar à sua presença o rico Djelal-ed-Din.

— Por que, — indagou o magistrado, com ar severo, — por que, filho de um cão, fizeste tu construir em tôrno do teu jardim um muro tão alto, que êste pobre ladrão quebrou a perna, ao tentar saltá-lo?

— Sombra de Deus sôbre a terra, que eu seja sacrificado sôbre o altar da tua prosperidade! mas, se o muro que cerca o meu

jardim é tão alto, a culpa não é minha: é que o empreiteiro o levantou mais do que eu desejava. Êle me cobrou, mesmo, um tal preço por êsse trabalho, que eu tive de vender uma parte dos meus bens para o pagar, chegando, quasi, a arruinar-me.

— Que se faça vir à minha presença o empreiteiro, — ordena o cadi.

— Por que, filho de um cão, — grita-lhe êste, indignado, — por que construíste um muro tão alto em tôrno do jardim de Djelal-ed-Din, de modo que êle teve as maiores dificuldades em pagar-te, e que êste desventurado ladrão, ao saltá-lo, quebrou a perna?

— Sombra de Deus sôbre a terra, que eu seja imolado no altar da tua prosperidade! mas foi o meu pedreiro que assim elevou o muro, no qual empregou tanto material que, não obstante o preço que cobrei de Djelal-ed-Din, fiquei quasi na miséria.

— Que se faça vir o pedreiro à minha presença, — tornou o juiz.

— Por que, filho de um cão, elevaste o muro de tal forma, que teu patrão, o empreiteiro, se arruinou, não obstante o preço cobrado de Djelal-ed-Din, o qual, por seu turno, viu o seu patrimônio diminuído por essa enorme despesa, e de modo que êste infortunado ladrão quebrou uma perna?

— Sombra de Deus sôbre a terra, que eu seja sacrificado sôbre o altar da tua prosperidade! mas, quando eu estava construindo êsse muro, vi no jardim uma mulher tão bela, com o rosto descoberto, que fiquei fascinado e perdí a razão. Eu pús tijolo sôbre tijolo, sem me aperceber, e, se tivesse mais material, mais teria pôsto, no atordoamento daquele espetáculo encantador!

— Que me tragam essa mulher — determinou o cadi.

— Por que, mulher impura, foste tu passear no jardim de Djelal-ed-Din, com o rosto descoberto como uma amaldiçoada, mostrando a tua face a êste operário, que, tendo por isso perdido a calma, construiu um muro tão alto que arruinou o seu empreiteiro, empobreceu Djelal-ed-Din, e provocou o deplorável acidente de que se queixa êste desventurado ladrão?

— Sombra de Deus sôbre a terra, que eu seja sacrificada no altar da tua prosperidade! mas, eu pensava não me tornar criminosa, eu, Zuleica, filha de Djelal-ed-Din, dando inocentemente, no jardim do meu pai, comida aos meus pintos.

— Que tragam os pintos à minha presença! — ordenou o juiz.

E mandou torcer o pescoço aos pintos.

XIX

A CONQUISTA

Foi em um dos cinemas da Avenida que o Liberato Rocha, o conhecido engenheiro e proprietário, conheceu aquela criatura tão impressionante. Era uma rapariga de, no máximo, trinta anos. Alta, forte, mas elegantemente trajada, mostrava, na sêda do vestido verde e na riqueza das jóias, a sua condição de mulher de luxo. Os seus modos eram, contudo, discretos, quasi hostís à admiração com que era olhada. E foi, mesmo, com hostilidade, que viu, na sala das projeções, a presença, a seu lado, daquele cavalheiro que a examinava tanto, e com tanta insistência, à claridade forte, e discreta, das lâmpadas da sala de espera.

A treva tem, porém, como a música, o dom de amansar os sentimentos. O manto de sombra que apara, à noite, a aresta às montanhas, suaviza, igualmente, as anfractuosidades das almas. E foi por isso, talvez, que, aquela rapariga tão hostil à claridade, se mostrou tão dócil, tão amável, tão accessível, quando, no escuro, os dedos

daquele vizinho procuraram, tateando, as cinco pétalas da camélia da sua mão.

Antes do último ato do filme haviam, já, os dois, travado palestra a meia-voz. À primeira investida do engenheiro, ela pediu-lhe, por tudo, que tivesse cuidado.

— Eu estou fazendo uma loucura, — disse, confusa, a voz trêmula. — O senhor pode fazer de mim um mau juizo...

E deu-lhe, em palavras rápidas, notícias de sua vida. Era uma senhora casada, residente em São Paulo. Tinha vindo ao Rio para ver uma filhinha que se achava no colégio, e, de repente, sucedia-lhe aquela desgraça.

— Desgraça? Mas, que desgraça é essa? — aventurou o engenheiro.

— O senhor, então, não sabe? A desgraça foi eu, uma mulher casada, e honesta, que jamais praticou a menor leviandade, interessar-me, assim, pelo senhor!

Uma onda de vaidade, encheu, de repente, o peito de Liberato Rocha. O seu desejo, naquele momento, era que o mundo inteiro ouvisse aquelas palavras saídas de uma bôca tão linda, para avaliar o valor daquela conquista e invejar, despeitado, a sua ventura e o seu destino.

— E depois do cinema, para onde vai? — tornou o engenheiro, apertando-lhe a mão fina, de mulher de trato.

— Vou para a pensão onde estou hospedada.

— E pode ser acompanhada?

— Oh!... — fez a rapariga, escandalizada. — Que horror! Nem pense nisso! É uma pensão familiar, uma casa séria, de onde eu seria posta na rua se se suspeitasse, sequer, que eu metia um homem no meu quarto.

Liberato era, porém, teimoso. Teimou.

— E se eu não fizesse barulho?

A rapariga sombreou essa indagação com um minuto de silêncio. Afinal, aquiesceu:

— Olhe, — disse, — é uma loucura o que eu vou fazer. É possível que seja expulsa da pensão por sua causa. Mas, como o senhor conseguiu apaixonar-me, vá comigo. Mas, com uma condição: que não profira uma palavra nem faça, em nenhuma hipótese, o menor barulho.

— Nem respiro! — prometeu o mundano, esfregando as mãos, de contente.

Meia hora depois, quasi meia-noite, depois de terem entrado afogando os passos na tapeçaria do corredor, estavam os dois em um quarto luxuosamente mobiliado, em cujos detalhes havia o traço inconfundível das mãos mimosas, e inteligentes, da mulher fina. E um momento mais, o grande

leito afundou-se, confidencialmente, ao pêso de dois corpos moços rigorosamente abraçados.

Fiel à sua promessa, Liberato nem, sequer, respirava. Os seus beijos eram postos, fundo, na bôca que se lhe oferecia gulosa, para morrerem sem ruído. E permanecia firme nessa atitude, quando a rapariga, menos prudente, gritou, em certo momento:

— Ai!...

E a partir dêsse instante, não se conteve mais. Apaixonada, ardente, por mais que o Liberato procurasse tapar-lhe a bôca, desatou a gritar como uma doida.

— Ai! meu amor!... abraça-me!... beija-me!... aperta-me assim, meu bem!... Beija-me!... beija-me!... assim... assim... Ai!... ai!... a-a-a-ai!...

Não obstante o pavor do escândalo, Liberato Rocha sentia-se ìntimamente contente, orgulhoso de haver feito vibrar, nos seus braços, aquela mulher pura, que se guardara, parece, toda, para êle. E afundava-se nesse contentamento, quando, de repente, um punho forte bateu, seguro, no tabique do quarto que separava o compartimento vizinho, ao mesmo tempo que uma voz trovejante, de homem, bradava, indignada:

— Minha senhora!... Ó minha senhora!... Acabe com isso, se faz favor...

Ora, já se viu?... A senhora incomoda todos os vizinhos!...

E terrível:

— Todas as noites é essa gritaria, essa patifaria, êsse escândalo... Não deixa ninguém dormir!...

X X

O "GENTLEMAN"

— E agora, menina, como há de ser?

Era essa pergunta que fazia Maricotinha Souza à sua amiga Odete Robim, enquanto o automóvel rodava, moroso, à hora, pela praia de Botafogo.

Tinha sido uma loucura, das duas. Fantasiadas de *pierrot,* haviam tomado um carro desde as duas e meia da tarde. Eram seis e meia. Pela combinação feita com o *chauffeur,* ter-lhe-iam de pagar, pelas quatro horas de passeio e de corso, cento e vinte mil réis. E o dinheiro que havia era, apenas, cincoenta mil réis, duas cédulas de vinte e uma de dez, que a Odete trazia debaixo da liga, entre a perna e a meia.

Casadas uma e outra, tinham as doidivanas saído assim, mascaradas, sem a permissão dos respectivos maridos. Onde, pois, ir buscar o dinheiro restante para pagar o automóvel?

Mais viva, mais expedita que a amiga, Odete bateu na testa da própria máscara de setim preto:

— Ah! tive uma idéia! — exclamou, contente.

E contou à amiga o seu plano. À rua do Catete havia um rapaz que ia sempre no bonde, quando ela se dirigia para casa, em Copacabana. Era uma linda figura de mundano, de *gentleman,* muito bem vestido, verdadeiro tipo de homem de sociedade e de dinheiro. Via-o entrar alí todas as tardes, e olhá-la de lá, do corredor, numa espécie de convite. Iria, pois, procurá-lo; contar-lhe-ia a sua situação, a sua dificuldade de momento, pedindo-lhe o seu auxílio, cem ou duzentos mil réis.

— Menina!... — observou a outra, escandalizada, com uns escrúpulos de noviça. — E se êle te apanha lá dentro?

— Que é que tem? — riu Odete, garôta.

E depois de mandar voltar o carro para o Catete:

— O que te garanto é que eu arranjo o dinheiro... É um tipo *chic,* mesmo... Muito bem vestido... unhas tratadas... hopérola na gravata... Um encanto de homem!

Minutos depois, o carro parava em frente a um sobrado, na rua do Catete, próximo ao largo da Glória. Odete mandou que a amiga esperasse no automóvel, e subiu a escada. Meia hora depois, descia, às

pressas, a máscara presa apenas de um lado da orelha, a roupa de *pierrot* toda amarrotada.

— Vamos embora — ordenou, nervosa. — Vamos!... depressa!

— Então, não o encontraste? — indagou a amiga, inquieta.

— Encontrei-o, sim.

— Arranjaste os cem mil réis?

— Ah, menina, nem te digo!

E desatando em chôro no ombro da amiga:

— Êle tomou-me... trinta... dos cincoenta... que eu tinha!...

XXI

A OPULÊNCIA DO MENDIGO

"Tu fazes que Mahmu sonhe, desperto,
O que sonha um vil tárcio, enquanto dorme..."
RAIMUNDO CORREIA — *"Sonho Turco"*.

Descalço e sujo, o cabelo emaranhado a enroscar-se, como unhas de caranguejo, pela gola do velho casaco apanhado no monturo, o Chupa-ovo entrara pelo jardim da Praça da República logo que escurecera. O dia todo levara-o êle a bater de porta em porta, de casa em casa, pedindo um resto de comida. A única esmola que recebera foi um pouco de feijão azêdo, que jantara, quasi noite. E estava êle para o repouso, para procurar no sono, irmão mais moço da morte, o consôlo que a vida lhe não dava.

Chupa-ovo era, dos mendigos do Rio de Janeiro, o mais pacífico e filósofo. Não estendia a mão aos transeúntes, preferindo ir buscar o óbulo — resto do almôço ou pedaço de pão duro — às casas de família ou à lata de lixo dos restaurantes. Antigo operário, fôra, primeiro, vítima da preguiça, e, depois, da sabedoria. Formara do

mundo uma idéia toda sua, de modo que, nunca mais, ao contrário dos outros homens, se matara para viver.

O apelido que lhe haviam pôsto correspondia a uma particularidade de sua fisionomia: possuía grandes bochechas e bôca pequena, em bico, de quem suga um ovo na casca. A barba grisalha havia-lhe tomado, porém, já, o carão todo, de modo que o rosto parecia mais agora um ouriço do que, pròpriamente, a cara de um homem.

Arrastando pesadamente os pés, grandes e lentos como duas tartarugas amazônicas, o desgraçado havia chegado àquele ponto discreto do parque, onde um banco de madeira acolhe, generoso, durante o dia, honestos casais enamorados. Chegou, descansou os molambos e o cajado, e estirou-se, ao comprido, no grande banco solitário.

Estirou-se, e dormiu. Dormiu e sonhou. Sonhou, e o seu sonho foi de fartura, de riqueza, de risonha prosperidade.

Sonhou que era rico e tinha um palácio. Era à beira-mar, em Copacabana. Lá fora, para além da tarja de areia, espumava o oceano todo azul, espatifando-se na praia macia. Gaivotas pairavam a pequena altura, lutando contra o vento que vinha de longe. Dentro, no palacete suntuoso, era a abundância, era a opulência, nos mais puros requintes do gôsto. E nas salas, onde as cortinas se enfunavam acariciadas pela brisa do mar, êle, Chupa-ovo, transformado em capitalista, a passear de um lado para outro, de *smocking,* depois do jantar, saboreando a fumaça de um charuto de custo.

Estava o mendigo por essa altura do seu sonho, quando o guarda do parque, ao fazer a última inspeção, o foi acordar. Aproximou-se do banco, e bateu-lhe, de leve, no ombro:

— Camarada! já vamos fechar o portão! — disse.

— Pode fechar! Pode fechar! — concordou o Chupa-ovo, ainda mergulhado na sua fantasia dourada.

Um instante de silêncio e tornou, imaginando-se no seu palacete de Copacabana:

— Prenda os cachorros, e tranque o portão... Mas não faça barulho quando fechar a grade...

E virou-se para o outro lado, sonhando.

XXII

O QUE É BARATO É MAU

O Revmo. padre Guilherme despia as suas paramentas em branco e ouro na sacristia da pequena igreja da vila, entregando-as ao sacristão, que as ia arrumando na gaveta de uma grande cômoda rescendente a naftalina, quando apareceu à porta, emoldurada nela, a figura sertaneja do Serafim.

— Dá'cença, "seu" vigário?

Padre Guilherme voltou-se. Era um caboclo de uns vinte e poucos anos, imberbe por natureza, rosto chato e bronzeado de índio. Vestia um terno domingueiro, de cassineta, a calça fazendo rôscas em cima da botina, engulindo o pescoço.

— Entre, Serafim... Que é que você quer?

O caboclo aproximou-se, o chapéu na mão.

— "Seu" vigário, — começou, — desconfiado, o caboclo, eu vim aquí p'ra saber por quanto "seu" vigário faz um casamento.

— De quem é o casamento? É seu?

— Sim, senhor.

— E a noiva? Quem é a noiva?

— A noiva é a Fulomena, filha do finado Batista do Sumidouro. "Seu" vigário conhece...

Dobrando a sobrepeliz, vagaroso, padre Guilherme fez o primeiro preço:

— Serafim, a tabela, aquí, é vinte e cinco mil réis... Para você, porém, fica por vinte.

— É caro, "seu" vigário!

— Caro? Se você fosse em outra paróquia pagaria cincoenta. Enfim, como você é pobre e a noiva não tem pai, fica por quinze...

— Ainda é caro, "seu" vigário! Vossa Senhoria quer dez? Quer dez, eu dou!

— Para quando é isso, Serafim?

— Agora, p'ra quinta-feira...

Padre Guilherme pensou um instante. Mas resolveu:

— Vá lá, rapaz... Vá lá! Traga, então, a moça, os padrinhos, tudo... Está tudo em ordem?

— Sim, senhor.

No dia marcado, casou-se o Serafim com a Filomena. Casou-se, pagou os dez mil réis convencionados, e recolheu-se à sua casa de roça, no Sumidouro. E já se haviam passado oito meses sôbre essa solenidade, quando, em uma das suas viagens pelos povoados da paróquia, padre Guilherme

encontrou no meio da estrada, descalço, a enxada ao ombro, a calça arregaçada até o joelho, um caboclo que, logo, reconheceu. Parou a burra marchadeira em que ia montado, e interpelou:

— Bom dia, rapaz! Você é o Serafim... Não é?

— Sim, senhor, "seu" vigário.

— Então, como vai a mulher? Está boa?

O Serafim baixou a cabeça, envergonhado.

— Sei, não, "seu" vigário... "Seu" vigário não sabe então do que sucedeu? Aquele diabo me deixou!

— Deixou?

— Sim, senhor. Três meses depois do casamento, a desgraçada fugiu com o diabo dum mascate, e nunca mais tive notícia dela.

E resoluto:

— Era uma peste, "seu" vigário! Antes assim!

A essas palavras, padre Guilherme resolveu tirar proveito para a sua seara:

— Também, Serafim, o culpado é você.

O caboclo ergueu os olhos, num espanto. E padre Guilherme, batendo o rebenque no cano da bota:

— Onde é que você arranjava cousa melhor, com dez mil réis, Serafim?

XXIII

EDUCAÇÃO AMERICANA

— Sabes, Otávio, que... enfim!?...

— Tu?... É isso verdade?... hein?... É verdade mesmo?...

E o engenheiro Otávio Frota procurava olhar o rosto da espôsa, a sua encantadora Maria Edite, a qual, muito vermelha, cobria o rosto com as mãos, deliciosamente envergonhada com a doce gravidade da notícia.

Era aquela, efetivamente, a maior ambição do casal. Ligados pelo casamento há seis anos, o maior desejo de um e de outro consistia em dar ao mundo um filho do seu sangue, que constituísse o vínculo definitivo das duas almas, dos dois corações, dos dois destinos. E eis que, inesperadamente, a moça transmitia ao marido a suave notícia, que era, para êle, como uma bênção do Céu.

— Mas, é verdade, mesmo? — indagou o engenheiro.

E a uma nova afirmação da mulher, torcendo as mãos de alegria:

— Meu Deus, será possível?...

A notícia era, felizmente, verdadeira. Aos engulhos, aos vômitos, às tonteiras da rapariga, sucedeu uma gordura descompassada, que lhe tirava toda a elegância. No sexto mês, começaram a inchar os pés. E o que fôra, meses antes, uma criatura guapa, leve, saltitante, era, agora, a matrona pesada, cansada, em vésperas de maternidade.

Não obstante isso, não lhe faltava alegria. A idéia de que ia ter nos braços, em breve, a corporificação do seu sonho, fazia-a esquecer as dôres, as tristezas, as contrariedades. Até que, já no oitavo mês, uma das suas primas, a Odete, informada da aproximação do grave acontecimento, correu a fazer-lhe companhia.

A Odete, mãe de cinco filhos, já conhecia, porém, êsses transes e os cuidados que êles reclamam. Por isso, ao assumir o govêrno da casa, para não dar trabalho à enfêrma, foi, logo, perguntando:

— E o médico?

— Que médico?

— O que te vem assistir?

— Não tenho, não.

— É, então, uma parteira?

— Também, não. Não contratámos ninguém.

— Tu estás doida, menina? — contestou a Odete.

Mas Maria Edite obtemperou:

— É para fazer a vontade ao Otávio, filha. Como tu sabes, êle foi educado nos Estados-Unidos, onde as crianças gozam de toda a liberdade. Brincam, dansam, passeiam, vão aonde querem.

— E que tem isso?

— Que tem isso? É que eu, desde o princípio, vou educá-lo à americana.

— ?...

— Vou habituá-lo a "sair" só!

XXIV

A PESCARIA

Se Deus escolhesse o seu representante na terra entre os sacerdotes que mais se assemelhassem na vida, pela simplicidade dos costumes, ao primeiro chefe da Igreja, um dos últimos Papas, entre Leão XIII e Pio XI, seria, sem dúvida, padre Fortunato Feitosa.

Padre Fortunato era, em verdade, um conjunto de virtudes cristãs. Era puro; era bom; era piedoso; e, como São Pedro, gostava de pescarias. Tanto assim, que alí estava, naquela madrugada de Quaresma, sentado em uma pôpa de canoa, o caniço mergulhado nágua, à espera de um peixe para o seu almôço do dia. Insone como todo homem casto, acordara às duas horas da manhã. E como temesse não despertar para a missa das cinco, se dormisse de novo, achara de melhor aviso levantar-se, vestir-se, e, como o rio passasse atrás do presbitério e da igreja, ia fazer, até que amanhecesse, umas duas horas de pescaria.

— Hoje é sexta-feira, — pensou, — e quem sabe se encontrarei peixe no mercado?

O dia vinha longe ainda mas a noite

estava clara. As estrêlas, em cardume, fervilhavam lá em cima, como piabas à superfície dágua. As fôlhas mexiam, tímidas, acariciadas pela brisa lúbrica da madrugada. Os insetos chiavam menos e, apenas de longe em longe, na margem do rio, um sapo fatigado pedia notícia dos outros.

Leve como uma sombra, padre Fortunato chegou à beira do rio, e, escolhendo uma das canoas alí embicadas, foi sentar-se na pôpa. Examinou o caniço, renovou a isca de minhoca, e atirou o anzol na correnteza.

A maré estava de vazante e, por isso, ou por outra cousa, os peixes se mostravam ariscos. E quando beliscavam, comiam a isca, forçando o sacerdote a renová-la. Começava, já, a clarear. Ao longe abrira-se a primeira porta, quebrando o silêncio da noite. O sacristão, o Tibúrcio, fizera a primeira chamada. Felizmente, naquele dia, a missa era do padre Lobato, cabendo ao vigário apenas a prédica.

De repente, uma beliscadela forte, que coincidiu com o toque do meio da missa. E a missa chegava ao seu fim, quando o virtuoso pescador, numa chicotada com o caniço, puxou dágua uma enguia enorme, a qual só teve tempo de meter no bolso da batina, enquanto corria para a igreja, às pressas, limpando a mão no lenço.

Como não se tratava de um sermão, mas de uma simples prédica, o sacerdote foi falar mesmo na nave, em frente ao altar. E começou:

— Meus caros irmãos!

Nesse momento, porém, notou que todos os olhos se fixavam no bolso da sua batina. Baixou também os seus, e esfriou: a enguia, viva ainda, remexia-se aí em verdadeiros malabarismos, levantando e abaixando o pano negro das vestes sacerdotais.

— Meus caros irmãos! — tornou.

Os cochichos eram, entretanto, já numerosos. As beatas tocavam-se com o cotovêlo chamando a atenção umas das outras. Padre Fortunato sentiu o sangue subir-lhe ao rosto. Quem sabe se lhe não estavam atribuindo alí infrações canônicas, supondo que êle tivesse no bolso um pinto ou um pombo, para o almôço, em plena Quaresma? Resolveu, pois, ser franco, leal, sincero, como sempre fôra. Tomou coragem. E, de novo:

— Meus irmãos! Não é o que vós pensais!

Meteu a mão no bolso. Puxou a enguia:

— Aquí está! É peixe!...

E rindo, vitorioso, para as beatas:

— Pensavam que era carne?... Não é?...

XXV

O COMERCIANTE

Ao ter notícia da herança que o tio lhe deixara, o Feliciano refletira, por um momento:

— Mas, que vou eu fazer com êsse dinheiro? Se o puser em um Banco, dentro de dois anos estarei, de novo, na miséria. O melhor é, pois, abrir uma casa, e negociar com êle.

E ao fim de dois meses era, realmente, proprietário de um pequeno armazém de ferragens, embora entendesse tanto da especialidade como entendia de sânscrito ou de árabe. Funcionário público eventual, jamais havia entrado, mesmo, em uma casa de comércio, senão para comprar chapéus ou cigarros. E era com êsse conhecimento negativo que alí estava, agora, à porta do estabelecimento, sem saber, sequer, o que os empregados iam, na sua presença, vendendo atabalhoadamente à freguesia. Às vezes, um freguês se lhe dirigia, indagando:

— O senhor tem pimenta do reino?

Feliciano virava-se para o interior da casa, e gritava para o empregado:

— Ó senhor Freitas! Atenda, aquí, a êste senhor!

Daquela vez, porém, o caso pertencia, evidentemente, ao dono da casa. Achava-se Feliciano a uma das portas do estabelecimento, fumando gravemente o seu charuto, quando entrou pela outra, apressadamente, uma linda figura de mulher.

Era uma senhora ainda nova, de estatura mediana, rosto claro, olhos claros, cabelo cortado à moderna, e aparecendo, castanho, sob o gracioso chapelito *marron*. Trajava um elegantíssimo vestido da côr do chapéu e transpirava, toda ela, graça e distinção.

Ao vê-la entrar, Feliciano precipitou-se, dando meia volta e indo colocar-se, pressuroso e solícito, ante a dama e o empregado que correra a atendê-la.

— Às suas ordens, excelentíssima; Vossa Excelência deseja alguma cousa? — indagou, gentil, o novel comerciante, em uma curvatura instintiva.

Sem se aperceber da reverência, a dama pediu, superior:

— O senhor tem, aquí, papel de *water-closet*?

— Papel de que, excelentíssima? — tornou Feliciano, com o mais estúpido dos seus sorrisos.

— De *water-closet*, — tornou a dama.

— Ah, excelentíssima, dessa marca não temos; mas é possível que tenhamos alguma cousa que possa servir.

Chamou para dentro:

— "Seu" Antônio? Ó "seu" Antônio?

E para o empregado, que acorrera:

— Veja lá dentro, e mostre aquí à senhora, aquele papel de apanhar-môscas!

XXVI

O HINO NACIONAL

— Minha virgem Maria, como há de ser!...

Era assim que, as mãos frias, geladas, torcendo os dedos, Maria Lúcia se lembrava do seu casamento, para o qual já faltava apenas um mês.

Criada num ambiente de castidade, onde as cousas escabrosas da vida só eram comentadas lacônicamente ou por meio de hipérboles, a formosa menina, filha única do coronel de cavalaria Sizenando Alves, nutria um horror indizível pela noite de núpcias. O modo por que a mãe se entristecia quando alguma das amigas se referia, brejeira, a êsse momento da vida matrimonial, tinha-lhe dado a impressão de um mistério que era um ovo, do qual só podia sair, nessa noite de prodígios, o pinto de um tormento.

Forte, gorducha, com um lindo rosto claro e inocente, uns olhos verdes e ondulado cabelo castanho, cortado curto, a filha do coronel Sizenando seria a menina mais bonita de todo o bairro de Vila-Isabel, se não ressumbrasse das suas maneiras, da sua

fisionomia, de toda a sua figura, tanta infantilidade. Era, pode-se dizer, a mais encantadora das mulheres, sem deixar de ser a mais ingênua das crianças.

E era chegada, enfim, a noite terrível, a noite do mistério, a noite da provação. À medida que, após o chá, os convidados se iam despedindo e retirando, o coração da futura vítima se ia confrangendo, encolhendo, como se quisesse desaparecer no seu peito.

Às onze e meia, enfim, despedido o último amigo da família, o coronel Sizenando, e Dona Liberalina, sua espôsa, foram ao encontro da filha.

— Ah! mamãe! — gemeu a pobrezinha, atirando-se, trêmula, nos braços da velha senhora.

O próprio coronel estava comovido. Aos seus olhos, a filha era, naquele momento, como aquela franguinha tímida e aterrorizada, que êle vira uma vez, no Jardim Zoológico, atirar na gaiola da jibóia. Um instante mais, e estaria devorada... a não ser que a franga devorasse a jibóia.

— Venha cá, minha filha, — disse o militar, enfim, tomando coragem. — Eu sei que você está muito assustada, mas sossegue: seu pai ficará velando por você.

E resoluto:

— Olhe, eu fico à escuta, aquí fora; se

você se sentir em perigo e carecer de socorro, basta gritar duas vezes: "Papai!... Papai!...", e eu, ao segundo grito, correrei a livrar minha filha; se, porém, você se sentir bem e feliz, cante o Hino Brasileiro, e eu irei me deitar, sabendo-a contente com o seu casamento e com o seu marido.

— Muito obrigada, papai! — agradeceu a menina, criando alma nova.

E dando-lhe um beijo:

— Deus lhe pague, meu paizinho!

*

* *

Haviam se escoado, já, vinte minutos após a entrada no quarto nupcial. Vestidos ainda, o coronel e Dona Liberalina velavam silenciosos, na sala de jantar. O ouvido à escuta, os sentidos alerta, aguardavam, os dois, o grito de socorro da filha:

De repente, ouviu-se êste:

— Papai!...

O coronel pôs-se de pé, aguardando o segundo.

— Pá...

E ia investir, quando, do quarto, a voz meiga, soluçada, maviosa, da Maria Lúcia continuou:

— ...pai, pa-ra-pai, pa-ra-pa, pai; pa-ra-pa-pa-pa-pa-pa-pai! para — pa, para — pa, para-pa-pai!...

E o hino continuou, até de manhã.

XXVII

O TELEFONE

Saadi Ebna Rabia era uma dessas vítimas infelizes da civilização oriental, destinadas a não obter, nunca mais, neste mundo, a reparação dos seus prejuizos. Adquirido, ainda adolescente, em um mercado de escravos da Trebizonda, fôra, após o sacrifício do sexo, conduzido a Abadozar, para guardar o harém de Moslin-Pachá, que era, então, um dos mais opulentos senhores de toda a Betínia.

A função, para outro, não seria desagradável. As dezenove mulheres do potentado muçulmano haviam sido escolhidas entre as mais formosas da Caucásia e da Armênia. Que valia, entretanto, ao pobre eunuco, êsse espetáculo de beleza feminina? Que adiantam ao faminto as frutas saborosas de um mercado, se êle traz, desventurado, a sua bolsa vazia?

A revolução turca, o movimento civilizador iniciado em Angorá por Mustafá-Kemal, atirou, porém, com o escravo de Moslin-Pachá nas terras longínquas do Brasil.

Sem ocupação condigna no seu país, tornada inútil a sua profissão pela extinção forçada dos haréns e dos serralhos, emigrou Saadi Ebna Rabia para a América, vindo ter ao Rio de Janeiro, onde ninguém conhecia, de certo, a desgraça da sua condição. E estava aquí, já, há dois meses, hospedado em um hotel de patrícios da Praça da República, de onde se correspondia diàriamente, por telefone, com os conhecidos que lhe procuravam um emprêgo, quando enfiou, um dia, pelo escritório da Light, à rua Floriano Peixoto, procurando falar, sem demora, ao diretor da secção telefônica. Atendido, começou, na sua meia língua:

— Sanhôr, é um gaso de humanidade!

E explicou:

— Eu zou durco, sanhôr. Gomo durco, vui guarda de um zêralho... Sanhôr compreende... Não? Bois bem. Ninguém zabe dizo aquí. Gomo é, endão, que as môza do gompanhia delevónica desgobriram, sanhôr?

— As moças da Companhia Telefônica? As moças da Companhia Telefônica descobriram que o senhor... que o senhor... Mas, explique-se, meu caro senhor! Como é que o senhor sabe que... que... que elas sabem?

— Borguê êlas me berguntaram, sanhôr! Élas me berguntaram!

— Perguntaram-lhe? Mas, explique-se! conte! desembuche!

— Eu gonta, sanhôr. Voi azim. Dôdo dia eu vala delefone minhas amigos, minhas badrizios. Bois, bem. Já dois vez quando eu está valando, delefone vica zilencio; e delefonista vem no linha, e bergunta azim: "sanhôr voi gortado?"

E nervoso, agitado, quasi chorando:

— Ora sanhôr! gomo é que êlas zabem, sanhôr? Gomo é que êlas zabem que eu vui gortado, si êlas nunga foram no Turguia, sanhôr?

XXVIII

OS FILHOS DO PASTOR

Nascido embora em Mineápolis, no Estado americano de Minesota, John Pettersen resolveu, seguindo as tradições apostólicas da família, partir pelo mundo prègando a palavra do Senhor. Filho e neto de pastores protestantes, quis, êle próprio, ser pastor. E foi nessa qualidade, fùnebremente encadernado numa sobrecasaca preta, que partiu da sua cidade natal, trazendo na mão esquerda um exemplar da Bíblia, e na direita a maleta com duas cuecas, quatro camisas, uma escôva de dentes, uma de fato, e a *gillette*, para escanhoar-se por êste mundo de Deus.

Ao chegar a Nova-York, o novo catequista consultou um mapa. Iria para o Norte? Ou partiria para o Sul? Abriu uma carta da América, e vendo que o Brasil era ainda um imenso país de bárbaros, resolveu embarcar para o Rio de Janeiro, afim de entregar-se, resignado, à fúria dos canibais. E vinte dias depois, desembarcava, realmente, no cais Faroux, na capital do Brasil.

Um dos fatores morais para o triunfo religioso de um pastor protestante, é, contudo, a espôsa. E era dêsse traste, exatamente, que John Pettersen se havia esquecido. A Bíblia, tinha-a êle trazido; a sobrecasaca, também. Da espôsa, porém, não se lembrara, de modo que, um dos seus primeiros cuidados, ao chegar ao Rio, consistiu em casar-se, unindo-se a *miss* Edith Palmer, rapariga americana, que lhe fôra indicada por intermédio do consulado.

E a escôlha fôra feliz. *Miss* Edith possuía todos os predicados para espôsa de um pastor protestante. De estatura mediana, tinha cabelos de fogo, olhos negros e o rosto picado de sarda como um ovo de galinha da Angola. Não usava pó de arroz nem *rouge*. Possuía nove dentes postiços, mas sabia a Bíblia como se tivesse nascido na sacristia.

Alto, magro, pelado, encadernado de preto, John Pettersen, uma vez casado, iniciou a sua gloriosa missão de catequista. Conhecia o evangelho até pelo cheiro. Bastava uma vírgula para saber, certeiro, se êste era o de Marcos, o de João, o de Lucas ou o de Mateus. E como nos Evangelhos há uma passagem em que o Nazareno manda crescer e multiplicar, no fim de dez me-

ses de casada *mistress* Pettersen pediu parteira ao marido.

Eram nove horas da noite quando a rapariga começou a gritar. E onze menos cinco, hora de Nova-York, quando se calou, depois de haver dado ao mundo um garotinho muito vermelho, que parecia talhado em baeta de cobertor de pobre. Convidado a penetrar no quarto da parturiente, o pastor entrou. E o seu primeiro cuidado, ao aproximar-se do leito, foi perguntar, grave, à parteira:

— Onde estarr outro filha, senhôrra?

— Foi um só, "seu" mister, — informou a velha mulata, assistente da moça.

— Nô senhôrra; devêrr estarr dois crreanças; ou senhôrra darr outro crreança, ou mim vai levarr queixa polícia.

E pondo o chapéu à cabeça, foi, na mesma hora, bater à delegacia.

— Senhorr têleêgada, — declarou, — meu mulherr terr dois filhas; parrteirra assistiu ela e só me entregarr um; mim querr outro filha.

A autoridade mandou tomar nota da queixa, e, para esclarecimento, indagou:

— Mas, o senhor viu as duas crianças depois de nascidas?

— Nô senhorr; só verr uma.

— E como sabe que eram duas?

— Porrque deverr estarr dentro do meu mulherr.

— Mas, como é que o senhor sabe disso?

— Oh! oh! senhôrr! naturral!

E abrindo os braços, escandalizado:

— Se eu estarr depois de casarr, dois vezes meu mulherr, — um vez 20 marrço, 17 hôrras 34 minutas; outrro vez 25 sêtembrro, 9 hôrras 12 minutas, — deverr estarr dois crrianças dentro meu mulher!...

E saiu, firme, lendo Mateus.

XXIX

A LIÇÃO DA BÍBLIA

Na igreja majestosa, repleta de sombra e de silêncio, em frente mesmo do altar-mor, padre Rogério ministrava às crianças do bairro as primeiras lições de religião. Alto, esguio, o rosto de cera como o das imagens, paramentado com a sua alva retalhada de rendas, o livro suspenso nas mãos, lia êle, naquela manhã, o primeiro capítulo do Gênesis. Colocados em semicírculo, as perninhas recolhidas debaixo do banco, esfregando as mãos uma na outra, o narizinho para o ar, na atitude clássica da melhor atenção infantil, os pequenitos escutavam.

Havia-os de todas as classes, de todas as côres, de todos os tamanhos. Uns, eram brancos, bem vestidinhos, enfiados no seu terno de linho puro, o cabelo repartido, o sapato engraxado; outros, acaboclados, com a roupa menos tratada, o cabelo de alfineira, os olhos desconfiados; outros, em suma, pretos, retintos, como esculpidos em carvão, e que, na meia penumbra da nave, quasi desapareciam, deixando apenas três pontos em destaque: os olhos e a dentadura.

Quietos, suspensos nos lábios do sacerdote, os meninos escutavam. E a voz do padre Rogério rolava, monótona, pesada, e igual, pelo silêncio do templo, como uma bola de ferro sôbre um tapête de borracha:

— "E chamou Deus à porção sêca Terra; e ao ajuntamento das águas chamou Mares; e viu Deus que era bom".

De quando em quando um pequenito levava a mão à bôca, em sinal de fadiga e de sono. Mas a voz continuava, com a mesma monotonia:

— "E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, na banda do Oriente; e pôs alí o homem que havia formado".

Chegara, porém, ao capítulo IV, versículo 22, na parte que se refere à criação da mulher. Quasi com tanto sono como os seus discípulos, padre Rogério leu:

— "E da costela que o Senhor Deus tomou do Homem, formou uma mulher: e entregando-a a Adão, disse:"

A página acabava aí, e padre Rogério virou-a, para continuar. No sono com que estava, passou, porém, duas fôlhas, pegadas uma à outra, indo cair na que tratava da Arca, no cap. VI, versículo 14. E continuou, a voz mole:

— "Farás nela diversos compartimentos, e a brearás com betume, por dentro e por fora..."

XXX

O MELHOR NEGÓCIO

Abraão Kaled nascera no Brasil, mas nascera israelita. À semelhança daquele inglês que achava, sensato, que o pinto por nascer na estrebaria não nascia cavalo, considerava-se êle judeu, para todas as circunstâncias. O pai, Misael Kaled, comerciante em Itaboraí, tivera mesmo o cuidado de não o afastar da família, para que o filho se não profanasse, corrompendo a sua alma no contacto do mundo.

Certo dia, porém, convidado por um tio, o velho Adonias, que possuía armarinho em Niterói, abalou-se Abraão da sua cidadezinha e veio à capital fluminense. O tio morava em Icaraí, e pode-se imaginar o que foi o espanto, a admiração, o pasmo do rapazola, ao ver, pela primeira vez, a água do mar, em toda a vastidão daquela parte da baía.

— Meu Senhor Jeová, será possível?!... exclamou, branco de emoção.

Sentado na areia, o judeu de Itaboraí olhava o mar, como hipnotizado. A maré

estava cheia, de preamar, vindo quasi até à muralha do cais. E Abraão contemplava-o, como num sonho, quando viu chegar à praia um menino, com um jarro na mão. Evitando a onda, que ia e vinha, o pirralho avançou para a água, encheu o jarro, e correu para o sêco, vindo colocar-se perto do israelita.

— Para que é essa água, menino? — indagou, curioso.

— É para vender, — explicou o pequeno. — Alí mora uma senhora que me dá um tostão por um jarro dêstes.

E, subindo a escada, foi-se o seu caminho.

Magnetizado pela grandiosidade do panorama, daquele espetáculo que a sua imaginação jamais ideara, Abraão Kaled começou a sentir um entorpecimento, e dormiu. O barulho das ondas era, aos seus ouvidos, o acalento de uma ama, que nunca tivera... Dormiu uma hora. Dormiu duas. Dormiu três. De repente, acordou. O pequeno do jarro dágua ia chegando outra vez, para encher o vaso novamente. A maré, de vazante, estava baixa, longe do cais. As pedras surgiam do lençol dágua como dorsos de elefantes afogados.

Abraão, vendo o pirralho, pôs-se de pé, de um pulo.

— Sim, senhor! isto é que é negócio!... — exclamou.

E as mãos nas cadeiras, olhando a maré sêca, lá em baixo:

— Quanta água êste safadinho já vendeu!?...

XXXI

LIÇÃO DE "COUSAS"

O engenheiro Conrado Pontes era um espírito superior. E como um espírito superior, não se cansava de declarar, nas rodas íntimas:

— Eu, quando tiver de escolher espôsa, fa-lo-ei entre as criaturas de inteligência emancipada, que vêem a vida como ela é, e não com os óculos azues das fantasias convencionais. Todas as infelicidades domésticas nascem do conflito entre a verdade das cousas e o véu da ilusão com que os homens as cercam, para que as mulheres não as vejam. A minha espôsa, isto é, a criatura que tenha de tomar êsse título, deve, assim, penetrar na vida de olhos abertos.

E não foi com outro pensamento que, ao interessar-se por êsse lindo anjo que era a Mariazinha Peixoto, filha única do desembargador Guedes Peixoto, o ilustre engenheiro tratou, logo, de arrancar-lhe, uma a uma, com a pinça da ciência, as cataratas rosadas, ou azues, que a impediam de ver, em todo o seu esplendor, e com toda a sua

brutalidade, o que êle chamava a "verdade da vida". O perfume e o colorido da flôr, o canto do pássaro, o ruído surdo dos insetos, não eram simples enfeites criados pelo capricho da natureza: eram armas com que as espécies lutavam para a fecundação, para a multiplicação, para a sua eternização, em gerações sucessivas. Tudo lutava pelo "amor"; o "amor", contudo, não era um "fim", mas um "meio". O fim de tudo era a procriação.

Era essa verdade que, certo dia, ao entardecer, o engenheiro contava a Mariazinha Peixoto, à sombra da grande mangueira que havia em frente à casa de moradia, na fazenda do "Poço Fundo", quando se vieram aproximando, amorosamente, um touro e uma vaca do curral.

— Aí está — apontou Conrado Pontes, satisfeito por ter à vista, naquela lição ocasional, uma confirmação viva das suas teorias; — aí está êsse touro, animal primitivo, estúpido, pesado. A posse da companheira é um ato instintivo, mas sem brutalidade. Êle jamais a possuirá à fôrça, jamais a tomará pela violência.

Mariazinha ouvia o noivo, calada. Aventurou, contudo, uma pergunta:

— E como é que êle sabe que ela o deseja? Hein?

— Como é? Pelo olfato. No seu desejo, o animal feminino deixa escapar de si, do seu ser, do seu organismo, odores que são a expressão do seu desejo. O outro animal sente, percebe com o olfato, e sabe, então, que é desejado. A natureza é grandiosa, sublime de pudor, na sua inteligência!

Anoitecia. Insetos ferviam na sombra. As cousas todas convidavam-se, em segrêdo, para as núpcias misteriosas da noite. Acompanhando a surdina voluptuosa da natureza, a voz de Conrado Pontes tornava-se cada vez mais cariciosa, mais doce, ao ouvido da noiva. De súbito, a moça estremeceu, num arrepio.

— Conrado! — gemeu, num movimento nervoso, de gatinha amorosa. — Tu estarás de nariz entupido?

E quasi num suspiro:

— Não estás sentindo cheiro nenhum, não?

XXXII

A INDENIZAÇÃO

O grande circo Patroni, cujos anúncios o recomendavam ao público da capital e, particularmente, ao do bairro, como um dos maiores da América do Sul, havia sido armado, todo de lona vermelha, nos antigos terrenos do morro do Senado. Visto de longe, assemelhava-se à barraca de um gigante formidável, aberta ao vento em uma cidade de pigmeus; dentro, porém, dava a impressão de um guarda-chuva enorme, com as suas varetas e cordoagens, que se entrelaçavam, teciam, e misturavam, em todas as direções.

— Vai ser um acontecimento! — diziam os moradores das vizinhanças, ao ver os preparativos.

E a realidade ultrapassou as expectativas. Os números, não podiam ser mais variados. E tão abundantes eram, que havia um, e não dos menos perigosos, em que o famoso atirador moscovita Ivan Strogonoff, da antiga guarda do Czar, se propunha tirar o paletó e a calça de qualquer espectador, a vinte metros de distância, sem lhe tocar no corpo e com o auxílio, apenas, das suas balas de carabina.

A primeira parte do programa correu debaixo de aplausos estrondosos. Os palhaços Bombini, e o equilibrista Fournier, os atletas Franz e Herman Schultz, a dansarina Fieredowa e o ilusionista Pettersen, haviam encantado a multidão, espetada nas onze ordens de arquibancadas, em colocação ascendente. E foi quando apareceu na arena, trajando casaca e calções de setim verde, e carabina na mão, o famoso atirador Strogonoff.

Uma salva de palmas, um chapéu de plumas agitado em agradecimento, e a voz do russo, propondo:

— Convido um dos senhores espectadores para servir de alvo neste número. Comprometo-me a tirar a calça, o paletó, e o colête de quem se apresentar, sem lhe tocar na pele. A emprêsa indenizará com outra calça, outro paletó e outro colête, aquele que aceitar êste desafio!

Um sussurro de bosque agitado pela ventania, encheu, primeiro, o bojo do circo monstruoso. Passado êste, fez-se um pequeno silêncio. E quem cortou essa fatia de silêncio com a lâmina da sua voz trove-

jante, foi o Atanásio Costa, operário metido a valente, e valente de verdade, o qual se encaminhou, logo, para uma das extremidades da arena, entre os aplausos retumbantes da assistência espantada.

O momento era grave, augusto, solene. Podia-se, na quietação em que ficaram os espectadores, ouvir o espirro de uma formiga. Têso, a cabeça levantada, os braços caídos, Atanásio esperava.

— Não se mexa! — pediu Strogonoff, de repente, o ôlho na pontaria.

E estalou o primeiro tiro. Estalou o segundo. No décimo primeiro caiu a última tira do paletó. No vigésimo, voava o colête, em frangalhos. E quando no quadragésimo oitavo, tombou a última tira da calça, deixando o operário em roupas brancas, os aplausos encheram o circo de tal modo, que mais parecia o imenso rolar de um trovão.

Terminado o número, o Atanásio entrou para a caixa do circo.

— Aquí estão cem mil réis para o seu paletó, meu amigo... Cincoenta para o colête, cincoenta para a calça... — disse-lhe o diretor. — E os meus parabéns, pela sua coragem.

— Só isso? — fez Atanásio, com os duzentos mil réis na mão. — E o da ceroula?

— Mas, eu não estraguei a sua ceroula!

— Sim, senhor, eu sei, — tornou o operário; — mas...

E mostrando o desastre:

— Eu... estraguei!

XXXIII

A SENHA

Médico militar dos mais competentes, o Dr. Abdenago aperfeiçoou-se também em ginecologia, tornando-se um dos maiores especialistas da cidade.

— É interessante como, sendo um parteiro tão competente, se foi você meter no Exército! — observavam-lhe, às vezes, os amigos.

— É natural, filho! — respondia, porém, êle, de pronto.

E rindo:

— É para fazer "abortar" os planos do inimigo!

Elegante, bonito, e vestido corretamente, o ilustre profissional era, também, um terrível conquistador. E se rosto havia, em todo o bairro das Laranjeiras, que o tentasse, era o daquela formosa senhora de dezoito anos, recentemente casada, e que, por isso mesmo, adorava o marido.

Meses e meses levou Abdenago, ora à paisana, ora embainhado na sua farda de major médico, a passar pela casa da moça, a tomar o bonde no poste fronteiro, e a en-

saiar cumprimentos e sorrisos que não eram, jamais, correspondidos. A rapariga permanecia digna, indiferente, a pensar ùnicamente no espôso, modesto funcionário de ministério, o qual era recebido todas as tardes com uma grande festa de beijos. E tanto se devotava ela ao companheiro, que, uma noite, por volta das duas da madrugada, saía o rapaz, às tontas, sem chapéu, à procura de um médico especialista que lhe viesse, às pressas, assistir a senhora.

O primeiro que encontrou, pela placa da porta, foi o Dr. Abdenago. Bateu, acordou-o, e, momentos depois, estava em casa com o ilustre ginecologista, que, num abrir e fechar de olhos, cumpria logo os seus deveres profissionais, arrancando para a vida um garotinho muito gordo, muito alvo, muito escorregadio, e que berrava zangado, como um bezerrinho esprimido.

Apanhado de surpresa, o casal não dispunha, nessa noite, de auxiliares domésticos. De forma que, no meio da atrapalhação toda, foi o médico quem se encarregou de lavar a criança, ao mesmo tempo que o pai, aflito, nervoso, atrapalhado, andava do quarto para a cozinha, e da cozinha para o quarto, conduzindo panos servidos e grandes jarros de água quente.

Mangas arregaçadas o major médico acabava de colocar o pequeno na bacia de

água morna, quando notou que a moça, muito branca, com o rosto a emergir dos lençóis de linho, olhava o filho, com encantamento. Interrompeu o que estava fazendo, suspendeu o pirralho na palma da mão vigorosa, pegou-lhe no beicinho fresco e fino como uma fôlha de rosa, e fez, num mimo:

— Então, "seu" garotinho, de onde vem você?

E olhando-o na carinha ainda inchada:

— Não dá a senha pr'a "seu" major? Não?

XXXIV

OS RONCADORES

(IMITAÇÃO DE BERNARD GERVAISE)

Quando o Mariano entrou no restaurante do pequeno hotel balneário, teve a atenção chamada para as duas mesas próximas, onde dois indivíduos conversavam de longe, cada um do seu lugar. O mais bem trajado, com ares de homem rico, parecia insistir pela intimidade do outro. E na sua gentileza, oferecia:

— Beba mais um pouquinho dêste vinho... Beba!... faz favor.

E chamando o criado:

— Encha, alí, o copo àquele senhor...

E assim foi durante todo o jantar. Os vinhos, os licores, as bebidas espirituosas eram pedidas pelo cavalheiro de roupa elegante, mas enviadas logo para o outro, que as ia ingerindo, copo sôbre copo.

Meia hora depois, êste não podia mais. O rosto congestionado, os olhos revirando nas órbitas, tentou, duas vezes, pôr-se de pé, e não o conseguiu. O cavalheiro bem vestido chamou, então, o criado, pagou as bebidas

em um total de quarenta e seis mil réis, e, tomando o outro pelo braço, levou-o até o primeiro andar. Em seguida, desceu, e continuou a jantar.

Da sua mesa, o Mariano observava tudo isso. Quem seria aquele sujeito generoso, liberal, que pagava tanta bebida para outro hóspede? Isso ainda o intrigava mais quando êle, que tanto gostava de um *whisky,* de um bom vinho, de um bom *vermouth,* de um bom licor, de uma boa *champagne,* não podia, sequer, pela tabela dos extraordinários, tomar um aperitivo.

Intrigado assim, não se conteve, arranjou um pretêsto, foi até à janela que ficava próxima do hóspede generoso, e, após duas palavras banais, entabolou conversa.

— Êsse seu amigo deve dar-lhe uma boa despesa, — disse.

— Amigo, não, — atalhou o outro. — Eu nem o conheço!

— Não o conhece?

— Absolutamente. Estou aqui há cinco dias e não lhe sei, sequer, o nome.

— E paga-lhe as bebidas?

— Há quatro dias.

— Hom'essa!...

— Mas eu lhe conto, meu caro senhor! — tornou o outro — é um caso simples.

E virando-se na cadeira:

— Eu cheguei aquí no domingo último. À noite, não dormí. Àquele sujeito fazia tamanho barulho roncando na vizinhança do meu quarto, que eu não conseguí conciliar o sono. Anteontem, facilitei-lhe a primeira carraspana. Embebedei-o até torná-lo como um porco. Foi um sucesso: o homem dormiu a noite toda sem roncar! E eu, com isso, dormí também até de manhã!

A essas palavras, o Mariano franziu a testa, fazendo de cada ruga uma pauta, para gravar uma idéia.

— Ahn! — fez. — Então o senhor lhe paga a bebida para que êle se embebede, não ronque, e o deixe dormir?

— Exatamente.

Mariano aproximou-se, manso.

— Cavalheiro, — disse, brando.

Passeou os olhos pelas garrafas de bebidas. E sacudindo a cabeça, triste:

— Eu também ronco tanto!...

XXXV

O JEJUM

Não obstante o espírito religioso de que dava mostras a população de Guaranapiraba, o pároco da cidade, padre Balduino Mendonça, estranhava a quantidade de carne, que, durante a Quaresma, se vendia nos açougues.

— É interessante! — refletia êle. — Toda esta gente é católica, apostólica, romana; e, no entanto, para uma população de cinco mil almas, foram abatidos, na quarta-feira santa, nove bois; na quinta-feira, oito bois; e até na sexta-feira da Paixão, sete bois. Quem é, então, que come essa carne?

As cifras com que argumentava padre Balduino eram rigorosamente oficiais, e haviam sido publicadas no jornalzinho da Prefeitura. E como o consumo de carne durante a Semana Santa constituísse pecado quasi mortal, resolveu o sacerdote apurar a verdade, exigindo, na confissão, o depoimento das suas paroquianas.

Alto, magro, sêco, o olhar bondoso e o coração singelo, padre Balduino entrara

para o confessionário com a resolução firme de resolver o enigma. E ia começar bem, porque a primeira pessoa a ajoelhar-se diante da grade foi, precisamente, Dona Gertrudinha, espôsa do Prefeito, e uma das senhoras mais simpáticas e virtuosas do lugar. Sem chapéu, o vestido simples, de gente do interior, a moça vinha toda garrida, mostrando em cada face o rosado esplêndido da saúde.

Ajoelhando-se diante do confessionário, Dona Gertrudinha rezou as orações estabelecidas, e, como a cidade fosse pequena, alegou, apenas, dois ou três pecados insignificantes. Ao fim deles, Padre Balduino entrou com seu jôgo:

— Diga-me uma cousa, filha: você jejuou durante a Quaresma?

— Jejuei, sim, senhor.

— Não comeu carne na Sexta-feira Maior?

— Oh, sr. padre! não, senhor!

— Nem na quinta?

— Nem na quinta!

— Nem na quarta?

— Nem na quarta!

E antes que o sacerdote perguntasse pela terça:

— Posso, mesmo, assegurar a Vossa Revma., sr. padre, que, durante toda a Qua-

resma, não caiu o menor pedaço de carne dentro de mim!

Êsse exagêro irritou padre Balduino.

— Ora, filha! — rugiu o sacerdote, dentro do confessionário. — Não diga tolice!

E nervoso:

— O seu marido, então, é... é... é... é... sardinha?...

XXXVI

O ESTRATAGEMA DO CORONEL

Fôra pouco a pouco, pelo talento, pelos seus contínuos sucessos na medicina, que o professor Tarquínio Botelho, da Universidade do Rio de Janeiro, chegara àquela situação de destaque na sua profissão. De origem humilde, filho de um pequeno retalhista de São Fidélis, no Estado do Rio, foi à custa de grandes sacrifícios que conseguiu formar-se. Obtido, porém, o título, a carta de doutor em medicina, a Fortuna tomou-o nas suas asas e conduziu-o, vitorioso, às mais altas posições da sua classe.

Foi no auge da popularidade, da fama como operador, que Tarquínio Botelho foi convidado, um dia, para passar uma semana em Minas, nas fazendas do coronel Mateus da Rocha. E para lá seguiu êle, deixando a sua clínica nas mãos de alguns discípulos e colegas com a disposição de passar, naquela propriedade amiga, oito dias de repouso absoluto.

O repouso no interior para quem vai da cidade, é a cousa mais negativa dêste mun-

do. O homem da cidade vai para a roça com a idéia de descansar, de dormir, de obter sossêgo, toda a tranquilidade, enfim, reclamada pelos nervos; ao chegar, porém, na fazenda, a primeira cousa que o fazendeiro faz é escanchá-lo em um cavalo, que o inutiliza para uma porção de dias, ou conduzí-lo a uma caçada, que o arrebenta da mesma maneira.

Ao professor Tarquínio coube, em primeiro lugar, o martírio da caçada.

— Vamos aos veados, doutor! — vai se divertir pr'a burro! — convidou o coronel.

E entregando-lhe uma espingarda e uma cartucheira, partiu, com êle, mato a dentro, no ruma da "espera", onde os "mateiros" eram numerosos, por ser tempo de fruta e estar situado alí o único bebedouro das proximidades.

Chegados ao lugar, encolheram-se os dois, disfarçados por uma cortina de ramos, o ouvido à escuta, a arma sôbre os joelhos, o dedo acariciando o gatilho. De repente, as orelhas afiladas, o focinho farejando o vento, surge um veado, grande como uma cabra. E estava a dez ou doze metros dos caçadores, quando o coronel sussurrou:

— Doutor, o veado é seu; atire!

Pum!...

O tiro reboou, formidável, pela mataria adormecida. Uma nuvem de fumo espa-

lhou-se em tôrno, escurecendo tudo. E o eco do tiro foi a carreira desabalada do veado, que, assustado, desapareceu como um relâmpago, fazendo estalar os ramos sêcos como se fosse um bólide desencadeado.

— Nem feriu! — informou o coronel, desolado. — Vamos à outra "espera".

Meia légua distante dalí havia outro ponto de "tocaia", não tão bom como o primeiro, mas, em todo caso, excelente. Foram para lá, e, com tanta felicidade que, ao tomarem posição, logo apareceu o veadinho, que, menos arisco do que o anterior, ficou apenas a seis metros do esconderijo dos caçadores.

— O veado é seu, doutor! — soprou o fazendeiro.

Pum!...

E outra vez o tiro perdido, e o veadinho a fugir como uma flecha, com o susto que lhe causara o estampido.

Aquela falta de pontaria era caso excepcional naquelas paragens. O coronel pensou, matutou, refletiu, e conduziu o seu hóspede à terceira "espera", que, por sinal, era a mais ingrata de todas. Esconderam-se e esperaram. De repente, surge ao longe, na clareira, o terceiro veado. Era grande como o primeiro. Chegou, farejou, e postou-se, inquieto, a trinta metros de distância, na mais difícil das posições para os atira-

dores. O coronel resolveu, porém, experimentar o seu processo.

— Doutor, — disse.

E baixinho:

— É um doente seu...

Pum!... reboou o tiro.

E o veado caiu.

XXXVII

CONSELHO DE SURDO

Após um ataque cerebral, o comendador Epaminondas ficou completamente surdo. Não fosse um homem de fortuna, e teria ido para um hospital. Possuía, porém, os seus prédios, as suas apólices, e, como fosse conformado com a vida, meteu-se em casa, a errar como uma sombra pelos salões do seu palacete, onde só de longe em longe encontrava, como a um anjo no Deserto, a figura gentil e moça de Dona Marietinha.

Marietinha Guedes não nascera, porém, para enfermeira. Nova ainda, com os seus grandes olhos redondos e o seu cabelo cortado em bico, era uma figura legìtimamente mundana. Quando o marido ainda era "vivo" limitava-se aos *flirts,* ao namôro, à coquetaria; atingidas, porém, de "surdez" e de morte outras partes do corpo, achou que estava no seu direito substituí-lo, e tomou para amante o Políbio Rocha, que lhe parecera, dos seus admiradores, o mais disputado pelas outras mulheres.

Fiada no ouvido do espôso, Marietinha foi, pouco a pouco, perdendo os escrúpulos,

até que passava a falar com o rapaz, pelo telefone, à vista do próprio Epaminondas, o qual se deixava ficar sentado, a certa distância, fumando maquinalmente o seu charuto.

Naquele dia, tinham os dois, marido e mulher, acabado de almoçar, e sentaram-se na saleta, onde se achava o aparêlho telefônico. Marietinha havia amanhecido nervosa, agitada, e ainda mais se tornara depois que, em conversa com uma das suas amigas, soubera de certas leviandades de Políbio. Procurara falar com êle duas, três, quatro, cinco, dez vezes, e não o encontrava nem na *garçonnière,* nem no escritório, nem na casa do pai. Resolveu procurá-lo mais uma vez. Encontrou-o. E foi a tempestade.

— Pois, olhe, — disse-lhe, a certa altura da altercação, — você pensa que eu faço conta de você? Homens não me faltam; sabe? Quantos eu queira, é quantos tenha.

A fisionomia estúpida, mas sem a menor idéia de que a espôsa o pudesse estar enganando, Epaminondas via, apenas, que a mulher estava discutindo, irritada. Certo, era discussão com a telefonista.

— É isso! — insistia a rapariga, no auge da indignação. — Eu sei, agora, o que eu vou fazer do meu corpo...

Por essa altura, alheio a tudo, Epaminondas voltou-se.

— Olha, filha, queres saber de uma cousa?

A mulher voltou-se, os olhos fuzilantes de cólera. E êle, inocente, supondo que se tratava do fone:

— Se eu fosse tu, punha isso no gancho...

XXXVIII

OS DRAMAS DA ÍNDIA

(CAMI)

QUADRO PRIMEIRO

A FILHA DO DERVICHE

A cena representa o interior de uma casa na Índia Inglesa

. . . . . .

A FILHA DO DERVICHE — Meu amor, venho dar-te uma triste notícia: creio que vou ser mãe!

O INGLÊS SEDUTOR — Mãe? Oh! isso é horrível!

ELA — Mais horrível do que supões, pois meu pai, o Derviche dansante, chega esta semana da cidade, aonde foi contratado com três companheiros para servir de ventiladores numa barraca de luxo. A temporada de verão terminou. Dentro de seis dias êle estará aquí, e se me encontra neste estado, mata-me, sem compaixão.

ÊLE — Como sairemos desta situação? É necessário que teu filho, nosso filho, nasça antes de quarenta e oito horas.

ELA — É impossível! Isso só se poderá dar, no mínimo, dentro de seis meses.

ÊLE — Deixa-me pensar. Uma idéia, seja qual fôr, há de germinar no meu cérebro.

ELA — Permita Buda que essa idéia germine com a rapidez do grão de trigo sob o olhar do faquir!

ÊLE — (dando um salto) — Eureca! Aí está a idéia!... Os faquires!... A geração espontânea!...

ELA — Não compreendo!

ÊLE — Vou explicar-te. Os faquires do teu país fazem germinar qualquer semente em poucos minutos, só com o fixar nela os seus olhos em brasa.

ELA — De fato. Sob o fluido magnético do seu olhar, o grão se transforma em planta, e brota instantâneamente.

ÊLE — Já que êles exercem tal poder sôbre as plantas, por que não poderão da mesma forma fazer germinar espontâneamente uma criatura? Mandarei vir um faquir, e, afim de que não te possa conhecer, meu criado o introduzirá, esta noite, às escuras, no teu quarto de dormir. Êle passará a noite ao pé do teu leito, os olhos fixos na direção que o criado lhe indicar, e... Não te parece feliz a idéia?

ELA — Admirável!

QUADRO SEGUNDO

HORRÍVEL DESPERTAR

No dia seguinte. — A cena representa a alcova do inglês sedutor

. . . . . .

O Inglês — (despertando). Está amanhecendo... Vou levantar-me, para ir imediatamente ao quarto de minha amada, ver o feliz resultado da geração espontânea. (Descobrindo um faquir aos pés da cama) Que faz aquí êste homem?

O Faquir — Sou o faquir a quem o criado encarregou, à noite, de olhar até o amanhecer.

O Inglês — (olhando o próprio ventre, que inchou de um modo monstruoso) Misericórdia divina! Que é que vejo! Há, em tudo isso, um horrível equívoco! Mas, não era a mim que... (toca a campainha, aparece o criado) Que significa esta estúpida brincadeira?

O Criado — Perdôe-me, meu senhor! Eu me enganei de quarto! Em vez de levar o faquir ao quarto da senhorita, como íamos às escuras, metí-o aquí! (vendo a barriga do patrão) Que horror!...

O Inglês — Corre! vai buscar dois médicos! Que venham, com urgência, tirar-me desta situação!

(O criado sai, seguido do faquir).

A Filha do Derviche — (entrando) O faquir não foi à noite. Mas não importa, porque eu me havia enganado. Não vou ser mãe, não!

O Inglês — Mas vou eu! O faquir veio aquí e à fôrça de olhar-me o ventre durante a noite, acabou por fazê-lo germinar! É para tornar um homem doido!

Ela — És muito impressionável, meu amor! Isso foi a nossa palestra de ontem, que te impressionou muito... Trata-se, com certeza, de um "embaraço"... nervoso!

QUADRO TERCEIRO

PAI!... OU ANTES... MÃE!

Mesmo cenário

. . . . . .

1.º Médico — (examinando o inglês). É incrível! O senhor tem todos os sintomas do... do... "embaraço"!

2.º Médico — É fenomenal! É espantoso! É abracadabrante! Aquí está a prova material, palpável!

O Inglês — Senhores, por piedade! Fazei o possível para livrar-me disto!

1.º Médico — Se o meu ilustre colega não tem nada a objetar, tentaremos uma operação... cesariana.

2.º MÉDICO — De acôrdo; e veremos o que sai daí de dentro.

1.º MÉDICO — (apalpando o abdómen) Sinto bem, ao tato, duas pequenas cabeças.

O INGLÊS — Duas!... Isto é espantoso! Façam-me a operação!... Depressa!...

(Os médicos adormecem o paciente)

1.º MÉDICO — Meu presado colega! Abra-o, se prefere.

2.º MÉDICO — Cedo-lhe a honra, meu caro colega. Prefiro fechá-lo.

1.º MÉDICO — Nesse caso... (Abre o ventre, e deixa escapar um grito) Que horror!

2.º MÉDICO — Que há?

1.º MÉDICO — Veja o que há alí dentro! Dois melões...

O INGLÊS — (despertando) Já sou pai?...

2.º MÉDICO — Sim! Pai de dois soberbos melões, gêmeos!

O INGLÊS — Dois melões? Agora compreendo tudo! À noite, comí melão, e engulí duas sementes, que o faquir, com os seus olhos, fez germinar espontâneamente!

(Cai o pano... em cima do inglês)

XXXIX

A SOMBRA

O Arnaldo Beleza era um mundano à maneira moderna. Vivendo fartamente de poucas rendas, residia em um dos bairros *chics* da cidade, em um palacete cujo interior o bom gôsto de Dona Celeste transformara em um ninho luxuoso, ou antes, em um estôjo, de que era ela a jóia. À noite, ao jantar, aparecia sempre o Bandeira Guedes, o opulento capitalista, amigo da família. E como o Beleza fosse um homem de sociedade, saía, pouco depois, para o clube, onde ficava até duas ou três horas da manhã, aventurando na roleta ou no poquer o dinheiro trazido de casa.

Era exatamente em frente ao palacete do Arnaldo Beleza, o qual, por sinal, era de esquina, que residia o comendador Alexandre Barata. Amigo do desembargador Beleza, pai do mundano de agora, não transferira ao filho senão uma parte da estima que consagrara ao velho. Não lhe frequentava a casa, mas, em compensação, onde o

encontrava, tratava-o com carinho, com ternura e, sobretudo, com intimidade.

E foi com essa intimidade, que o venerando capitalista abordou, uma tarde, na Avenida, o filho do velho amigo.

— Ó "seu" Arnaldo! — chamou. — Venha cá.

O mundano parou, com a sua jovialidade de estróina, abraçando com efusão o amigo de outros tempos. E a palestra começou.

— Então, como vai a senhora?

— A Celeste? Vai bem, obrigado.

— Mas, a propósito, — aventurou o velho que conduzia a conversa calculadamente. — Eu vou dar um conselho a você, e que é um benefício a mim mesmo.

O Beleza arregalou os olhos.

— Sim, — continuou o ancião, rindo. — Vocês, moços, não sabem o mal que fazem a nós, velhos, com o espetáculo de sua mocidade. E eu estou certo de que você ignora, absolutamente, a inveja que me tem causado.

— Eu? — achou graça o Beleza.

— Você mesmo! E sabe quando? Quando se vai deitar!

— Quando me vou deitar? O senhor está, então, acordado até essa hora?

— Estou, sim... Eu durmo sempre às onze horas...

O Beleza levou o dedo ao colarinho, como para desapertá-lo.

— Mas, eu lhe conto como é, — reatou o velho, rindo. — À noite, alí pelas dez e meia, eu costumo sempre ir colocar-me à janela, para fumar o meu cigarrinho e tomar um pouco de fresco. É a hora exatamente em que você se recolhe também. Da minha janela, vê-se tudo, no seu quarto iluminado. A janela está fechada, mas se percebe tudo pela sombra, através do vidro fôsco. Vejo quando vocês sobem, beijando-se... Vejo quando você tira a roupa... quando Dona Celeste se despe... quando vão os dois, abraçados, para a cama.

E rindo, com garotice de velho:

— Isso para a minha idade, faz um mal horrível, menino!

O Beleza achou graça, também:

— Pois, eu vou providenciar, comendador; é verdade que, a essa hora, eu estou sempre no Clube; mas eu vou providenciar.

E despedindo-se do velho:

— Eu vou prevenir o Guedes...

XL

AS PASTILHAS

Inteligente, honesta, perspicaz, e, sobretudo, com um grande conhecimento da vida e do mundo, a baronesa de São Felizardo amadureceria sem preocupações nem insônia se não adorasse aquele filho único e jovem, que lhe ficara do seu consórcio feliz. O rapaz era forte, nobre, altivo e generoso, mas possuía o defeito de andar pelos vinte anos, idade em que se manifesta em todos os homens um perigoso desequilíbrio do coração.

Ìntimamente, a baronesa não punha obstáculo ao casamento do filho. Mais tarde ou mais cedo êle teria de tecer o seu ninho, de constituir a sua família, erguer a tenda do seu lar, e melhor seria, sem dúvida, que o fizesse logo, sob a vigilância carinhosa do seu cuidado materno. Onde encontrar, porém, a espôsa ideal, a criatura virtuosa, doce, formosa e obediente que desse ao seu querido Luciano a felicidade que êle, realmente, merecia? Simples e bom, o rapaz perguntava-lhe, às vezes, pondo-lhe ao pescoço o colar flexível dos seus braços:

— Diga-me, mamãe: a Estela seria, para mim, uma boa espôsa?

Ou então:

— Eu encontraria na Adelaidinha a companheira que sonho e a filha que a senhora procura?

A resposta da baronesa a essas consultas do filho era, geralmente, um beijo longo, amoroso, maternal, a que êle dava, em silêncio, as interpretações mais diversas. O certo era, porém, que a pobre senhora não tinha coragem de aventurar o destino do filho, afirmando uma cousa que estava apenas nas mãos de Deus.

Incomodado com aquela atitude, com aquelas evasivas contínuas da única pessoa que lhe poderia dar conselhos sôbre matéria tão delicada, resolveu o rapaz insistir, reclamando resposta mais positiva:

— Eu queria que mamãe fosse mais franca, mais clara, mais decidida nesse assunto, — pediu. — A senhora é a única pessoa que me pode guiar com sinceridade. Por que, então, me trata assim?

Comovida com a queixa do filho, a baronesa prometeu, abraçando-o, que no dia seguinte esclareceria tudo. E no dia seguinte, após o jantar, chamou, como prometera, o rapaz, sentou-o a seu lado e, dando-lhe um beijo, começou:

— Queres a explicação do meu silêncio quando me falas no teu casamento e na mulher que te pode fazer feliz? Eu vou dar-ta.

E abrindo um vidrinho de que derramou algumas pastilhas absolutamente iguais no tamanho, na forma e na côr, espalhou-as sôbre a toalha bordada, e explicou:

— Estas pastilhas, meu filho, são todas parecidas. Umas são de açúcar puro, brando, inocente e podem adoçar a bôca, deliciando o paladar; outras, porém, são de estriquinina e podem matar instantâneamente. Estás vendo?

— Sim, senhora, — respondeu o rapaz, atento.

— Entre umas e outras há alguma diferença?

— Não, senhora.

— Pois bem; as mulheres são como estas pastilhas: é depois que o homem casa que sabe, ao certo, se ingeriu a de açúcar, que delicia, ou a de estriquinina, que mata. Compreendes?

E pondo-lhe as mãos nos ombros:

— Achas, agora, que a tua mãe, que só tem a ti no mundo, te poderia arriscar a morrer envenenado?

XLI

O EVANGELHO DE MARCOS

A família Bordalo Braga é a última palavra em virtudes cristãs. Portadora das velhas tradições brasileiras, é ainda costume, no velho solar de fazenda, reunirem-se as pessoas da casa depois do jantar, afim de ouvirem, recolhidas, a leitura de uma passagem da Bíblia, ou, por mais suave, da *"Imitação de Cristo"*. Óculos na ponta do nariz, as velhas fazem *crochet,* escutando as santas palavras. O coronel Braga fuma, na cadeira de balanço, ou joga a "paciência", na extremidade da mesa. Ao centro, o lampião de carbureto fulgura papoucando de quando em quando como uma motocicleta em disparada.

Casada há pouco mais de um mês com o Antônio Frota, rapagão da cidade que a fôra descobrir, como uma pérola no oceano, naquele fundo de sertão, a Luizinha, filha do fazendeiro, faz, naquela noite, a leitura da Bíblia. O livro aberto sôbre a mesa, o cotovêlo apoiado na tábua, o rosto apoiado na mão, a claridade do lampião dá-lhe à face pálida, sem sombra de pintura, uns ares

de Gioconda sertaneja. Traz o cabelo, que não cortou, aberto ao meio. Os olhos, muito doces, ensombrados pelas olheiras, são dois repuxos de luz em dois canteiros de violetas. Apenas a bôca se conserva vermelha, de tanto ser mordida, parece, pelos beijos do marido, espécie de Hércules de quem ela foi a mais providencial das Onfales.

Escancarado o livro no Evangelho de Marcos, Luizinha lia, naquela noite, o episódio do mancebo rico.

— "17 — E saindo para o caminho, correu para o Senhor um mancebo, e, pondo-se de joelhos diante dêle, perguntou-lhe: "Bom mestre, que farei para herdar a vida eterna?"

E mais adiante:

— "...Mas Jesús, tornando a falar, disse-lhes: Filhos, quão difícil é, para os que confiam nas riquezas, entrar no reino de Deus!"

E logo:

— "25 — É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino dos céus!..."

Nesse momento, a Heloísa, segunda filha do coronel, linda sertanejinha de dezessete anos, resolveu intervir:

— Mas, é possível, mesmo, que um camelo tenha passado pelo fundo de uma agulha?

As velhas objetaram:

— Por que não? A Nosso Senhor nada é impossível!

— Ah! mas eu não creio! — tornou a menina, corajosa.

— Não crês, por que? — atalhou Luizinha, interrompendo a leitura. — Se Nosso Senhor quisesse, não precisava milagre nem nada.

E reabrindo o livro, para continuar a leitura:

— Bastava passar vaselina!...

XLII

O CAVALO INDISCRETO

— Olha, tu vais, mas com uma condição: quanto voltares, contar-me-ás todas as particularidades da tua "lua de mel". Prometes?

Foi assim que se despediram, na pequena estação de estrada de ferro, a Teresinha Santos e Abigail Bandeira, que acabava de casar-se com o jovem engenheiro Lima Bandeira, o qual se mostrara um perfeito especialista em minas indo descobrir naquela fazenda de Santa Engrácia, no interior de São Paulo, aquele diamante vivo, que era a filha do coronel Fortunato Praxedes.

Dois beijos mais, um silvo de animal assustado e a máquina partia levando os carros, e um dos carros levando os noivos.

Por essa despedida pode-se imaginar a ansiedade, a aflição, o nervosismo, em que a Teresinha Santos foi receber à estação, quinze dias depois, a amiga que regressava. E a sua ansiedade era tamanha, que, assim que a outra saltou, a segurou logo pelo braço, fazendo questão de levá-la na sua *charrette,* indo o marido, e as pessoas que tinham ido recebê-los, nos outros veículos da fazenda.

— Anda! Vamos aquí! — convidou, imperativa, cobrindo a outra de beijos.

O chicote, manejado pela mãozinha nervosa da moça, estalou no ar, e o cavalo, arrastando a *charrette,* partiu, estalando os cascos pelo barro da estrada e distanciando as duas, a recém-casada e a amiga, do resto da comitiva.

— Agora, conta... — pediu Teresinha, os olhos úmidos de curiosidade, voltando-se para a outra.

A moça relutou, corando. De tal forma, porém, a primeira instou, que a recém-casada, entre envergonhada e orgulhosa, começou a contar, com todos os detalhes, as ocorrências da sua primeira noite de casamento.

— .....!
— Ah, menina! é assim?
— .....!
— E depois?
— .....!
— E depois?
— .....!
— Muito?
— .....!...
— Coitadinha! E depois?

— .....

— Ah, menina, que horror!... E depois?

Nesse momento, no entanto, a *charrette,* sem que as duas dessem por isso, parava em frente à casa da fazenda. Teresinha pulou primeiro. Ao olhar, porém, para o cavalo, ficou, de súbito, muito pálida, muito branca, e, em seguida, vermelha como um tomate.

— Abigail, meu bem! — chamou, horrorizada.

E indicando o animal, que, nesse instante, dava todos os indícios de ter visto uma poldra, que pastava ao longe, no pátio gramado:

— Queres ver, minha filha, que êste maldito cavalo escutou a nossa conversa todinha?!...

XLIII

AS TORTURAS DO CORONEL CANTIDIANO

O coronel Cantidiano havia chegado do Piauí em visita ao seu sobrinho Pelópidas de Menezes, quando, um dia, em plena Avenida Central, sentiu uma daquelas necessidades imperiosas que costumava satisfazer, na sua fazenda de Perí-Perí, no oitão da casa ou junto ao moirão do curral. Meio litro dágua nada adiantaria ao Dilúvio, e, por isso, o cuidado do coronel consistiu em procurar, logo, um recanto propício, para dar satisfação imediata àquela exigência da Natureza.

Olha daquí, espia dacolá, o velho fazendeiro enveredou pela travessa que fica entre o teatro Municipal e a antiga Escola Dramática, por onde não passava ninguém no momento. Assim, porém, que encostou o seu guarda-chuva na parede, e se ia preparando para desafogar-se, eis que lhe batem, forte, no ombro:

— Camarada! adiante! Aquí não pode...

Ao dar com os olhos no guarda-civil que assim o interrompera, o coronel arrumou de novo a sua bagagem de pobre, e tocou-se, mais premido do que nunca, para o centro da cidade. E ia a olhar para um lado e outro, quando, ao dar com um desvão da rua à esquina de Treze de Maio com a Senador Dantas, se preparou, novamente, para levar a efeito a temeridade que vinha premeditando. Encontrou e...

— Camarada! não pode!

Era outro guarda-civil. E lá se foi o velho fazendeiro nortista, a arrastar os passos e o guarda-chuva, sem saber, mesmo, para onde ia. A parte inferior do corpo já lhe pesava como se fosse de chumbo. Os pés, começavam a esfriar. No largo da Carioca estavam, porém, procedendo a uma demolição. O velho Cantidiano aproximou-se da parede. Mas outro guarda veio, logo:

— Cavalheiro, não pode!

O suplício era maior, já, do que a fortaleza do mártir. À rua Gonçalves Dias, esquina da Assembléia, chegara a penetrar nos escombros de uma casa incendiada. E de lá fôra escorraçado por outro guarda, que o perturbara, mesmo aí, com o terrível, o fatídico, o indefectível:

— Cavalheiro! não pode!

Mais empurrado pela multidão, do que a seguir um destino, o coronel Cantidiano foi encostar-se a um portal, onde leu, como que providencialmente:

DR. BORGES MATOSO
VIAS URINÁRIAS

Galgando com dificuldade os degraus, o coronel foi ter ao primeiro andar. O seu estado de abatimento era de tal ordem, que o especialista, pedindo licença aos outros clientes, o mandou entrar logo para a sala de consultas.

— Que é que o senhor sente, meu caro senhor? — indagou o médico.

— Eu, doutor? — Eu... não posso urinar!... — gemeu o mísero, mais morto do que vivo.

— Ah! — fez o médico. — Já sei o que é... Vamos ver, porém, em que condições está...

E indo buscar um copo graduado, entregou-lho.

— Experimente aquí...

A satisfação com que Moisés viu a água, no Horebe, não foi igual, talvez, àquela com que o fazendeiro piauìense viu o vaso que o doutor lhe entregava. Pegou-o com a mão trêmula, e:

— Chó-ró-ró-ró-ró...

Encheu o primeiro recipiente. Encheu o segundo. O médico espantado, trouxe o terceiro. E o coronel, olhos fechados, como num sonho, quasi que o enche também. Ao terminar, o facultativo, admirado, as mãos na cintura, os braços arregaçados, o avental a descer-lhe do peito, inquiriu-o:

— Mas, diga-me uma cousa, meu amigo: quem foi que disse que o senhor não podia urinar?

— Quem, "seu" doutor? Nem me pergunte!

E com um sorriso bom, de mártir aliviado:

— Cinco guarda-civís, "seu" doutor!...

XLIV

A EMBAIXADA EXIGENTE

Sôbre o amplo terraço do seu palácio, a grã-duquesa de Lipps-Kikingen — trinta e cinco anos, nem muito gorda, nem muito vermelha para uma alemã, — aguarda a chegada, na sua capital e cidade única, do magnífico, do irresistível capitão Giselard. Uma radiosa primavera floresce, inaugurada em Lutzen por uma vitória francesa. E Napoleão despachou Giselard a galope sôbre Lipps-Kikingen, para renovar um tratado de aliança, que punha à sua disposição os cento e vinte e dois soldados do grão-ducado.

Em tôrno da soberana se agrupam a primeira dama de honor, a mestra de cerimônias da Côrte, a superintendente do palácio, e Gretchen, a camareira. E elas comentam todas, como em família, os méritos do viajante esperado: em Iena, trinta prisioneiros, êle só. Em Espanha, seis amantes! Durante a retirada da Rússia, quinze cossacos feridos, e três grã-duquesas tam-

bém, não obstante a temperatura de 30 graus, abaixo de zero.

Mas, para além das muralhas, um ponto avança, cresce, toma a forma de um cavalheiro, lançado a toda brida. É êle, é o capitão.

Fru-fru de vestidos pelas escadas. Depois, furtivamente, no jardim do vestíbulo, cada uma das cinco damas toma nos dedos uma pequena margarida, que começa a desfolhar:

— Êle me amará... Êle me não amará... Êle me amará...

Na sala do trono, o enviado do Imperador faz uma entrada sensacional. Que emoção! Um fluxo e refluxo apaixonado faz bater cinco corpetes de sêda. Cinco pares de olhos azues ou negros faiscam de esperanças. Êle é tão soberbo, o capitão, com o seu penacho espanando as nuvens e seu peito atravessado de torçais de ouro, como a carapaça de um escaravelho maravilhoso! Resistência admirável, a sua, pois acaba de fazer uma jornada contínua de um dia e duas noites. Que acolhimento caloroso, festivo, entusiástico!

— Tudo aquí, capitão, está às vossas ordens! — disse-lhe Mina. — Que desejais?

— Um leito, madame, se é possível!

— Sem dúvida. Mas estava preparado um grande banquete em vossa honra.

— Muito grato, madame; mas, como Vossa Alteza vê, estou cansado, fatigado, extenuado. Em primeiro lugar, o leito, peço-lhe.

— Está bem, — replicou, num tom sêco, a grã-duquesa. — Gretchen, conduze o sr. capitão aos seus aposentos.

Ah, não fosse tão longa a viagem! Calçado, de esporas, apertado nos alamares e abotoado até o pescoço, o capitão atira-se, como um fardo, sôbre a colcha luxuosa. Um segundo mais, e um ronco formidável se espalhava, como o rolar de um trovão, por todo o palácio. Ninguém havia dormido assim, desde que o deus Morfeu inventou o sono. Meia-noite soou, sem que o dormilhoco tivesse, sequer, mexido com a ponta do dedo. Oh! a fisionomia furiosamente despeitada, que tinham a grã-duquesa e as suas quatro companheiras! Soltando sussurros de cortar a alma tiraram a roupa interior, de grande luxo, que haviam vestido com uma secreta esperança. Indignada, a soberana declara, peremptória, que não renovará o seu tratado de aliança com o Imperador. Política é política.

O capitão não acorda senão no dia seguinte, às três da tarde. Que pulo, sôbre

o soalho! Que toque de campainha! Gretchen aparece:

— Dize à grã-duquesa que eu desejo vê-la.

E a etiqueta? Sim! Será possível esquecê-la em uma côrte em que ela regula as cousas mais insignificantes? Antes de obter uma entrevista da soberana, é indispensável dirigir-se à superintendente do palácio. Pois, seja! Pela janela entreaberta sobem eflúvios primaverís. O ar, embalsamado, embebeda. Completamente restaurado, Giselard acaricia o queixo da camareira. Contentar-se-á êle com o queixo? Impossível! E Gretchen rola com êle no mais delicioso abismo do mundo.

Sai a camareira. Redondinha, risonha, tentadora de corpo e de cara, entra a superintendente.

— Uma cadeira, madame...

— Gosto mais do canapé...

Jamais o capitão pôde resistir, na sua vida, a uma pôse de abandono. Ela se deixa ir... Mas irá êle, enfim, agora, se encontrar em presença da grã-duquesa? Não; é preciso que se dirija, ainda, à mestra de cerimônias.

— É a ordem hierárquica! — pensa.

Um pouco madura, um pouco sêca, a mestra de cerimônias entrou. Mas esta

possue, também, o seu modo de recusar uma cadeira, sentando-se familiarmente sôbre a cama... Giselard não é homem, porém, que enjeite uma mulher ou um duelo. Com a cumplicidade dos aromas que vêm de fora, tudo se passa admiràvelmente.

— Meu amor! — exclamou esta à despedida. — Antes da grã-duquesa, é preciso que fales à primeira dama de honor.

Felizmente, a via hierárquica se atapeta de flôres, pois a dama de honor é tentadora como um fruto maduro. Tão doce passa lá fora a brisa de maio, que o capitão não se detém com atos de polidez, oferecendo, sequer, à visitante, a cadeira protocolar. Êsse duo é decisivo. Giselard vai, enfim, conseguir uma entrevista com a soberana.

A princípio, abaixo de zero, a palestra vai se aquecendo, até a ebulição.

— É em meu palácio, então, que você vem dormir vinte e uma horas, vadio! — observa-lhe, familiarmente, a grã-duquesa.

— É que eu estava entretido em um belo sonho, madame.

E êle lhe conta, jovial, o sonho, de que era ela o centro audacioso.

— Insolente! — diz-lhe a soberana, por simples formalidade.

Em seguida, ela confessa que também sonhou com o seu hóspede. É bastante.

Mais tentador ainda, o ar espalha os perfumes da terra. O ambiente é, cada vez mais, convidativo.

— Sacripante! — geme, numa voz que é um suspiro, a grã-duquesa. — Tu terás... o teu tratado de aliança!

Era assim que se fazia, há um século, a política das potências.

XLV

O PECADO DO MARTINHO

Para a pequena cidade de Capijutapera, no Amazonas, constituiu um acontecimento a chegada de um sacerdote, para catequizar os pecadores daquelas alturas. E êsse sacerdote era o padre Gonçalo, o qual, dizendo-se expulso de Portugal pelas autoridades civís, alí aportara com o seu chapéu-côco no cocuruto e com uma pequena mala de mão repleta de objetos religiosos.

Padre Gonçalo era a figura clássica dêsses indivíduos sem pátria e sem escrúpulos, que, abusando de uma classe respeitável e respeitada, percorrem o mundo explorando a singeleza do próximo. Certo, não era, nem fôra padre. Soubera, porém, sem pastor, aquele pequeno rebanho, e, como fosse audacioso, fixara alí residência, aguardando melhor ocasião.

Capijutapera não era, todavia, o que padre Gonçalo imaginara. As mulheres, sempre mais devotas do que os homens, eram alí raríssimas. Uma ou outra espôsa de seringueiro, e essas mesmo indomesticá-

veis, sem fé e sem Deus, mais descrentes e rebeldes do que os próprios bichos do mato.

Ao fim de um mês o suposto padre Gonçalo estava arrependidíssimo da sua aventura. Não fosse temer a ira dos caboclos ludibriados, e despiria aquela batina, revelando a sua condição. E pensava, certa manhã, nisso mesmo, encostado à porta da sacristia, quando se aproximou da sua pessoa, os pés descalços, as calças arregaçadas até acima dos joelhos, o Martinho Jatobá, rapagão entroncado, de uns vinte anos, cuja mocidade sadia se inutilizava alí, naquelas terras sem recursos.

— Bom dia, "seu" vigário!

— Bom dia, Martinho, — correspondeu padre Gonçalo. — Que é que você quer por esta casa de Deus?

Martinho explicou-se. Queria confessar-se para sossegar a alma atribulada por uma porção de pecados.

— Então, entre. Vá para o confessionário, que eu já vou.

Minutos depois, um de um lado, outro do outro do confessionário, estavam, confessando e confessor, em confabulação animada.

— Sim, "seu" vigário; era uma onça, sim, senhor. Eu estava dormindo no mato, sonhando com uma moça muito bonita, que me abraçava, me beijava, me agradava: e

quando acordei, estava aos abraços com uma onça enorme, que me lambia a cara, me amimava, me acarinhava, como se eu fosse marido dela.

— E depois? — indagava o sacerdote, interessado.

— Depois, eu me abracei com ela, e ficamos assim, até de manhã!

Padre Gonçalo coçou o queixo, por um instante. Ao fim de alguns minutos, sentenciou:

— Não deixa de ser pecado, não, filho. E você, amanhã, vai começar a penitência, rezando dez padre-nossos e vinte ave-marias junto do Cruzeiro do Cemitério.

No dia seguinte, pela manhã, passava o Martinho em frente à igreja, quando ouviu:

— Psiu!... Psiu!... Psiu!...

Era padre Gonçalo, que ia no seu encalço:

— Venha cá, "seu" mentiroso! que história de onça foi essa? Você não esteve com onça nenhuma!

E vermelho de cólera:

— Se você pôde se meter com uma onça, como é que eu não pude me arranjar com uma gata?

XLVI

DESGÔSTOS...

Pouco a pouco tinha se ido esvaziando a sala da Brama, onde, durante horas seguidas, ingleses, alemães, e brasileiros, embocam *chopps* e copos de *whisky*. O relógio da galeria Cruzeiro havia marcado já duas horas da madrugada. Os bondes tornavam-se mais demorados, e mais raros os passageiros. Cessava, em suma, a vida noturna da grande cidade.

Sòzinhos na mesma mesa, o Carlos Brito e o Pacheco de Moura fumavam e bebiam. Sob o copo de cada um, amontoavam-se os pires de papelão, denunciando o número de *chopps* bebidos. Não falavam, como se estivessem, um e outro, mergulhados no passado ou no futuro.

Magro e claro, rosto escaveirado pelas vigílias, Pacheco de Moura, antigo autor teatral, mostrava nos seus cabelos brancos precocemente vindos, os sofrimentos amontoados em quarenta anos de vida forçadamente boêmia. Mais moço dez anos, Carlos Brito parecia ter a mesma idade. O

tempo havia-lhe, também, devastado a saúde, dando-lhe, aos trinta anos, fisionomia de velho.

— Afinal de contas — observou, de repente, Carlos Brito, interrompendo o silêncio meditativo de ambos; — afinal de contas, para que é que nós bebemos? É uma vida estúpida; não achas?

— Cada um de nós tem o seu motivo... resmungou o outro, acendendo um cigarro. — Tu não tens os teus?

— Eu? Naturalmente... Desgôstos de família... Tu sabes como meu pai era meu amigo... Não me faltava nada. Um dia, só porque fui reprovado na Politécnica, pôs-me para fora de casa, como um cão. Não voltei mais lá, minha mãe morreu, e, como êle casou com a mulher que já possuía, considero-o, hoje, um indiferente... É um desgôsto como outro qualquer. Já o considero, porém, passado, e, qualquer dia, digo adeus ao copo, e faço vida nova.

— És um felizardo, — rosnou, de novo, Pacheco de Moura. — Pudeste subjugar o teu desgôsto, matá-lo, afogá-lo na bebida... Era um desgôsto sem resistência... E eu, meu velho?

Puxou uma onda de fumo do cigarro:

— Eu, devo isto à Rosita... Tu sabes quem é a Rosita; não? Tinha-lhe amor, paixão desesperada. Um dia, a ban-

dida deixou-me pelo velho Rocha, que foi com ela para a Europa, e ficaram os dois, por lá... Há dois anos vivo a afogar êsse ressentimento na cerveja, no *whisky,* no *cognac,* até na aguardente.

— E não o mataste ainda?

Pacheco Moura teve um sorrisinho triste:

— Eu, filho?... Qual! Há desgostos que a gente não afoga nunca.

E num gesto irônico, num movimento de mão:

— Sabem nadar...

XLVII

A VAQUEIRINHA

Foi uma festa na casa do comendador Ramos no dia em que o velho comerciante, aquiescendo à insistência das filhas, deliberou:

— Bom; vocês vão; mas, cuidado. Não pensem que uma fazenda é uma cidade, e vão se meter pelo mato, supondo que é a Avenida Central. Cautela com os bois e com os passeios a cavalo. E, sobretudo, nada de criancices na casa alheia.

A fazenda da "Bôa Viagem" pertencia à viúva Clementina Simões, que havia feito o convite. E se as filhas do comendador Ramos se haviam mostrado contentíssimas com a idéia, ainda o mostrou mais a Lucília, a mais moça das quatro, a qual ficou quasi doida de alegria quando soube que ia passar uma semana inteirinha perto do Otávio, a passear por aqueles campos, por aquelas várzeas, que seriam suas, um dia, depois do casamento, que era o maior sonho dos dois e, mesmo, a maior ambição das duas famílias.

E cinco dias depois lá estavam todos, na "Bôa Viagem". Propriedade pastoril de grande preço, a fazenda era, no seu gênero, um modêlo de organização e de fartura. Pela manhã, cêrca de duzentas vacas eram mugidas, havendo sempre no curral quatro ou cinco, para fornecerem leite cru, fresco, espumoso, a qualquer hora do dia. E era em iniciar a namorada nessa vida nova, tão cheia de encantos e surpresas, que o Otávio, vindo também da cidade, se ocupava, ora ensinando-a a equilibrar-se a cavalo, ora, simulando um rapto, partindo com ela na garupa, em correria, pela várzea, entre os gritos alarmados de todos.

Naquela manhã, olhava a Lucília o úbere farto de uma das vacas conservadas no curral, quando, de repente, chamou um menino, e ordenou:

— Vai buscar um copo... Vou tirar um bocado de leite.

— Leite? — estranhou o Otávio, sorrindo. — Tu pensas que é fácil mugir uma vaca?

— E por que não? É só puxar... Não é?

O boêmio riu, achando graça. Trazido o copo, a mocinha passou, pela porteira, para dentro do curral, o Otávio arredou o bezerro, e a Lucília, abaixando-se junto à vaca, uma das mais bonitas e mansas da fazenda, começou, com a sua mão muito branca, muito fina, a puxar as têtas grossas e escorregadias do animal.

— Fôrça! — dizia o Otávio, rindo, zombeteiro, daquele esfôrço inútil; — fôrça!

Vermelha de sol e de despeito, por se tornar tão difícil aquilo que se lhe afigurara tão fácil, Lucília empregava o máximo da sua energia, ou antes, da sua fraqueza, em puxar e repuxar o peito da vaca. Êste lhe escapulia, porém, da mão miúda, como uma lagarta enorme que pulasse do caule de uma camélia, tendo a moça de segurá-lo de novo, para, de novo, sentí-lo escapulir-se.

— Deixa isso... Anda! Não consegues nada, não... — convidou o Otávio, segurando-a docemente pelo braço.

Lucília resistiu.

— Ah, Tavico! não — gemeu, sem soltar o peito da vaca.

E de repente, com entusiasmo:

— Espera aí... Espera aí... Parece que já vem...

E com os olhos muito vivos, muito risonhos, como quem vai triunfar:

— Já está endurecendo...

XLVIII

A VOLTA DE JERUSALÉM

Há três anos, já, havia o Barão Roberto de Rocheclose, grande fidalgo normando, partido para a Palestina, a libertar com a sua bravura e com o seu sangue, ao lado da melhor nobreza de França, o Santo Sepulcro, até então em poder dos infiéis. Cavalgando o seu belo ginete baio, coberto de malha de prata, e empunhando o seu escudo, a sua lança, e vestindo a sua pesada armadura de cavaleiro, havia o famoso senhor de Rocheclose beijado respeitosamente a Baronesa Alina, loura criaturinha jovem ainda, entregando-lhe, para que o guardasse com a sua fraqueza, o poderoso castelo da Montanha das Águias. Beijara-a, e partira.

Ao partir, havia, porém, o valoroso fidalgo tomado as providências que a cautela do tempo determinava: passara em tôrno à sua linda espôsa o cinto da castidade, fechara-o com o cadeado, e, pondo no bolso da armadura a chave preciosa, lá se foi de alma tranquila para as suas escaramuças com os turcos em tôrno de Jerusalém.

Com o braço cansado de derrotar cavaleiros inimigos, obtida a licença necessária para voltar aos seus domínios, tomou o fidalgo, finalmente, um navio em São João d'Acre, e, seis meses depois, chegava às suas vastas terras da Montanha das Águias. Ao barulho de lata das suas armaduras, ao choto mecânico do seu novo cavalo árabe, corriam peões para a estrada, a ver o transeúnte coberto de ferro e de pó.

Em frente ao castelo, foi um alvorôço. A ponte levadiça desceu sôbre o fôsso, as buzinas ressoaram nas ameias, e foi como Josué em Jericó que o Barão de Rocheclose penetrou no pátio, onde dezenas de peões se apressavam em segurar-lhe os estribos para a descida.

— E a sra. Baronesa, onde está? — indagou, inquieto.

— Está na vossa alcova, meu senhor, está na vossa alcova, de onde nunca mais saiu desde que partistes! — informaram vinte vozes.

Com a rapidez que lhe permitia a armadura pesada, entregando ao escudeiro as suas armas, o Barão subiu as escadas de pedra e penetrou no aposento. Sòzinha, levemente vestida, a Baronesa recostava-se no leito baixo, deixando entrever a carnação mais tentadora do mundo.

A vista daquele espetáculo despertou no fidalgo todos os sentimentos de paixão nele adormecidos pelos rumores da guerra. Atirou para um lado o elmo, a viseira, a luva de ferro, e, com a mão trêmula, tateou o bolso da armadura, procurando a chave do cinto de castidade. De súbito, empalideceu sob a barba hirsuta e selvagem.

— Por São Jorge! — rugiu. — Deixei a chave na Palestina!

E juntando o elmo e a viseira, pronto para sair:

— Eu vou buscá-la, já venho!

A essas palavras, a Baronesa não se conteve. Estendeu-lhe os braços, apaixonada:

— Roberto, não vás!

E puxando-o pela mão:

— Os pagens têm uma... que serve!

XLIX

O CONFESSOR SEM SORTE

Pároco de uma das duas igrejas de Santa Ana do Rio Manso, padre Valério tivera a desdita de ter como competidor, na conquista de almas para o reino de Deus, um colega ainda moço e, o que era mais, bonito. Enquanto o padre Ricardino era elegante, verboso, verdadeiro tipo de sacerdote moderno, êle representava a geração deposta, entrincheirada na severidade jesuítica, fortalecido por um físico desolador. Baixo, moreno, cabeça grande e chata, enterrada no pescoço, constituía, pode-se dizer, a negação da simpatia. Daí, naturalmente, o abandono da sua igreja pela gente melhor da localidade, e principalmente pelas mulheres novas, ficando no seu rebanho ùnicamente as beatas velhas, espécie de morcegões da noite, cuja presença lhe acentuava ainda mais a conciência do seu desapreço, comparativamente a padre Ricardino. Dia e noite, eram aquelas confissões hipócritas, sem veneno e sem novidade. Não lhe aparecia, sequer, uma noiva, para dizer-

-lhe o susto dos primeiros anseios, ou uma senhora bonita, para sussurrar-lhe, num misto de inquietação e de orgulho, o horror de uma falta deliciosa! Tudo isso, todos êsses quitutes do escândalo, eram, agora, privilégio do outro vigário!...

Foi, pois, com uma verdadeira festa de alma que padre Valério verificou, naquele dia, ao entrar no templo, que, entre os urubús costumeiros que alí faziam pouso, havia uma pomba-rôla, que era nada mais, nada menos, que a Antonina, filha única da viúva Gama, e que toda a gente considerava, sem favor, uma das meninas mais lindas de toda a comarca. Vendo-a preparada para a confissão, o véu branco à cabeça, o sacerdote estalou a língua, ìntimamente.

— Temos novidade! — exclamou, de si, consigo.

E adiantou:

— E cousa supimpa!

Em menos de cinco minutos, padre Valério despachou nove beatas e três velhos. Estava ansioso pela variedade do *menú,* e foi com verdadeira volúpia da sua curiosidade que pôs a linda criaturinha à vontade, para que ela lhe contasse, sem rebuços, todo o pecado que a trazia aos seus pés.

— Senhor padre, foi uma verdadeira desgraça... — começou a pobre.

— Conte, minha filha; conte.

— Eu estava na sala, sòzinha, com o primo Alfredo... Êle começou a beijar-me... a acariciar-me...

— E depois, minha filha? — insistiu o sacerdote, encantado.

— Eu fiquei assim meia tonta... Não sabia o que fazia... Êle, então, fez-me sentar junto dêle, no divã...

— Adiante, minha filha, adiante! — instou padre Valério, com o interêsse de um "torcedor" de futebol aflito por saber o resultado do jôgo.

— Êle me fez deitar ao lado dêle, no divã... Eu deitei-me... Êle também se deitou e...

— E...?

— Nesse momento, ouvimos os passos de mamãe, que vinha, e nos levantamos.

— Ora bolas!... — fez padre Valério, dando um murro no confessionário.

E cerrando os dentes:

— Mas, sim, senhor! Já se viu? Que falta de sorte esta minha!...

L

O BEIÇO DO CAPITÃO GADELHA

Há três dias o 38.º de Infantaria apertava, pelo lado sul, o cêrco de Canudos. Entrincheirados nas últimas casas do arraial, os jagunços castigavam a tropa legal com uma pontaria tão certeira que não perdiam, pode-se dizer, um tiro. E foi nessa ocasião que o general Mallet ordenou que o 4.º de Artilharia auxiliado pela Polícia do Ceará, entrasse em ação.

A Fôrça Pública cearense era denodada. Oficiais e soldados, movidos pelo mesmo sentimento, haviam operado milagres. E foi nesse dia que veio ter ao hospital de sangue, mais arrastado do que trazido pacìficamente, o capitão Fernando Gadelha, pertencente àquela milícia estadual.

O ferimento do capitão Gadelha não era grave, mas era feio. Uma bala de rifle, calibre 33, havia-lhe apanhado o lábio superior, arrancando-lhe um pedaço, levando-lhe na violência uma parte daquele belo bigode farto e crespo, que êle torcia e retorcia, outrora, orgulhoso, com as duas mãos, na praça do Ferreira ou no Passeio Público, fazendo suspirar de paixão as mais lindas moças de Fortaleza.

Internado na enfermaria do Dr. Cerqueira, o médico baiano ficou penalizado ao ver a mutilação. E foi movido por êsse sentimento, que se lembrou dos prodígios cirúrgicos do professor Henry na guerra de 70, quando, estudante ainda, fazia o seu curso em París.

— Enfermeiro, — chamou o velho cirurgião, — não acaba de morrer, ou está para morrer, algum soldado?

— Não, senhor, coronel, — informou o ajudante. — A única morte a registar neste momento é a de uma mulher, uma jagunça atingida por bala e que está ainda na enfermaria n. 7.

— Serve, — declarou o Dr. Cerqueira. — Traga o corpo para a sala de operações. Vamos salvar com ela a integridade física do oficial que perdeu a parte do beiço, e que se acha na enfermaria n. 5.

Tão discreto como competente, o professor Cerqueira, que gozava alí das honras de coronel, não disse, jamais, o que fizera com o corpo da jagunça. O que se sabe é que, horas depois, voltava o capitão Gadelha à enfermaria, cloroformizado, o rosto envolvido em gaze, e que, onze dias depois, ao ter alta, não lhe faltava nenhum pedaço do beiço, graças ao enxêrto oportu-

no, de carne sadia e ainda quente, feito pelo habílimo operador. A adaptação fôra tão feliz que até o bigode estava nascendo.

Terminada a luta nos sertões baianos, veio o professor Cerqueira para o Rio, e ia pela rua do Ouvidor quando viu no canto da Gonçalves Dias, em um grupo de oficiais conhecidos, um paisano, o qual se destacava pela bigodeira, que acariciava com orgulho. Aproximou-se, e reconheceram-se.

— É o capitão Gadelha, da Polícia cearense?

— Capitão... hoje coronel, — emendou o provinciano, com ênfase.

— Eu sou o Dr. Cerqueira, o médico que o operou em Canudos... Lembra-se?

— Ah, doutor!

E as duas mãos apertaram-se, afetuosamente.

Momentos depois, estavam no terreno das confidências.

— O coronel, então, nunca mais sentiu nada... — interrogou o médico.

— Nada, doutor, nada, — informou o oficial. — Fui de uma felicidade inaudita.

Mas emendou, logo:

— Apenas uma cousa, doutor.

E a testa franzida, intrigado:

— Por que será que, quando eu vou, assim, ao mictório, o diabo dêste beiço se põe a tremer, que eu não posso quasi falar?

LI

OS FUNERAIS DE GEORGE PRESCOTT

George William Prescott, banqueiro americano (Broadway, 1683, room 803, N. Y. City, U. S. A.), era um daqueles potentados que, adversários da "lei sêca", não se haviam conformado com a promulgação dêsse ato, e, ainda menos, com a sua execução.

— O Estado americano é um Estado cristão, — costumava êle dizer, nas reuniões dos contrabandistas de álcool; — e a lei sêca vai de encontro aos Evangelhos.

E bradava, dando punhadas na mesa:

— Se o vinho fosse um pecado, Jesús de Nazaré teria transformado a água em vinho, nas bodas de Caná?

E mais imperioso:

— Nosso Senhor Jesús Cristo teria, mesmo, transformado nele o seu sangue, tornando-o indispensável na terra enquanto houver um sacerdote do seu culto?

A intensidade da campanha movida contra os proibicionistas fôra, porém, de tal

ordem, que, ao fim do terceiro ano de luta, George William tombava morto, vitimado por um ataque de coração. A moléstia não fôra, contudo, tão rápida que lhe não permitisse enunciar as suas derradeiras vontades, entre as quais estava a colocação, no seu ataúde, de duas dúzias de *champagne,* cujas garrafas seriam dissimuladas por punhados de flôres, que lhe encheriam completamente o caixão.

Ordem dada por George William Prescott, era ordem cumprida. E alí estava êle, no centro da câmara fúnebre, estirado no seu esquife de carvalho com alças de bronze, pronto para ser conduzido ao cemitério. Os círios ardiam em tôrno, como quatro línguas de fogo pedindo pelo finado. Grandes faixas de veludo negro, bordado a ouro, desciam das paredes, das portas, dos móveis, anunciando a presença da Morte.

De repente, como fossem já 4,25, hora de Nova York, o pastor aproximou-se da eça, para ler o evangelho final. Os amigos, os parentes, as pessoas presentes, chegaram-se todas, rodeando o catafalco, sôbre o qual o féretro desaparecia sob uma verdadeira montanha de camélias e rosas. E ia o pastor começar a leitura, quando:

— Pufff!...

Ante o estouro, no caixão, todos se entreolharam. Mas veio outro:

— Pufff!...

A Bíblia aberta na mão, todo embainhado em roupa negra, o reverendo Brockden, que ia fazer a encomendação, olhou por cima dos óculos. Olhou e recuou: por entre as flôres que enchiam o caixão, e exatamente no meio dêste, subia o jacto efervescente de uma das duas garrafas de *champagne* estouradas pelo calor:

— Chiiiii-chi-chi-chi-chi-chiiiiii.

Ante êsse barulho, e diante do que via, o reverendo virou-se para a viúva.

— Mistress Prescott? — chamou.

A senhora aproximou-se, chorosa.

— Mistress Prescott, — tornou o pastor, — o defunto já soltou dois gases...

— ?...

— Já está vertendo água.

— ?...

— Não acha bom trazer logo para cá um urinol e papel sanitário?

LII

A SABEDORIA DE SALOMÃO

Recostado no seu trono maravilhoso, em que as pedrarias acumuladas punham fulgurações de incêndio, Salomão meditava, triste, sôbre os erros do mundo, quando um escravo lhe veio dizer, com os olhos no chão:

— Duas mulheres de Israel procuram o agasalho de tua sabedoria, meu Rei e Senhor!

O monarca fez um gesto rápido, acomodou-se no trono, e as mulheres entraram, lívidas, disputando-se a posse de uma criança viva, em troca de outra, morta, que ambas repeliam.

— Esta mulher e eu — começou a mais moça, limpando os olhos no manto grosseiro, — morávamos na mesma casa, e cada uma de nós tinha um menino. Uma noite morreu o filho dessa mulher, porque ela o sufocou dormindo. Durante meu sono, veio ela cautelosa, tirou o meu menino e pôs no lugar dêle o seu filho morto. Quando me levantei pela manhã e dei com a criança regelada, vi, logo, que não era o meu filho.

— É mentira, senhor, é mentira! O meu filho está vivo; o desta mulher é que morreu! — interrompeu a outra, com os olhos em pranto.

— É falso, meu senhor!

— É verdade, meu senhor!

Diante daquela discussão, em que as palavras não supriam as provas, o monarca suspendeu a mão resplendente, e ordenou ao escravo:

— Trazei uma espada, e partí o menino vivo pelo meio; em seguida entregai uma parte a esta mulher, e metade à outra.

A essas vozes, uma das mulheres caiu de joelhos, pedindo, aos soluços, com as mãos juntas:

— Meu Senhor, por quem sois! dai o meu filho a ela, mas deixai-o vivo! Eu recuso a parte que me cabe, contanto que êle fique com vida, meu Rei e Senhor!

Ao contrário disso a outra mulher pedia, cerrando os punhos:

— Partí-o, Senhor! Partí-o! Eu aceito a partilha, mesmo que só me caiba um pedaço!

Ante aquelas atitudes tão opostas, Salomão determinou ao servo:

— Deixai intacto o menino, entregai-o àquela mulher que lhe defendeu a vida. Ela é a sua mãe!

Momentos depois, nas escadas de pedra do palácio real, as duas mulheres discutiam ainda. E a que trazia o menino vivo, dizia, perversa, à companheira, que chorava:

— Êste menino é, realmente, o teu filho. Egoísta como todas as mães, preferias a sua morte ao seu abandono em mãos alheias. Eu o queria vivo, embora em teu poder, porque depois to roubaria, vendendo-o aos mercadores. Agora, senhora dêle pela palavra do Rei, vou levá-lo ao mercado de Jerusalém!

E partiu a correr.

Em cima, nos seus paços de ouro e púrpura, Salomão sorria, feliz, satisfeito com a sua gloriosa sabedoria...

LIII

O CONFESSOR CONFESSADO

Foi, mesmo, de propósito que o Manuel Gustavo deixou que a missa acabasse para entrar na igreja. E os sinos bimbalhavam furiosamente, numa alegria ruidosa de meninos em pátio de recreio, quando o rapaz, vencendo a onda humana que se escoava pela porta central da matriz, penetrou na grande nave, onde o ar morno sufocava, impregnado de fortes humores humanos.

O sacristão, começava, já, a apagar as velas do altar-mor, mas ainda havia no templo muita gente, que não saíra. Eram beatas mergulhadas na oração, ou simples devotas que aguardavam, ajoelhadas ou de pé, a sua vez, junto ao confessionário.

De cinco em cinco minutos ia uma, esfregava a testa, o nariz e o peito num simulacro de sinal da Cruz, cochichava qualquer cousa, ouvia outras, respondia, e levantava-se, a cabeça baixa, as mãos no peito, o ar compungido, de quem acabasse de conferir, na balança de Deus, o pêso dos próprios pecados.

Do lado de dentro, a orelha no crivo, o corpo derreado no pequeno banco de madeira, padre Daniel sentia passar, de olhos fechados, toda a procissão das misérias terrenas. Faltas graves, crimes hediondos ou simples pecadilhos insignificantes, tudo vinha desaguar no ouvido do confessor. Tais cousas, porém, havia escutado naqueles vinte anos de sacerdócio, que não se afligia, mais, diante de um pecado maior. E foi no seu ouvido, exatamente, que, interrompendo a sequência de vozes femininas que o vinham embalando há duas horas, trovejou o vozeirão de besouro do Manuel Gustavo.

— Eu... pecador... me confesso... a Deus... Todo Poderoso... criador do céu... e da terra... — principiou, a voz soturna, o rapagão.

E por aí foi, a cabeça pendida, a voz grossa, até o fim da oração, que reboava no tímpano de padre Daniel como se lhe fosse soprada dentro da orelha pelas sete trombetas do Vale de Josafá.

Concluída a reza, teve início a confissão, pròpriamente dita. E como o sacerdote lhe dissesse que fosse acusando os próprios pecados, o Manuel Gustavo começou:

— Senhor padre, eu sou muito violento... Outro dia, por uma brincadeira, perdí a paciência, dei um murro na cara de um amigo meu... É pecado?

— Sim, meu filho, — respondeu, a voz tranquila, padre Daniel. — É pecado, sim.

— E que penitência o senhor padre costuma dar?

— Para êsse pecado, oito padre-nossos e oito ave-marias.

— Eu sou também muito guloso, senhor padre. Às vezes, almoço, ou janto, até ficar sem fôlego... Para êsse pecado, que é que o senhor padre costuma dar?

— Dez padre-nossos e dez ave-marias.

— Sou também muito orgulhoso, senhor padre. Se eu faço uma cousa que não devia fazer, reconheço sempre que não procedí bem; mas, por orgulho, não me humilho, não peço perdão de meu ato... Quanto, de penitência, vossa reverendíssima costuma dar?

— Dois rosários, filho... É caso para dois rosários...

Pecador desde a hora do nascimento, pois que não só carregava a mácula do pecado original como outras de pecado em duplicata, o Manuel Gustavo levou vinte minutos a confessar faltas e a receber penitências. E cada vez que vomitava um, perguntava, logo:

— Quanto o senhor padre costuma dar?

E logo o confessor:

— Dez padre-nossos, dez ave-marias...
Ou então:
— Dois rosários...

Ao fim de meia hora, padre Daniel cabeceava de sono, dentro do confessionário. E foi quando o rapaz, que havia deixado o pior para o fim, informou:

— Eu tenho, também, a mania das mulheres, senhor padre... Rara é a noite que não vou para casa de uma francesa de nome Suzete, onde se reune uma porção de rapazes alegres...

E o mesmo refrão:

— Quanto o senhor padre costuma dar?

— Eu, filho? — resmungou do lado de dentro, mais adormecido do que acordado, confundindo as idéias, padre Daniel.

E suspendendo, a custo, uma pálpebra:
— Dez mil réis... Vinte mil réis...
E soltando um ronco:
— Depende...

LIV

A RELATIVIDADE DO CRESCIMENTO

De passagem pelo Rio de Janeiro, o eminente professor Blumentau, da Universidade de Berlim, havia resolvido realizar algumas conferências sôbre a "Relatividade do Crescimento". Era um alemão forte, de estatura imponente, bigodinho louro estendido como um tapête debaixo do nariz, e com uns óculos fortes, de cristal faiscante, poupando os olhos azues.

Precedido de fama universal, Blumentau foi recebido no Brasil como um sábio, como um dos príncipes do pensamento moderno. E alí estava, no salão da Academia de Medicina, rodeado de homens de ciência, de estudantes e de curiosos, a demonstrar a sua teoria, em francês, para ser mais fàcilmente compreendido pelos seus admiradores.

— Durante séculos, senhores — explicava, em francês arrastado; — durante séculos, a Fisiologia ficou indecisa, perguntando a si mesma: "Como é que cresce o ho-

mem?" Para cima, ou para baixo? Hebel, Virchow, Glutmauer, Spritz, Stanisloff, Stefenson, debateram longamente êste assunto sem a menor solução. E, no entanto, a simples observação está demonstrando, senhores, que o homem cresce para cima como os vegetais!

Um sussurro de admiração, como o que faz um enxame de môscas ao suspender vôo de uma barrica de açúcar, levantou-se da assembléia entusiasmada. O sábio tomou um gole dágua, e passou à demonstração:

— Vêde, por exemplo, uma criança de cinco anos. Colocai ao seu lado uma de doze. De que lado a de doze é maior? Do lado da cabeça. Logo, o homem cresce do lado de cima!

Uma salva de palmas vibrantes, contínuas, estaladas, cobriu as palavras do conferencista. Os seus óculos faiscavam, refletindo o orgulho dos olhos. E ainda se ouviam os estalos de mãos nervosas quando uma voz fina, macia, quasi suplicante, quasi feminina, irrompeu da assistência.

— Protesto!... Sr. Presidente, peço a palavra!

Era o professor Maia Gomes, da Faculdade do Rio. Pequenino, miúdo, cara de caboclo tísico, parecia um feto de *pince-nez*.

— Senhor Presidente, — começou, no meio da expectativa geral; — senhor Presidente, a teoria do nosso eminente mestre, o professor Blumentau, é falsa!

— Oh!... Oh!... Oh!... — fizeram quinhentas vozes, ao mesmo tempo.

Maia Gomes continuou, porém, imperturbável:

— A teoria é falsa, Sr. Presidente, porque o homem não cresce para cima: cresce para baixo!

— Oh!... Oh!... Oh!... — continuaram os ouvintes, no mesmo tom de revolta.

E Maia Gomes:

— E eu posso demonstrá-lo, Sr. Presidente. Tome, por exemplo, V. Ex., uma calça que vestia aos dois anos. Vista-a hoje, Sr. Presidente. E que é que fica de fora, sobrando? As pernas. Logo, Sr. Presidente, o que cresceu, foi o lado de baixo!

Uma tempestade de aplausos gerais abafou as últimas palavras de Maia Gomes, que saía, momentos depois, carregado em triunfo. E, à tarde, Blumentau, que ia para a Argentina, voltava, daquí mesmo, para a Alemanha.

LV

TROVOADA SÊCA

Foi de uma inspiração de Vênus e Marte que proviera aquele castigo de que se lamentava, aos sessenta anos, o general Saturnino Melchisedeck. Oficial de cavalaria desde a mocidade, levara quarenta e dois anos a bater com a próstata no couro da sela, ora em cargas violentas, nos tempos de guerra, ora em passeios elegantes, nos tempos de paz. E quando não era sôbre os cavalos que corria, era atrás das mulheres galantes, em uma vida de devassidão que valia, positivamente, por tempo de campanha.

Após uma primavera e um outono dessa espécie, era natural que o general tivesse aquele inverno lamentável. Aos cincoenta anos não podia mais escanchar-se numa sela, e aos cincoenta e cinco era a custo que seguia um rabo de saia. E aos sessenta, era aquilo: duzentos metros de passeio, e a necessidade imperiosa de encostar-se a um muro, ou de entrar numa casa de comércio, para fazer, lá dentro, aquilo que os cães fazem, por não terem sido generais, na base dos postes e no tronco das árvores. Para conseguir tal cousa, porém, quanto sofrimento! quanto esfôrço desesperado! quanto gemido angustioso! quanta lágrima no canto dos olhos!

Por isso mesmo, ao sair de casa para os seus passeios de reformado, o velho oficial tinha, já, os seus lugares de parada. Um, era no botequim, na esquina, onde tomava o bonde; outro, na Galeria Cruzeiro; outro, no Lopes Fernandes; outro, no largo de S. Francisco, na confeitaria. E no regresso, fazia as mesmas estações.

Um simples cálice de vinho do Pôrto tomado naquela tarde, havia, porém, agravado sensìvelmente o estado do general. E de tal modo que, ao chegar à esquina da rua do Ouvidor com a Avenida, não podia quasi andar. Ferroadas contínuas o torturavam, como se se tivesse sentado num cortiço de abelhas ou lhe estivessem vindo de dentro para fora dezenas de navalhas *gillette*.

Ao chegar à casa Lopes Fernandes o general foi direto para o interior. No lavatório baixo, em que jorra água mas em que se não lavam as mãos, existente lá dentro, encostou. E começou o esfôrço:

— Hum!... hum!... hum!... Ahn!... — gemia.

Por maior, porém, que fosse a fôrça, nada conseguia. Os olhos humedeceram-se-lhe, com o esfôrço feito.

— Hum!... ahn!... hum!... ahn!...

Por essa altura, porém, numa fôrça mais funda, alguma cousa estalou:

— Puuuuummm!...

E logo outra:

— Puffffff...

Êsses ruídos, conhecidos de todos os mortais desde o princípio do mundo, fez estacar, próximo, um outro frequentador da casa, seu velho conhecido, o qual estranhou:

— Que é isso, general! Que trovoada é essa?

— Ah, meu amigo, — fez o velho oficial, numa careta, — isto aquí está como no Ceará... Hum!...

E entre dois gemidos:

— Troveja... ahn!... mas não chove!...

LVI

O HOMEM... QUE PROCURAVA OUTRO

A multiplicidade dos afazeres do chefe, complicados ùltimamente pela instabilidade do câmbio, havia modificado profundamente a vida daquele casal. Adorando a mulher, cuja dedicação nunca lhe deixara lugar para suspeita, o corretor Messias Petersen costumava ir buscar a espôsa em casa, duas vezes por semana, para irem, juntos, ao cinema. À noite faziam, sempre, uma vida profundamente doméstica, alterada nos últimos tempos por culpa, ùnicamente, daquele assombroso homem de negócios.

Abandonada, assim, pelo espôso, que a não procurava durante semanas inteiras, Dona Fifi imaginou, logo, o aparecimento de alguma figura de mulher na vida serena do companheiro. Um rugido de despeito subiu-lhe de pronto, do coração. A idéia de arranjar, também, um amante, chegou-lhe, de repente, à cabeça, mas foi imediatamente repelida.

— Que lucro eu, — pensou, — em enganá-lo, ùnicamente porque êle me engana? O prazer da vingança de hoje valeria, acaso, a dôr do remorso, que me viria amanhã?

O temperamento de Dona Fifi não se comprazia, entretanto, com essas conclusões filosóficas. E como o espôso não prestasse mais, como outrora, grande atenção aos seus passos, começou a sair sòzinha, em dias indeterminados, pretestando, sempre, qualquer visita, ou compra com amigas, no centro da cidade.

Certo dia, depois do almôço, esperava o corretor a chícara de café, quando Dona Fifi, que já estava pronta para sair, subiu ao quarto de vestir, para renovar o pó de arroz. A bolsinha de mão, que deixara à ponta da mesa, despertou, naturalmente, a curiosidade do marido. E foi com a alma espedaçada, as mãos trêmulas, que o desgraçado, ao abrí-la, encontrou, dentro, um bilhete, feito a máquina, e que rezava, sintético:

"Meu amor. Espero-te quinta-feira, às cinco, no quarto n. 15, da pensão Hortência. Não precisa bater. A porta estará encostada. Empurra-a. — R."

Outro marido, que não estivesse habituado às surpresas da Bolsa, teria, com certeza, explodido, ante aquela que lhe dava, tão extemporâneamente, a bolsa da mulher. Messias Petersen, sabia, porém, dominar-se. Dobrou, por isso, o bilhetinho, deixou-o onde o encontrara, limitando-se a guardar, de memória, o nome da pensão suspeita, e o número do quarto, em que a espôsa iria, no dia seguinte, encontrar-se com o sedutor.

No dia marcado para o *rendez-vous,* o corretor apareceu em casa, momentos antes da espôsa sair.

— Aonde vais? — indagou, simulando despreocupação.

— A umas compras. Por que?

— Por nada. É que há, hoje, no Municipal, um concêrto sinfônico, e eu desejava ir contigo.

— Irei.

— Então, vamos. Começa às quatro e meia. Eu te conduzo ao teatro, deixo-te um instante, enquanto vou à Bolsa, e, às cinco em ponto, estarei contigo.

Dona Fifi mordeu o beiço, contrariada. Não fez, porém, a menor objeção e, às cinco, em ponto, estava na cadeira do Municipal, inteiramente olvidada do compromisso tomado, esquecida do marido, arrastada, apenas, pela música deliciosa do programa, que a levava, corrente abaixo, nas águas dos sons.

Enquanto isso, Messias Petersen rondava a pensão Hortência, a mão no bolso do revólver, sopitando os ímpetos. Ansiava por saber quem era o indivíduo que lhe tomara a espôsa, deshonrando-lhe o nome. E foi ansioso que subiu as escadas do casarão, olhou na porta o número de cada quarto, e empurrou, discreto, a de n. 15. Era um compartimento amplo, com muito tapête, muita almofada, mergulhado na penumbra. E tinha dado alguns passos, quando lhe saltou ao encontro, pulando do leito vasto, uma figura feminina, corpo modelado numa camiseta de sêda, os olhos fulvos, a cabeleira revolta.

— A quem procura o senhor? — interpelou, com ímpeto.

— Procuro... um homem, minha senhora! — informou Petersen, aludindo ao suposto amante da espôsa.

— Um homem?! — fez a rapariga, mirando-o de alto a baixo.

E indicando-lhe a porta, para sair.

— Um homem... Com essa cara?... Que viciado!...

E desatou a rir, empurrando-o para fora.

LVII

A PERGUNTA IMORAL

Candidato à deputação federal pelo seu Estado, o bacharel Antônio Felicíssimo assentou como base do seu programa eleitoral o feminismo, ou antes, como êle dizia, a "rehabilitação da mulher". E não fôra sem cálculo, sem um objetivo secreto, que escolhera para tema dos seus discursos de propaganda êsse delicado problema social. As mulheres exercem, por toda parte, ascendência evidente sôbre os homens, — sejam êles pais, maridos, noivos, ou filhos. Para conquistar eleitores, urgia, pois, agradar, lisonjear, entusiasmar as senhoras, indo ferir-lhes o ouvido no interior da casa, junto ao berço dos pequenitos, no quarto, ou na cozinha, junto à panela do guisado.

O sucesso, de cidade em cidade, foi absoluto. E teria sido igualmente fácil em São Vicente de Cima, a risonha vila sertaneja das margens do rio Gaivota, se houvesse alí, como nos outros lugares, uma sala ampla, cômoda, arejada, capaz de conter um grande auditório. A sede da Prefei-

tura talvez servisse, pelo seu tamanho; o Prefeito não havia, porém, recebido autorização do chefe do partido na capital, de modo que existindo, era como se não existisse.

— E por que não há de ser na Igreja? — lembrou a professora pública, Dona Mariazinha Rocha.

A lembrança foi providencial. Seguido por um grupo de senhoras, Antônio Felicíssimo encaminhou-se para a casa do vigário, o revmo. padre Joaquim Inácio, ao qual expôs a dificuldade. A sua conferência feria um ponto que a própria religião prestigiava: a dignificação da mulher. A sua realização num templo não importava, pois, numa profanação, num sacrilégio, mas pelo contrário, num refôrço às idéias sociais prègadas pela própria Igreja de Cristo.

Padre Joaquim ouviu a exposição imaginosa do candidato, a girar o polegar de ambas as mãos um sôbre o outro. Ao fim, insistiu:

— Mas, V. Ex. me assegura, sr. doutor, que não haverá uma idéia, uma simples palavra que ofenda a santidade do lugar?

— Dou-lhe a minha palavra, Reverendo.

— Bom; como é para uma obra tão nobre, tão meritória, e mesmo pelo interêsse

que nisso mostram as minhas paroquianas, eu concedo... — concluiu o sacerdote.

E benévolo:

— Para que horas querem?

— Para as sete da noite.

— Está bem; às sete horas a igreja estará aberta, e os bicos de gás acesos. E o meu desejo é que V. Ex. sr. doutor, seja muito feliz nesta paróquia, onde, como vê, as ovelhas são mansas e o terreno é o melhor possível.

Polido embora, padre Joaquim Inácio era um homem avisado. Por isso, assim que os visitantes se retiraram entre salamaleques, chamou êle o sacristão e avisou:

— Anastácio, hoje vai haver uma conferência pública em nossa igreja.

— Quem vai prègar, "seu" vigário? estranhou o sacristão, escancarando os olhos muito brancos, na cara muito amarela.

— Um moço de fora, que está aí. Eu não tenho, porém, confiança nessa gente da cidade. E tu vais para lá, afim de zelar pela santidade do templo.

— Eu, "seu" vigário?

— Sim, tu. Tu ficas na sacristia, junto à porta. E se o conferencista, o moço que vai falar, disser alguma palavra inconveniente, ou levar a conferência para algum caminho escabroso, tu já sabes: fecha

o registro do gás. Os fiéis conhecem a igreja, e saberão ganhar a rua, mesmo no escuro. Compreendeste?

À noite, o templo estava repleto. Não havia um pedaço de banco desocupado, e, mesmo, um canto, para se ficar de pé. E foi sob uma atmosfera de respeito, de calma e de simpatia, que Antônio Felicíssimo começou a falar. Elogiou a mulher na família, no lar, na sociedade. Citou os atos heróicos das mulheres célebres. E a certa altura, ergueu a voz:

— Depois de tudo isso, senhores, dizei-me, porém: que é que há de melhor na mulher?

Nesse instante, e diante dessa frase, o Anastácio apareceu na porta da sacristia.

— Ninguém responda, gente! — intimou, as mãos abertas, a voz aflautada. — Porque, se alguém responder a essa pergunta imoral...

E ameaçador, num desafio:

— Eu corto o gás!...

LVIII

SOLUÇÃO

Curvado sôbre a mesa onde redigia penosamente um bilhete à amante, o bacharel Anastácio não ouvia as passadas da mulher, que, no andar superior, se vestia para sair. Estavam em divergência há dois dias. De vez em quando a discussão estalava, trocando-se palavras ásperas que atingiam o alvo e ricocheteavam com a mesma violência.

De repente, um perfume doce, de Royal Begônia, espalha-se pelo gabinete. E enquadra-se na moldura da porta, abotoando nervosamente as luvas, a figura mundana, acentuadamente elegante, de Dona Vivi.

Não é alta, nem baixa. Clara, olhos negros, bôca rasgada, de dentes magníficos, é o tipo comum da raça. Os braços, finos e brancos, descem, nus, como duas hastes de lírio, desde a confluência do corpo. Calça, no máximo, 34, e os sapatinhos, bicando as flôres vermelhas do tapete azul, são como dois beija-flôres sugando a mesma roseira.

De pijama, a cabeça curvada, Anastácio parece mais uma trouxa sôbre uma ca-

deira do que um animal vivo. Não se move. Se se erguesse, toda a gente lhe veria a altura incomum, o nariz comprido, o rosto longo e estúpido, os defeitos, em suma, que êle, como as serpentes, disfarça quando se enrodilha.

Fisionomia de indignação, as narinas batendo como as asas de uma pequena borboleta, Dona Vivi estaca, a dois passos do marido.

— Pronto; vou sair, — informa, sem delicadeza.

— Boa viagem, — responde o rapaz, sem voltar-se.

Dona Vivi morde, nervosa, o beiço vermelho.

— Preciso de duzentos mil réis — acrescenta.

Um risinho canalha do marido dá-lhe um tremor de indignação.

— Se você não me der — explode, — terei de pedir a outro homem!

A essas palavras Anastácio volta-se, de súbito, na cadeira. A tempestade vai, com certeza, estalar. Vivi encolhe-se, como se já estivesse sentindo na cabeça, esmigalhando-lhe o chapéu, os punhos de ferro do marido. Encaram-se os dois: ela apavorada, êle indeciso.

— Queres saber de uma cousa, Etelvina? — diz, ao fim de um instante.

E adoçando a voz:

— Arranja quatrocentos. Eu também preciso de duzentos...

LIX

APROVEITANDO...

Há quasi um ano o sangue da Maria Rosa batia descompassado, nas suas veias, pela mocidade robusta do Vitorino. E era uma tortura para os seus quarenta anos de cabocla robusta e ardente, toda a vez que o rapaz, indo da Boa Vista para Curral Novo, passava alí, pela fazenda do Pinhão.

O Vitorino era, realmente, uma bela figura de homem. Filho de italianos, era claro, elegante, maneiroso e, o que era mais, com uns olhos de síncope, dêsses que, para as mulheres, são uma promessa constante de deliciosos momentos de amor. Apenas, pensava mais em si mesmo do que nas raparigas que o namoravam. E daí aquele desespêro da cabocla do Pinhão, tipo legítimo de índia civilizada, com quarenta anos de idade a arderem, como quarenta achas de lenha, na fogueira do seu coração.

Desejando sem ser desejada, Maria Rosa sofria. E é imaginando quanto ela sofria, que se pode avaliar o seu espanto quando, naquela noite fria, de geada intensa, o marido, o Chico Pedroso, anunciou, indo abrir a porta:

— É o Vitorino, Maria Rosa... Êle quer passar a noite aquí...

Um arrepio, que era mais do calor do sangue do que do frio do tempo, correu o corpo da rapariga. E não foi sem uma emoção profunda, que ela viu o rapagão entrar no rancho, ao mesmo tempo que o marido, com o seu espírito generoso, lhe dizia:

— A casa é esta, rapaz... A cama é um colchão só, alí no chão, mas chega para todos. Você deita de um lado, eu no meio, e a mulher do outro... É confiança, mas como você perto de mim é menino, eu fico sem susto.

E tirando, êle mesmo, a capa de borracha grosseira, que abrigava o hóspede:

— Vá se acomodando, que é tarde...

Uma hora depois, a casa, ou antes, o rancho, estava em completo silêncio. Sono de gente cansada, os dois homens não deixavam escapar, sequer, um ronco. Morto embora de fome, o Vitorino adormeceu, não com o pensamento na mulher, mas na comida que podia haver no albergue. Quanto à Maria Rosa, essa, se não roncava, era porque não dormia, atormentada pela mais angustiosa das vigílias.

O Diabo é, porém, camarada. E tanto o é, que, depois de esporear a cabocla com as chilenas da luxúria, começou a espicaçar lá fora os cavalos, um dos quais, saltando o quintalejo, se pôs a correr, nitrindo, em tôrno da casa.

— Francisco... Francisco... — chamou a rapariga, puxando o marido.

O caboclo despertou, atento.

— O alazão parece que se soltou, Chico... — informou, discreta, alimentando um pensamento terrível.

Sem se preocupar com o hóspede, o Pedroso ergueu-se, e, no escuro mesmo, abriu a porta. Em seguida, mergulhou na noite lôbrega, como um batráquio num pântano.

Assim que o marido desapareceu, a Maria Rosa sacudiu com fôrça o rapaz:

— Vitorino!... Vitorino!... Aproveita, Vitorino!... Anda!... Depressa!...

— Hein?... Hein?... — fez o hóspede, despertando, estremunhado.

E ouvindo, de novo, o convite:

— Vou já!... Vou já!...

Durante uns três minutos a cabocla esperou, debalde, o rapaz, que, no entanto, se havia erguido do colchão. Os seus braços, nervosos, aflitos, procuravam-no de um lado e de outro, tateando a escuridão. De repente, ouviu-se, fora, o relincho do cavalo trazido pelo cabresto. O Pedroso estava prestes a entrar. No mesmo instante, o colchão chiou, machucado. Era o hóspede que se deitava.

— Vitorino?... — rugiu a rapariga.

— Já aproveitei... — sussurrou êste, estirando-se no colchão. — Estava muito boa...

— ?...

— Comí a coalhada que estava em cima da mesa...

LX

O SÁTIRO

(LOUIS CONOLET)

É preciso saber, em primeiro lugar, que eu sou americano, e pintor. Ao chegar, neste verão, a Pont-Aven, hospedei-me na Pensão Júlia, como faz todo artista americano que se respeita. E aí encontrei o meu velho amigo Jeremias Caudle, que se achava domiciliado na terra há, pelo menos, seis meses.

Enquanto eu pinto ùnicamente paisagens campestres à claridade da lua, Caudle é especialista em ruínas de monumentos. À-parte essa orientação diferente em nossa arte, nós somos, individualmente, como quem dissesse os "dois dedos da mão", — locução francesa que, aquí, entre parêntesis, me causa certo embaraço, uma vez que as mãos, em geral, são munidas de cinco dedos.

Logo à chegada, Caudle me pôs ao corrente das cousas da pensão, e dos seus habitantes. Elogiou-me as ostras, as lagostas, o peixe, queixando-se, apenas, da qualidade do *whisky*. Em seguida, falou-me das criadas.

— Eu sei, Harry, — começou êle, — que tu gostas muito de brincar com as criadinhas. Aquí, porém, nada conseguirás. As empregadas são todas muito direitas, muito sérias, muito virtuosas. Uma, principalmente, vai te impressionar, concupiscente como és. É a Maria-Jeannik, uma loura de dezoito anos, que é mais excitante, ela só, que todas as mulheres da América, reunidas.

E era verdade. Sob sua touca de grandes asas, enfeitada por uma fita rosa, Maria-Jeannik possuía uns grandes olhos azues muito cândidos, nariz pequenino, bôca miúda, um conjunto, em suma, de cousas encantadoras que me puseram, logo, num estado extraordinário. Quando eu a via passar, ligeira, pelos corredores ou na sala de jantar, meus olhos se precipitavam sôbre ela, como o abutre sôbre a pomba, — com a diferença, apenas, que eu não a queria comer.

Jeremias Caudle percebia claramente a minha excitação diante de Maria-Jeannik, e zombava de mim como quem não compreende, ou não leva a sério, um homem verdadeiramente apaixonado.

— Harry, meu velho, — dizia-me êle; — cuidado contigo. Quando essa pequena te vem deitar café na chícara, tu ficas con-

gestionado como quem absorveu vinte copos de *whisky,* e teus olhos saltam das órbitas, como se quisessem fugir. Quem te olhasse nesse momento, Harry, te suporia um sátiro... Sim, um sátiro! Eu te juro pela Bíblia! E isso é o diabo, Harry. Porque a tua excitação não tem remédio. Essa Maria-Jeannik é irredutível. À mínima palavra que lhe disseres, ela iria dizer à Júlia, que te poria à porta, o que seria uma grande vergonha para nós e uma humilhação para os Estados-Unidos.

Jeremias tinha razão. Maria-Jeannik conservava sempre o seu ar cândido, que fazia sôbre mim um efeito incalculável. Duas ou três vezes, veio-me o ímpeto de confessar-lhe o meu sentimento; minha língua ficou, porém, pregada no céu da bôca, deixando-me sem saliva durante um minuto e meio. E êsse receio, como era natural, tornava-me, dia a dia, mais excitado.

Quando Maria-Jeannik levava ao quarto o meu chocolate matinal, era preciso que eu retivesse os meus braços com toda a energia da minha vontade, para que êles se não atirassem como um colar ao pescoço branco da rapariga. Eu sentia que, de fato, me tornava um sátiro, como dizia o maldito Jeremias Caudle. E via-me, de repente, detido, julgado, condenado, e remetido para as colônias francesas da África, isso ùnicamente porque Maria-Jeannik possuía olhos cândidos e o manto frágil da virgindade.

Mas o dia chegou. Eu tinha me tornado sátiro. Desprezai-me, insultai-me, tratai-me de ignóbil, de vil, de miserável. Mas a falta era de Jeremias Caudle. Sem êle, eu não teria êsse nome.

Certa manhã, quando Maria-Jeannik ia depositando sôbre a mesa de cabeceira a bandeja de chocolate, eu não me pude conter. Segurei-a com toda a fôrça dos meus braços, puxando-a para mim. Eu não sabia, juro-vos, o que fazia. Não me lembrava da prisão, do julgamento, da condenação, do degrêdo, de nada.

Mas imaginai como eu mandei Jeremias Caudle ao diabo, quando Maria-Jeannik me perguntou, com aqueles mesmos olhos cândidos, e aquela mesma voz com que, à mesa, oferecia salada aos hóspedes:

— O senhor quer que eu tire o *soutien*? Há hóspedes que não gostam...

LXI

AMOR E ECONOMIA

— É uma leviana!

— É uma cínica!

— É uma doidivanas!

Era assim que a julgavam, quando a viam passar, as mulheres mais feias, ou as menos expeditas, a quem ela, com a sua graça, com a sua formosura, com os seus encantos públicos ou particulares, havia arrebatado o amante ou o marido.

Tudo se podia dizer, realmente, de Clarinha Novais. Menos que não fosse bonita, sedutora, graciosa. De estatura mediana, levemente gorducha, tinha um rosto, um palmo de cara, que era a graça em carne e osso. Morena, de olhos verdes, semblante cheio, possuía lindos dentes, linda bôca, e um sorriso que, ao descerrar-se, dava a impressão de uma flôr que se abrisse, e que perfumasse tudo, em redor. Vestia-se com arte, com elegância. O pé era miúdo como um canário, e a mão pequena como um jasmim.

— É a Nossa Senhora da Graça! — diziam, com ênfase, alguns dos seus admiradores.

E outros:

— É a Nossa Senhora da Alegria!

E ela era uma e outra cousa. Onde se a encontrasse, estavam, efetivamente, a alegria e a graça. Ria perdidamente de tudo, brincava com toda a gente, apertava a mão com fúria aos homens, abraçava com fôrça as mulheres, beijava gulosamente as crianças.

— Pobre marido! — murmuravam, entretanto, sacudindo a cabeça, as matronas respeitáveis.

Guilherme Novais não sentia, contudo, nada do que dêle se dizia. Adorava a mulher, achava-a encantadora, e, no seu deslumbramento, contentava-se com o pouco que ela lhe dava, em atenção e em carícias.

— É uma criança grande! — dizia, consigo mesmo.

Um dia, porém, uma carta anônima chegou às mãos da viscondessa de Itapauna, mãe de Guilherme Novais. E dias depois tinham um encontro, no Rio, para uma explicação, a nora e a sogra.

— Então, que dizes disso? — indagou a fidalga, depois de dar-lhe a ler a comunicação clandestina. — Que dizes disso?

— Eu, mamãe? Nada.

— Confessas, então, — tornou a velha, — que andas namorando vários homens casados?

— Confesso, mamãe. Mas confesso que faço isso porque amo doidamente o Guilherme.

Fez uma momice, beijando a velha:

— Sim, mamãezinha. É verdade. Eu o amo demais.

E teatral, num arrebatamento, as mãos no peito, os olhos no teto:

— Eu amo tanto o meu marido, minha mãe, mas, tanto, tanto, tanto, que, para não o gastar, eu prefiro gastar o marido das outras!...

LXII

O PERÚ

(*Adaptação*)

Ao chouto mole da burra, viajava o padre Donato, vigário de Santana do Pasto Grosso, no rumo do Pau d'Arco, fazenda do coronel Gaudêncio Rocha, onde havia, nessa tarde, um casamento. Era oito horas da manhã, e como houvesse tempo ainda para apanhar o almôço, o sacerdote não apertava o passo da mula, que era a criatura a quem mais queria bem neste mundo, depois da senhora sua mãe.

Padre Donato gozava, em toda a paróquia, e nas da vizinhança, da fama de santo. Ninguém lhe conhecia uma leviandade, um deslize, uma fraqueza. O carão magro e moreno, picado de espinhas, denunciava, com o auxílio dos cabelos grisalhos, o homem de cincoenta anos. Seguia escrupulosamente os preceitos do novo Bispo, andando de batina, mesmo em viagem; e se parecia um leigo naquele instante, era só da cintura para baixo, por ter arregaçado a so-

taina, afim de se acomodar melhor com a calça de brim pardo, à sela da alimária.

Chouteava o sacerdote por aqueles caminhos ermos, cantarolando uns hinos sagrados que as meninas entoavam no côro, quando estacou, de repente, à margem do riacho Pacú, que corria a légua e meia do Pau d'Arco. Engrossado pela chuva da noite, o pequeno curso dágua estava transformado, quasi, num rio. Media uns quinze metros de largura e uns quatro palmos, pelo menos, de profundidade.

Estava padre Donato parado, na sua burra, à margem da torrente, a ver o melhor modo de vencê-la, quando viu aparecer, do outro lado, a Virgínia do Mamede, cabocla fornida e bronzeada, que era um homem na disposição para o trabalho. Morava perto dalí, onde possuía um roçado e grande criação de pena, que ia vender ao mercado da vila, em dias de feira.

Pés afundados na areia úmida, a rapariga trazia debaixo do braço um perú enorme, todo negro, de barbela vermelha como um cacho de tomates maduros. A outra mão, desocupada, arrepanhava a saia até o joelho, afim de livrá-la da água, que gorgolejava à pequena distância.

Resoluta, a rapariga olhou a torrente por um instante, e avançou, logo, por ela, disposta a atravessá-la. À medida, porém,

que avançava, a água ia subindo, forçando-a a suspender mais a saia, que já estava muito acima do joelho.

Por essa altura, o perú sentindo-se molhar, pôs-se a espernear desesperadamente, apertado pelo braço da cabocla. E debatia-se, piando, quando padre Donato gritou à Virgínia, da outra margem do riacho:

— Deixe, filha; deixe o seu bicho beber água!

— Uê, "seu" vigário; até o "sinhô"?

E saindo do outro lado da torrente, a cara risonha, piscando o ôlho brejeiro:

— Se êle queria beber água tinha "rezão", "seu" vigário.

E concertando a saia, para continuar o seu caminho:

— Êle comeu tanto esta noite!...

LXIII

O RELINCHO DO CAVALO

As duas derrotas sofridas em Catalão e Entre-Rios, onde a coluna do coronel João da Câmara os havia desbaratado, tinham despertado nos revolucionários a idéia de uma vingança feroz. Impedidos de juntar-se ao grosso das suas fôrças, que tinham ido pela Serra dos Pilões em direção ao Espigão Mestre, os sobreviventes da companhia derrotada haviam partido em fuga desabalada, com o propósito, entretanto, de praticarem, como represália, toda sorte de depredações nos lugares por onde passassem.

Disseminados pela mata e pelo campo, em grupos de cinco, de três, de dois, ou isoladamente, os fugitivos, longe de chefes que os detivessem, eram como uma caterva de lôbos descidos da montanha. E entre essas feras estava o cabo Minervino, o qual, escapando sòzinho, a esporear o seu cavalo ardego, tomado em uma fazenda de Morrinhos, era como um temporal feito gente, a atemorizar com a sua carabina de guerra as pacíficas populações sertanejas.

Antigo tocador de gado na Coxilha Grande, o cabo Minervino era um legítimo tipo de gaúcho guerreiro. Alto, forte, queimado do sol, a barba, que não fizera desde o princípio da luta, havia se lhe cerrado em tôrno do rosto, emprestando-lhe a feição sinistra de um antigo rei mouro. Vestido com uns restos de farda, chapéu largo, trazia ao pescoço o seu lenço vistoso e amplo, o qual valia mais, aos seus olhos, que a própria bandeira da revolução.

Era êsse rebelde que ia em galope largo pela estrada de Bonfim a Santa Luzia, quando, à margem do caminho, viu, caminhando em sentido contrário, com um pote à cabeça, uma linda figura de cabocla, roliça como o pote e mais fresca, talvez, que a água nele contida.

— Eh, "china" bonita! — gritou o gaúcho.

E metendo a chilena no ginete, fê-lo arremeter em disparada, de modo a apanhar de passagem, com o braço pela cintura, a linda morena, arrebatando-a, num rapto atrevido, pela quietude arenosa daqueles caminhos.

Anoitecia já, quando o gaúcho parou, à sombra de um jequitibá enorme, a grande distância da estrada. Parou, apeiou-se, e arrancou da lua da sela, quasi como um far-

do, a pobre sertaneja arrebatada em viagem.

— Pequena, você é bonita mesmo! — disse, olhando-a melhor. — E nós vamos passar aquí a nossa noite de noivado. Apenas, quem vai dirigir a cerimônia é cá o cavalo. Toda a vez que êle relinchar, eu tenho que lhe dar um beijo, mas um beijo de homem... daqueles... Compreendeu?

E enquanto dizia isso, ia estendendo na relva o seu poncho, a sua manta de guerra, ou desapertando, para o pasto da noite, a brida e a silha ao cavalo. De pé, soluçando como uma criança, a cabeça escondida no braço esquerdo, a rapariga chorava, num terror indizível. E a sua garganta era toda uma prece, toda uma grande súplica, a Nossa Senhora dos Remédios, sua madrinha, para que a valesse, para que não a desamparasse naquele transe.

— Ah, minha Nossa Senhora! — gemia, mais com o coração do que com os lábios; — livrai-me dêste perigo a que está exposta a minha pureza! Livrai-me, minha Virgem Maria!

E com toda a alma:

— Fazei, minha Nossa Senhora, com que êsse cavalo não relinche antes que apareça uma pessoa para me socorrer!

Aqueles sertões de Goiaz são, porém, tão fora de têrmo, que nem Deus ouve o que neles se passa. E de tal maneira que, não havia ainda a cabocla acabado de fazer a súplica em favor de sua virgindade em perigo, e já o cavalo, desapertado dos arreios, soltava o seu primeiro relincho:

— Hin-hin-hin-hin-in-in!...

De um salto, o gaúcho estava ao lado da morena, a dobrá-la pela cintura, no rumo do poncho estendido. Aflita, ela lhe sopapeava a cara, os olhos, o peito, com as mãos miúdas e gorduchas, procurando defender-se. Barba de homem possue, porém, narcótico para nariz de mulher. Tanto assim que, vinte minutos depois toda a resistência da rapariga se limitava, apenas, a um chôrozinho abafado, misturado, aquí e alí, de suspiros menos abafados que o chôro.

Nesse momento, porém, o cavalo tornou:

— Hin-hin-hin-hin-in-in!...

E o gaúcho repetiu a proeza, não só mais essa vez, como, ainda, seis outras, até meia-noite, quando o cavalo deitou-se para ruminar, e êle tombou para um lado, roncando, vencido pela cansaço e pelo prazer.

A noite ia alta, e não se ouvia, em tôrno, senão o barulho remexido das fôlhas sacudidas pela brisa da madrugada. Um sapo, escondido num tronco, martelava na bigorna do silêncio. Pela posição das estrêlas, deviam ser duas horas da manhã. Des-

habituada a dormir na terra dura, a cabocla acordou. Recapitulou os sucessos da véspera, e sorriu, num arrepio.

Ao seu lado, o gaúcho dormia, ressonando. Chegou-se mais para êle. Tocou-lhe no braço.

— "Seu" cabo!... "Seu" cabo?... — chamou, a voz doce.

E blandiciosa, o rosto no rosto dêle, quasi num segrêdo:

— Você não ouviu o cavalo relinchar?

LXIV

A PILHÉRIA DO CHAVEIRO

A maior ambição do povo de Lorenzano, aldeia das vizinhanças de Potenza, na Basilicata, era possuir uma imagem, em tamanho natural, do apóstolo São Pedro, padroeiro do lugar. Há muitos anos o vigário da paróquia juntava dinheiro, com êsse pensamento. E como já houvesse a importância suficiente, isto é, cêrca de 1.300 liras, o sacerdote chamou um dos seus paroquianos, o ferreiro Alexandre Taglioni, para com o sacristão, o André, ir a Torremare, adquirir a estátua desejada.

Nesse tempo, não existiam vias-férreas, e, como o inverno fosse rigoroso, as estradas estavam intransitáveis. Não obstante isso, os dois emissários puseram-se a caminho, vencendo todos os obstáculos criados pelas intempéries. A festa de São Pedro estava próxima, e fazendo-se mister inaugurar a imagem nesse ano, convinha não desbaratar o tempo, que estava curto.

Antes dos emissários, havia, porém, chegado a Pícolo Sasso, no caminho de Tor-

remare, a notícia da encomenda; e isso bastou para que um espertalhão da localidade, de nome Carlo Giácomo, que fôra na mocidade um excelente escultor, se pusesse a fabricar a toda pressa, com a neve que caía, uma estátua do padroeiro de Lorenzano, em tamanho natural.

Metendo mãos à obra, fê-la num dia, ou antes, numa noite. E com tanta presteza, e tamanha perfeição, que, encontrando em caminho obra tão a contento, o Taglioni, e o sacristão, acharam desnecessário ir mais longe: pagaram 1.200 liras pela estátua de neve, que supunham de mármore, e, metendo-a na carriola em que viajavam, tocaram para trás.

Ao anoitecer, pararam os viajantes numa estalagem da estrada, para passar a noite. Entraram, e começaram a beber, aproveitando as 100 liras que haviam sobrado. E estavam, já, com os olhos turvos, graças a dois cântaros de vinho metidos no bucho, quando o ferreiro lembrou:

— Mas você não acha que é uma desconsideração nós deixarmos o santo lá fora, no carro, apanhando frio?

— Acho, sim. Êle também tem direito a confôrto. O dinheiro não é dêle?

— Vamos, então, buscá-lo.

Pega daquí, segura dacolá, levaram os dois o santo de neve para o quarto, colocaram-no em uma cama, cobriram-no bem, e, acendendo o fogão para aquecer o compartimento, desceram, outra vez, a beber o bom vinho da região.

Madrugada alta, cambaleando, subiram, os dois. E ao chegarem ao quarto, arregalaram os olhos, passando a mão pela testa: a cama achava-se vazia e molhada; com o calor do fogão, o santo havia se derretido!

E descendo as escadas, na carreira:

— Per la madona!... — gritou o ferreiro. — Milagre!... Milagre!...

— O santo urinou na cama, e fugiu.

LXV

O CACHORRO

Viúva do segundo matrimônio aos quarenta e cinco anos, Dona Brasília era como êsses trens que, quanto mais correm, mais aumentam de velocidade. Ao casar, aos dezenove, com o Felisberto Raposo, era já uma rapariga ardente, apaixonada, com um temperamento que alarmava o próprio marido. Êle afinava, porém, pela mesma tecla, de modo que sustentou o combate durante três lustros, quando caiu, vencido, vítima de uma tuberculose galopante, dos braços morenos da mulher para o seio frio da terra. Após o Raposo, veio o Castorino Mota, que era, em tudo, um digno substituto. A luta, corpo a corpo, travou-se de novo, e era em virtude da morte dêsse segundo marido seis meses antes, que Dona Brasília alí estava na janela do seu sobrado, àquela hora adiantada da noite, por não poder conciliar o sono, sòzinha, com o seu lençol e o seu travesseiro.

— Qual! eu não nascí para ficar viúva! — dizia, num arrepio. — Eu tenho que casar outra vez, seja como for!

Foi exatamente nessa noite que, licenciado de bordo, onde exercia as funções de pilôto, o Abdenago Mendes resolveu vir à terra, à procura de emoções. A viagem havia durado quatorze dias, de modo que êle, ao ter permissão para desembarcar, só o conseguira às duas horas da manhã, quando não havia mais, nos bairros duvidosos, uma única porta entreaberta.

— Estou mesmo sem sorte! — disse o marítimo, em certo momento, ao maquinista Nataniel, que o acompanhava por toda parte. — Pois não é que eu venho à terra para apanhar uma "pequena", e encontro tudo fechado?!...

— Vamos por aquí, "seu" Mendes! — convidou o Nataniel, para animá-lo. — Quem sabe, andando, Deus não ajuda a gente?

Um ao lado do outro, foram os dois andando, assim, pelas ruas desertas da cidade. De longe em longe, encontravam uma patrulha, um guarda-civil, ou um noturno, a alarmar o quarteirão com o seu apito trelicado. Até que, cansados, desanimados de encontrar o que procuravam, pararam. Pararam e, encostados a uma parede, começaram a conversar. Não falavam muito alto, mas o silêncio era tão profundo, tão vasto, que as palavras no tom mais vulgar po-

diam ser ouvidas a vinte metros de distância.

— Sim, senhor! — tornou o pilôto. — Só mesmo um castigo! Olhe que é o diabo um homem passar quatorze dias sem ver nem sombra de mulher, saltar, e não encontrar nenhuma na rua!

Fez uma pausa, e tornou:

— E eu estou num estado horrível! Eu acho que, se aquí passasse um cachorro, eu era capaz de sair na carreira, atrás dêle!

A essas palavras, ouviu-se, como num desafio:

— Uáu!... uaáu!... au!... au!... Uáu!... au!...

Era Dona Brasília, em cima, no sobrado.

LXVI

"FLIRT"

O almirante Braga Nunes, tão notável pelas obras de defesa naval da lagoa dos Macacos e da ilha do Maracá, não estava satisfeito naquela tarde. Uma leviandade do seu filho, o primeiro tenente Otávio Nunes, que o ministro fizera recolher, preso, a bordo do cruzador "Mangaratiba", enchia-lhe a alma de uma tristeza dolorida, a que devia estar sujeita a sua velha alma de marinheiro.

Macambúzio, o coração compungido, saíra êle do ministério e fôra andando, sòzinho, Avenida acima. Aquí e alí percebia um movimento de continência, ou um cumprimento de paisano. Levava a mão ao boné, correspondendo quasi sem olhar; e foi assim que, metido no seu dólman branco, as mãos para trás, chegou, quasi sem sentir, à praça Floriano Peixoto.

A tarde estava clara, linda, luminosa, toda cheia do azul do céu e do ouro do sol. Uma brisa fresca, vinda do mar, sacudia a arborização, agitando os oitizeiros como

grandes ventarolas redondas, para refrescar os transeúntes. Automóveis passavam em disparada, uns em seguida aos outros, repletos de gente, como no abandono de uma cidade assaltada repentinamente pelo inimigo.

A testa vincada pelos pensamentos que lhe tumultuavam no cérebro, o rosto escanhoado e vermelho, o ilustre oficial chegou, assim, à praça em que se ergue a estátua alta, e em bronze, do consolidador da República. Fixou um instante o monumento, e sorriu. Lembrou-se dos episódios da Revolta, do ódio que então o dominava contra aquele adversário do momento, e, como se sentisse cansado, sentou-se em um banco próximo, que se achava vazio.

O seu destino, nesse dia, era, porém, ver-se importunado. Mais tranquilo, a perna trançada, começava o almirante a distrair o pensamento atormentado, quando viu aproximar-se do banco, disposto a sentar-se alí, um rapazola dos seus vinte anos, apertadinho num terno azul-marinho, chapéu de palha de um lado, e sustentando no braço esquerdo, cuja mão pousava no quadril dêsse lado, uma capa de borracha. O seu andar era mole, requebrado, quasi musical. E quando andava, os olhos se lhe reviravam, numa ternura feminina, de quem fosse, naquele instante, cair com uma síncope.

Ao chegar junto ao velho oficial, pediu, num requebro:

— Dá licença?

E foi sentando-se.

Não obstante a repugnância que lhe despertara desde que surgira, Braga Nunes resolveu examinar aquele tipo. Não dera resposta ao seu pedido gentil, dando, mesmo, a entender que não se apercebera da sua presença. E estava nessa atitude, quando o rapazola, depois de olhar para um lado e outro, meteu a mão no bolso trazeiro da calça, tirando daí uma banana de uns vinte centímetros, que colocou, em seguida, sôbre o passeio. Feito isso, começou a brincar com ela, com a ponteira da bengala. Empurra dalí, puxa daquí, e ei-lo a divertir-se com aquilo, o rosto de lado, o sorriso nos lábios, os olhos úmidos, num verdadeiro encantamento.

Ao fim de alguns minutos o almirante estava visìvelmente intrigado com aquele passatempo. E de tal modo, que se não conteve.

— Ó seu coisa, — chamou, — que é que o senhor está fazendo aí?

O pelintrote sorriu, dengoso.

— Eu?... — fez, revirando os olhos.

E a cabeça de um lado, cínico:

— Estou "flirtando"...

LXVII

A "REPÚBLICA"

Ao contrário do que sucedia com a generalidade dos seus colegas, o professor Anastácio Gomes entregara-se ao magistério por verdadeira vocação. Era um fanático do alfabeto e da pátria, e a idéia de torná-la grande e próspera, amada dos seus filhos e respeitada no estrangeiro, dava-lhe fôrças para suportar as mais penosas incumbências.

Foi, por isso, sem o menor protesto, antes com alegria de coração, que recebera a notícia da sua nomeação para professor primário em Guabiraba, modesto povoado sertanejo cuja população era, quasi toda, analfabeta. E alí estava êle, agora, a correr o mercado todas as manhãs, catequizando ora um pai, ora um parente, para mandar o seu filho à escola, receber o sacramento cívico da instrução. O que encontrava por toda parte era, contudo, a má vontade, a recusa, a convicção de que a escola era um atraso porque prendia as crianças na hora, exatamente, em que elas deviam estar no roçado ou no campo.

Acolhido assim, Anastácio não desfaleceu; em vez de esperar os pequenitos na aula, onde êles não iam, resolveu ir, êle mesmo, aos roçados, às pastagens, à ribanceira do rio, ministrar-lhes, em palestras singelas, as noções do alfabeto e do amor da pátria. E alí se achava êle, naquele dia, no campo, à sombra do joazeiro, a incutir no espírito obtuso do Geraldo, garôto de uns doze anos, idéias de leitura e sentimentos de civismo.

Sentado numa pedra, enquanto o menino se estirava no chão, a barriga na relva, ia Anastácio adotando a sua fórmula.

— Olha, filho, — dizia-lhe, — não precisa nenhum esfôrço, para aprenderes. Decora esta frase: "Nossa República brasileira é a mais bela Pátria do mundo!" Compreendeu?

— Compreendí, sim, senhor.

— Então, repete.

— Nossa... nossa...

Era preciso paciência. Anastácio recorreu ao seu método:

— Olha, vamos fazer uma cousa. Aquela cabra que estás vendo alí...

— A preta?

— Sim, a preta. Aquela cabra preta chama-se "Nossa..." Aquela malhada, "Recha... pública"... Aquele cabrito chama-se "É"... Aquela novilha de cabra, "A"... A outra, "Mais"... A outra, a cinzenta, "Bela"...

Aquela do chifre curto, "Pátria"... Aquele cabrito, "Do"... E aquele bode, "Mundo"... Decora isso. Vamos!

O esfôrço não foi pequeno, mas, ao fim de duas horas, o Geraldo já lia a frase toda, lendo-a nas cabras e cabritos. Anastácio, satisfeito, despediu-se.

— Bom! Então, até amanhã. Amanhã eu volto, para tomar a lição.

E não faltou. No dia seguinte, à hora certa, lá estava êle à sombra do joazeiro, sentado na pedra, ao lado de Geraldo, que se estirava na relva. Pelo campo em tôrno, as cabras que o menino pastoreava espalhavam-se, como pedras esparsas de um jôgo desmanchado.

O menino procurou com os olhos a cabra preta, e começou:

— "Nossa"... "brasileira"...

— Espera!... espera!... — impôs o educador. — E a "República"?

— A "República"... — estranhou, singelamente, o pirralho. — A "República" hoje não tem.

E com a mesma simplicidade:

— A "República" ficou no chiqueiro, com o bode!

LXVIII

A RELÍQUIA

A maior ambição do Conselheiro Ladislau Proença Nunes, desde que começara a prosperar em posição e finanças, fôra, sempre, uma viagem às terras sagradas do Oriente. Católico praticante, membro de dezessete irmandades, parecia-lhe que o céu lhe não estaria aberto se êle não fosse palmilhar os Santos Lugares, indo a Jerusalém, a Nazaré, a Jafa, percorrendo as velhas cidades e os velhos caminhos santificados não só pelo Nazareno como pelos apóstolos, divulgadores autênticos da palavra divina.

E era de regresso dessa viagem, e do cumprimento dêste voto religioso, que o conselheiro Proença desembarcava no Rio de Janeiro. Dispondo de recursos, visitara toda a Palestina, ajoelhando-se no monte das Oliveiras, no Calvário, no Carmelo. E por onde passava, ia patenteando a sua piedade cristã, adquirindo para cada parente, para cada amigo, uma relíquia, uma recor-

dação piedosa, evocativa dos primeiros dias da mais perfeita das religiões.

Lembrando-se de cada um dos seus, o conselheiro não podia esquecer, evidentemente, o desembargador Alexandre Proença, seu irmão mais velho, e que era, exatamente, o chefe da família. Para êste, trouxera, mesmo, não uma simples recordação, mas uma relíquia, uma relíquia legítima, verdadeira, indiscutível, a qual lhe custara, em Haifa, nada menos de quarenta libras esterlinas.

— Aquí está, Alexandre, o que eu te trouxe! — disse, abraçando o velho irmão paralítico, no dia seguinte ao do desembarque, quando o fôra visitar.

E abrindo uma caixinha de metal, onde se via, sob uma pequenina placa de vidro, um traço alourado que mais parecia uma rachadura da lâmina:

— É um fio, autêntico, da barba de São Pedro!

— Obrigado, Ladislau, obrigado! — fez o enfêrmo, comovido, sem mexer com as mãos. — É pena, ùnicamente, que eu não o possa tocar. Vou, porém, mandar encastoá-lo, para pendurar ao pescoço. Quero tê-lo, sempre, perto de mim.

Viúvo e sem filhos, o desembargador Alexandre vivia só, em companhia de uma criada de meia idade, descendente longínqua de italianos, a Natalina. E foi a ela que confiou a relíquia, ordenando-lhe que a levasse, no dia seguinte, a um joalheiro, afim de que encastoasse, com o máximo respeito e o devido cuidado, aquela preciosidade, de valor e significação incalculáveis.

De posse da relíquia, a Natalina passou a manhã inteira a percorrer as casas vizinhas, mostrando-a da sala à cozinha. Abria a caixa, virava-a, revirava-a, suspendia a lâmina de vidro, pegava no fio de cabelo, exibia-o na ponta dos dedos, num verdadeiro alvorôço por ser depositária de lembrança tão preciosa. E ia, pela milésima vez, já no bonde, mostrá-la a uma senhora a quem conhecia de vista, quando deu um pé de vento, arrebatando-lhe das mãos o minúsculo fio sagrado.

— Pára! pára! — gritou a mísera, fazendo vibrar a campainha do carro.

É desnecessário dizer que o cabelo, que caíra na rua, não foi encontrado.

— Minha Nossa Senhora! — fazia a Natalina, torcendo as mãos na maior agonia da sua vida. — E agora? O senhor desembargador, se souber disso, é capaz de morrer!...

Pela rua, vinha a rapariga matutando na forma, na côr, no tamanho do cabelo, tão curto, tão retorcido, quando teve uma idéia.

— O senhor São Pedro me perdoe, mas eu tenho que arranjar, seja como for, outro fio de cabelo parecido!

Dias depois voltava, efetivamente, a Natalina da cidade, com um fio de cabelo, um pouco ruço, encastoado em ouro.

— Deixa-me vê-lo, rapariga, — pediu o antigo magistrado; — deixa-me vê-lo!

A criada exibiu-o aos seus olhos.

— Dá-mo a beijar, Natalina, — insistiu, comovido.

A rapariga chegou-lho aos lábios.

— Natalina, — tornou o desembargador, emocionado, — tu sabes que êsse cabelo é, mesmo, de São Pedro? Pois é, Natalina, agora estou certo disso.

E a voz trêmula de emoção:

— Percebe-se que era de um pescador, Natalina... Sente-se até o cheiro do peixe!...

LXIX

O MACHADO

Durante anos haviam os dois se conservado nessa atitude respeitosa tão comum entre gente do interior brasileiro: Dona Odete, professora pública, a olhar a figura máscula do Juventino Fonseca, agente do Correio local, e o Juventino a admirar, de esguelha, o busto forte e as ancas sólidas, de quarentona virgem, da simpática educadora. O casamento, entre ambos, seria a cousa mais acertada do mundo. E como, neste planeta, cada pedra do *puzzle* acaba sempre encontrando o seu lugar, o Juventino acabou encaixando a sua vida de viúvo ainda robusto na existência, até então solitária, da professora municipal.

Essa aliança, nas circunstâncias em que foi realizada, consubstanciava o complemento de dois destinos, transformados em um só, à semelhança de dois riachos que se juntam, se reunem e, confundindo as águas, se transformam num mesmo rio. Com trinta anos de serviço, o Juventino aposentou-se. Com vinte e dois de professorado, Dona

Odete entrou em disponibilidade remunerada. E foi com o rendimento dêsses dois cargos que, uma semana depois de casados, foram residir em uma pequena chácara nos arredores da cidadezinha, onde passaram a ter, como o Juventino sempre sonhara, uma vida puramente campestre.

Aí, manhã cedo, o ex-agente do Correio tomava a espingarda ou o anzol, e, ganhando a mata circunjacente ou a ribanceira do rio, entregava-se, com uma paciência postal, à espera da caça ou do peixe. E à tarde, às vezes para fazer exercício, tomava do machado e, o braço robusto, os músculos em flexões de atleta, punha-se a rachar lenha, no quintal, para o consumo diário da cozinha.

Era êsse exercício violento do espôso que Dona Odete presenciava, naquela tarde, debruçada na janela da copa. Despido da cintura para cima, o Juventino, não obstante a sua idade, recordava aqueles gladiadores romanos que ela vira nos livros, e que vivem, eternos, no bronze e no mármore. Ao erguer o machado com as duas mãos, a musculatura toda se lhe distendia, como se êle tivesse enrolado ao torso, por baixo da pele, dezenas de serpentes em movimento. E cada vez que o machado descia, enfiando a lâmina luzidia na madeira, o peito do atleta soltava um rugido:

— Han!...

Outra machadada vigorosa, e:

— Han!...

Intrigada com aquele ronco, mistura de gemido e de soluço, Dona Odete estranhou:

— Juventino, para que é que tu fazes êsse "han!", toda a vez que rachas lenha?

— Oh, filha, não sabes? — admirou-se o ex-agente, parando o serviço e limpando o suor da testa com as costas das mãos. — Isso dá mais fôrça ao golpe, e o gume do machado penetra muito mais fundo na madeira!

Duas noites depois, era hóspede do casal o velho Joaquim Maria, coletor estadual, a quem deram para dormida o outro quarto da casa, junto ao do casal. E tão impressionada havia ficado Dona Odete com o exercício do marido que, alta noite, o ancião despertou, com uma conversa ao lado. Eram os recém-casados, que sonhavam.

— Juventino, meu filho, — dizia Dona Odete; — faz "han!".

E o marido:

— Não posso, minha filha! O machado...

E como quem capitula, vencido:

— Afrouxou o cabo!...

LXX

O DEPUTADO

Felismino Procópio, político em Goiaz, dirigia a sua fazenda do "Serrote Preto", quando soube, por telegrama, da sua eleição para deputado pelo Amazonas. É verdade que êle não havia, jamais, ido a Manaus, nem passado, sequer, em rumo do norte, de Niterói para cima. Isso era, porém, o menos: o ministro do Comércio era seu amigo, e por que estranhar que, por influência dêle, fosse o seu nome sufragado estrondosamente pelos macacos do Purús e do Madeira?

A atuação do novo deputado amazonense foi igual à de vários outros, de outros Estados. Foi eleito, e reeleito, sem, jamais, ter ido ver os seus eleitores. E o que fez de melhor na segunda legislatura, foi apanhar, à saída de um clube de jôgo, uma pneumonia dupla, que o atirou, entre a vida e a morte, no leito de uma Casa de Saúde.

E é aquí que, a face escaveirada, os olhos incendiados pela febre e pela opressão dos brônquios, Felismino Procópio agoniza. Um suor gelado começa a rociar-lhe a testa, ampliada pela vastidão da calvície.

— Chamem um padre! — pediu o enfêrmo.

Instantes depois chegava o sacerdote, o qual, à sua cabeceira, iniciava o seu penoso mister.

Agoniado, os olhos girando nas órbitas, o mísero sente a proximidade do derradeiro minuto.

— Irmão, — diz o sacerdote, — tenha coragem... Seja forte... Ponha o seu pensamento em Deus, que o chama à sua divina presença...

O rosto lavado de suor, com a sombra da morte estampada na face, o enfêrmo não dá uma palavra.

— Lembre-se, irmão, — torna o ministro de Deus, — que esta é a última viagem... É a viagem definitiva... É a viagem de que ninguém volta...

As pálpebras do moribundo assemelham-se, já, a duas tampas de cofre, que se fecham.

— Padre, — geme o mísero, com uma voz que vem já do outro mundo, — é uma viagem... que eu vou... fazer?

— É filho, é a viagem suprema...

E o Felismino, no esfôrço final:

— E tem... ajuda... de custo?

LXXI

A JUBA DO LEÃO

Não fosse a condessa de Santo Alonso tão leviana, e, certo, teria mandado pôr à porta do seu palacete, desde o princípio, aquele velho pretensioso e ridículo. Poder-se-ia, realmente, admitir que aquela mulher tão linda, tão moça, tão cortejada, tivesse necessidade, a não ser por simples capricho, dos galanteios inofensivos dum sexagenário?

É verdade que o professor Guedes era um homem de fortuna e posição. Ministro duas vezes, professor da Universidade, o país inteiro o admirava, o aclamava, o festejava, como um mestre. Que importava, porém, tudo isso, todo êsse capital acumulado pelo saber e pela audácia, se lhe faltava o principal, que era a mocidade? Quanto às "posições", quem pode conhecer melhor que os homens novos, aquelas de que as mulheres mais gostam?

Não obstante isso, o professor Guedes fazia a côrte à condessa de Santo Alonso e ela a aceitava. E aceitava-a de tal maneira, que alí estavam os dois, um diante do outro, na rica antessala do palacete, ornamentada com o gôsto, a graça e o luxo de que só têm a intuição, na terra, as mulheres inteligentes.

Sentado na poltrona de couro escuro que ficava em frente ao divã, o professor procurava dissimular o mais que podia a devastação impiedosa dos anos. O cabelo ralo, que pintara de *marron,* era dividido pela cabeça toda, para cobrir o crânio sem vegetação. O rosto, escanhoado, era um mapa da bacia amazônica, em que cada ruga era um rio, e cada verruga uma cidade. A roupa, correta, de alfaiate caro, espichava-se-lhe pelo corpo magro, como um fato de rico num cabide de pobre. No nariz, cavalgando-o, o *pince-nez* de ouro, grau 4, disfarçava quanto possível o brilho fugitivo dos olhos.

Diante dêle, no divã semeado de almofadas, a condessa era como um jardim em frente a um cemitério. Toda ela era riso, graça, mocidade. Trajando um lindo vestido de casa em sêda azul, os braços torneados saíam-lhe das mangas compridas e largas como dois pescoços de cisnes indolentes da quietude azulada de um lago. Os olhos brilhavam-lhe, úmidos, refrescando a rosa da bôca e os jasmins dos dentes. Tão provocadora estava, em suma, que, quem a vis-

se, di-la-ia uma odalisca ardente, apaixonada, insaciável, posta alí, de súbito, para excitar um velho sultão decadente. Aos seus pés, no chão, jazia a pele de um leão fulvo, cuja cabeça de juba revôlta, e de dentes à mostra, servia de pouso para o seu pé pequenino.

Recebido alí como um desafio, o professor não esperou por mais: lançou a sua declaração de namorado. Ouvido com benevolência, beijou, sôfrego, a mão que recolhera ao acaso, subindo com os seus beijos até à curva clara do braço.

A velhice, mãe da prudência, sabe, contudo, até onde chega o seu domínio. Em vez de pretensiosa, é modesta. Daí o motivo por que, ao chegar, com os seus lábios murchos, à curva do lindo braço de mulher que ia sôfregamente beijando, o professor, em vez de subir em rumo do colo e da bôca, resolveu descer para os pés, de onde começou de novo a ascensão gulosa, em rumo do joelho.

Abandonada àquela carícia, a rapariga não tratava de defender-se. E o professor subia com os seus beijos famintos, quando, de repente, o *pince-nez* lhe caiu, deixando-o completamente cego.

Desnorteado, mas, ao mesmo tempo, com os sentidos em desordem, o velho mundano perdeu o rumo mas não cessou a carícia. Por um instante, olhos fechados, a condessa ainda lhe sentiu a bôca mole, sôbre a pele sensível. De repente, porém, não a sentindo mais, abriu os olhos e, olhando para baixo, desatou a rir.

— Professor!... professor!... aí não!... — chamava. — O senhor está enganado!...

No chão, os joelhos no soalho, fungando e gemendo, o velho Guedes se debatia, beijando, mordendo, babando, com a cabeça afundada até às orelhas na juba do leão.

LXXII

A BRAGUILHA CIRÚRGICA

Aquela carga de cavalaria no ataque a Uruguaiana havia sido fatal para o Dionísio Figueiredo, gaúcho destemido pertencente às hostes aguerridas do general Honório de Lemos. Dado o sinal da arrancada, soltara êle o grito de guerra, fincara as chilenas no tordilho, e foi como um temporal. Com a lança firmada no peito, o primeiro inimigo que encontrou foi, logo, atirado longe, com uma lançada no queixo. O segundo foi varado no peito, de lado a lado, e o terceiro, em golpe certeiro, à altura do pescoço.

Não há, porém, homem valente que não encontre outro ainda mais valente do que êle. E disso mesmo se convenceu o Dionísio quando, ao passar, como um relâmpago, em perseguição de um inimigo que fugia, foi atingido por uma lançada do cabo Valério, a qual o pôs abaixo do cavalo com uma terrível ferida no ventre, pela qual começara a sair, como cobras irrequietas, a rodilha mole dos intestinos.

Como tivesse tombado fora da refrega, o revolucionário ficou alí, encolhido, as mãos na barriga, esperando a morte. Em lugar desta quem veio foi, porém, ao anoitecer, uma ambulância, que o transportou a um hospital de sangue, no qual devia ser, como tantos outros, operado.

Entregue ao dr. Conrado Borges, o velho cirurgião afastado da atividade mas que a luta fratricida fazia voltar ao trabalho, o Dionísio viu, sem um gemido, o médico alargar-lhe a ferida para desinfetá-la, e, em seguida, cosê-la. E estava o trabalho pronto, quando o venerando especialista fez um muxoxo.

— Ora bolas! — exclamou. — Não é que eu deixei dentro do rapaz o meu *pince-nez?*

Certo disso, descoseu tudo de novo, desinfetou as vísceras novamente, e recoseu tudo, outra vez. Mas para outra exclamação:

— Cebo! E lá me ficou o lenço, agora, na barriga do homem!

Descoseu mais uma vez, tirou o lenço que lá ficara, coseu pela terceira vez, e já ia dar o ponto, quando, não achando o que procurava, bradou, atrapalhado:

— Agora, foi a tesoura!... Ficou-me a maldita tesoura dentro do pobre rapaz!

Desmanchou tudo, assim, novamente, ponto por ponto; e ia coser, ou antes, recoser, quando o Dionísio, não por sofrimento, mas pela caceteação, chamou:

— Doutor... Ó sr. doutor?

O cirurgião olhou-o, a agulha na mão. E êle:

— Não seria melhor que vossa senhoria, para maior facilidade, fizesse aí uma braguilha, para abotoar e desabotoar?

LXXIII

O PECADO

Debruçada sôbre a sua máquina de costura, os olhos postos na agulha que desaparecia na fazenda na vertigem da velocidade, Maria Teresa parara, já, por duas vezes, o trabalho, afim de passar as mãos pela testa para afastar aquela visão perturbadora.

— Mas, que cousa tola!... — dizia, de si, consigo.

E dando movimento à máquina, recomeçava a costura.

É verdade que, dois anos a essa parte, não havia a mocinha feito qualquer roupa de homem. E quando fazia, era colête. Calça, era a primeira vez que cosia, depois dos dezenove anos de idade. E agora, era aquilo: com os olhos presos na obra, mal comçava o trabalho, eis que a calça lhe dava logo a idéia de um homem, com todas as particularidades anatômicas! Por que seria aquilo? Só, mesmo, cousa do Demônio, tentação do Capêta, perfídia do Amaldiçoado!

À tarde, após um dia de atribulações, a menina pensou:

— O melhor é eu ir, amanhã, me confessar. Conto o caso a padre Sebastião, e se êle achar que é pecado, que me dê a penitência.

E no dia seguinte, lá estava a Maria Teresa, no templo, à espera da sua vez. Franzina e elegante, era uma figura graciosa de brasileirinha morena. Apenas, alterando o tipo clássico, possuía olhos amarelados, de gatinha espantada. E quando chegou o seu turno, ajoelhou-se diante do confessionário, e contou com a maior singeleza do mundo, a sua tentação da véspera.

— E é, mesmo, pecado, senhor padre?

— É, filha, é, — confirmou o sacerdote, que conhecera a ovelha pelo balido.

— E a penitência?

— A penitência, — sorriu, de dentro, o confessor, — é você me mandar hoje, à tarde, um bom prato de carurú para o jantar do seu vigário; ouviu?

E riu, bonacheirão, da ingenuidade da pequena, a quem batizara e que estimava com a sua bonhomia de velho pastor provinciano.

À tarde, recebeu padre Sebastião, em casa, um prato de travessa, que a Maria Teresa lhe mandava. Destampou-o, franziu a

testa, e, à noite, encontrando a menina na novena, esta foi ao seu encontro:

— Então, padre mestre, recebeu o carurú da penitência?

— Eu? Recebí, filha. Mas recebí apenas o prato, sem o carurú. O prato ia vazio!

— Pois a penitência foi como o pecado, padre.

E garôta:

— Eu não disse a Vossa Reverendíssima que a calça... não tinha ninguém dentro?

LXXIV

O GARFO

O comendador Benevenuto Bragança é uma espécie de Rubião, aquele generoso e inefável Rubião, de Machado de Assis. Celibatário e rico, o seu prazer maior consiste em reunir à sua mesa um número variável de amigos ou de satélites, que comam as suas empadas, tomem o seu café e gabem incondicionalmente o seu vinho. E foi a essa mesa, no suntuoso palacete das Laranjeiras, que foi ter, naquele dia, o Atanásio Sardinha, humilde funcionário dos Correios, a quem o dono da casa havia conhecido, e de quem fôra amigo, nos seus dias, já tão longínquos, de pobreza e juventude.

Rotundo como uma pipa, Benevenuto Bragança era falador como um papagaio. E os convivas, sempre numerosos, acompanhavam-no na jovialidade, bebendo e comendo com barulho.

Não obstante a velha amizade, Atanásio não se sentia à vontade, naquele meio. E tanto assim era, que, ao ser pôsto sob as suas barbas um prato com um pombo assado, cruzou os braços, por não lhe terem posto, ao mesmo tempo, um garfo com que o comesse.

— Que é isso? — estranhou o comendador, jovial, ao verificar a inatividade do amigo; — então, não comes?

— Comer, quero eu, — confessou o convidado; — mas é que me falta um garfo.

— Podias ter pedido, — tornou o milionário; — quando se precisa de um garfo, a gente tosse discretamente. Basta isso.

Terminado êsse incidente, o jantar continuou. Serviu-se a sobremesa. Veio o café. Distribuíram-se charutos, após os quais o comendador desapareceu. Cheio até os olhos, o Atanásio passeava já pelos salões quando, de súbito, sentiu uma séria e imperiosa necessidade. Correu ao fundo da casa, ao compartimento respectivo. Empurrou a porta e achou-a fechada.

Ao sentir empurrar a porta, o comendador, que estava dentro, para mostrar que havia gente, tossiu de leve.

— Benevenuto?... Benevenuto?... — fez o Atanásio, de fora.

E a meia voz:

— Você está precisando de garfo?

LXXV

O 4.º ATO

A Baronesa de Santa Maria é, talvez, a última reminiscência galante do Império. Alta, forte, distinta nas maneiras e na figura, é a confirmação viva daquela expressão que diz, consoladoramente, que, quem foi rei, sempre é majestade. No meio de cincoenta velhas da sua idade, toda a gente a distinguiria. O seu olhar inteligente, a sua elegância discreta, o seu sorriso malicioso, singularizam-na entre todas, mostrando que alí está, como dizia o conselheiro João Alfredo, "um animal de outra fazenda".

Foi essa ruína gloriosa, último bastião de uma fortaleza destruída, última coluna de um templo derrocado, que o bacharel Firmino Guedes encontrou, uma destas noites, na reunião dos Pereira Nobre, nas Laranjeiras. As lâmpadas abriam os olhos no teto, e a voz dos instrumentos fugia pelas janelas, ritmando o movimento aos rapazes e às mulheres que dansavam, quando o moço advogado interrogou a veneranda fidalga.

— Senhora Baronesa, diga-me uma cousa: que diferença existe, na sua observação, entre o amor do seu tempo, e o do nosso?

Os olhos da matrona brilharam. Um sorriso novo abriu-lhe uma ruga na face, distendida ainda pelas pomadas e pelas massagens.

— A diferença, doutor? O senhor quer que lha diga? A diferença é que, no meu tempo, o amor era uma comédia, ou um drama, em um ato só, que se estendia interminàvelmente desde o dia em que os namorados se viam, até aquele em que se uniam, trêmulos, na cumplicidade de uma alcova escura, com o testemunho do mesmo lençol.

— E hoje?

— Hoje, é muito diferente do que era. O amor, agora, é como os livros de Machado de Assis: em diversos capítulos, mas ligeiros. É mesmo uma comédia curta, em quatro atos.

A vivacidade da fidalga interessava o rapaz. Firmino Guedes puxou mais para perto dela a sua cadeira, e indagou:

— O primeiro ato, sra. Baronesa, qual é?

— O primeiro? É o cinema, cousa que não havia no meu tempo.

— O segundo?

— O segundo é o telefone, que confirma pela palavra o que os olhos, ou o tato, juraram no cinema.

— O terceiro?

— É o automóvel.

— E o quarto?

A fidalga sorriu, os olhos faiscando:

— Ah, doutor, êsse, não se precisa perguntar. É um ato que se basta a si mesmo.

E maliciosa, vermelha sob a camada de *rouge*:

— O quarto é... o "quarto"!...

LXXVI

A MISSA DA ABIGAIL

Padre Bernardino Rocha havia sido nomeado para a paróquia da Conceição exatamente pelo espírito de justiça que assinalava cada um dos seus atos.

— Padre Rocha, — dizia S. Ex. Reverendíssima, o sr. Bispo, — padre Rocha é um dêsses sacerdotes que parecem ter nas mãos, para pesar pecados e penitências, a balança do arcanjo São Miguel!

Assim era, realmente. E não foi por outro motivo que lhe designaram para exercício da sua nobre missão purificadora, aquele bairro elegante da cidade, onde o vício andava sôlto, disfarçado, embora, nas suas vestes mais risonhas e douradas.

Investido nas suas funções de vigário, alí estava êle, naquela manhã de domingo, a semear, do púlpito, a palavra de Deus.

— Minhas irmãs! — prègava. — É preciso que vos aproximeis da bem-aventurança, e que o façais paulatinamente, para que não ofendais o céu com o horror do vosso pecado. Assim, aquelas que só têm tido pecados de pensamento, devem mandar rezar

as suas missas de penitência na capela da Virgem, que as poderá ouvir sem grande escândalo do seu coração divino. Aquelas, porém, que já tiverem sido tentadas por pecados maiores, cujo corpo já tenha sido vítima do domínio da concupiscência, essas, minhas irmãs, devem mandar dizer a sua missa na capela de Santa Maria Madalena, que, tendo sido grande pecadora, se transformou, depois, pelo arrependimento, em grande santa do calendário cristão!

Elegante, mas discreta, a assistência ouviu, no maior silêncio, o conselho do novo pároco. E dessa assistência fazia parte a linda Abigail Taveira, cujos vinte e um anos radiosos eram, pode-se dizer, um dos orgulhos da cidade.

Alta, graciosa, delgada, com seus lindos olhos buliçosos, Abigail Taveira levava, apesar de solteira, uma vida independente, de mulher americana. Possuía numerosos "amiguinhos", ia ao cinema com êles, passeava com êles de automóvel, sem que isso constituísse, contudo, qualquer compromisso de casamento.

E foi Abigail Taveira, precisamente, a primeira paroquiana a aproximar-se do padre Bernardino, após o sermão, afim de encomendar-lhe uma missa de penitência.

— Reverendo, — pediu um pouco tímida, — eu queria que Vossa Revma. me

rezasse uma missa, de acôrdo com o sermão de hoje.

— Uma missa, filha? — fez o sacerdote, bondoso, mostrando os seus claros dentes postiços.

E após um instante:

— Em que capela quer: na de Maria Madalena ou na da Virgem?

Abigail embatucou.

— Padre, o senhor pode dizê-la...

E resoluta:

— Metade na da Virgem, metade na de Maria Madalena!

LXXVII

O SERVIÇO DO PRIMO

I

Ao contrário do que sucede com a mocidade dêstes tempos corrompidos, o Adolfinho conservara-se puro até aquela idade de dezoito anos. Filho único, criado pela mãe com o recato e o cuidado de quem cria uma filha, jamais andara às sôltas pelas ruas da cidadezinha. Os rapazes da sua geração zombavam, riam da sua inocência. Chamavam-no, mesmo, por pilhéria, a "Adolfinha". Êle, entretanto, limitava-se a corar, e a conservar íntegra a sua pureza, reservando-a, como brinde de núpcias, para a mulher que lhe coubesse por espôsa.

Aos dezenove anos o Adolfinho era, ainda, o mesmo. E foi nessa idade que Dona Maria Antônia, a mãe, o chamou, dizendo-lhe, com aquela doçura que só as mães possuem quando falam aos filhos:

— Olha, Fifinho, tu chegaste, já, à idade de constituir família. Estás um homem e precisas conhecer os grandes prazeres da

vida. Vais, portanto, casar, e eu já te escolhí a noiva.

— Oh, mamãe... — fez o rapaz, ficando todo vermelho.

— Já escolhí a noiva, — continuou Dona Maria Antônia, — e o casamento será breve. Ouviste?

— Sim, senhora, mamãe, — concordou, passivamente, o rapagão.

E de repente:

— E quem é a noiva, mamãezinha?

— A noiva? É a melhor que poderíamos encontrar. É a Odete, filha do compadre Maximiano.

— Ahn!... — fez o Adolfinho, com todo o sangue a se lhe precipitar para o rosto.

II

O casamento do filho de Dona Maria Antônia com a filha do coronel Maximiano foi um dos acontecimentos mais importantes de Maracacuera, a graciosa cidadezinha sertaneja. Em homenagem aos noivos morreram dúzias de galinhas, de patos, de perús. Metido no seu terno novo, de casimira nacional, o Adolfinho estava bonito, apesar de encabulado. O alvo de todos os olhos, contudo, era a Odete, soberbo tipo de morena, com o seu rosto alegre e largo, a mos-

trar a toda a gente os seus dentes fortes, de quem foi criada com leite de cabra.

À noite, à medida que se aproximava a hora de despedir os convidados, ia o rapaz ficando mais nervoso, mais preocupado. E essa preocupação contrastava exatamente com a alegria da Odete, que se mostrava cada vez mais radiante, como se os ponteiros do relógio lhe fossem avançando, também, pelas cordas hilariantes do coração.

Até que, à meia-noite, todos se recolheram. E como se fala em todos, fechemos a porta dos noivos, e ponhamos, não os olhos, porque o quarto está escuro, mas o ouvido na fechadura.

— Detinha, — diz o Adolfinho, a voz sensìvelmente trêmula, — tu vais ter uma surpresa, que eu te guardei. Posso dizer?

— Que é? — indaga, apressada, a rapariga.

— É que eu, como talvez tu não saibas, não sou como êsses rapazes que andam por aí...

— Tu és aleijado? — perguntou a moça, num susto.

— Não, não sou, não. Eu não sou como êles, porque não sou um imoral, um devasso; eu guardei para ti, para minha noiva, a minha virgindade!

— Ora!... — fez a moça, no escuro.

E estendendo os braços:

— Vem cá!

Como a orelha do leitor já deve estar ardendo, de tanto apertar o ouvido de encontro à fechadura, afastemo-nos um instante. Há momentos na vida das alcovas em que as testemunhas precisam tomar um pouco de ar.

III

Voltemos outra vez. E ouçamos:

— Então, Detinha, — explica o Adolfinho, a voz cansada, — eu não te disse que eu era puro? Eu nunca me havia aproximado de outra mulher!

— Eu notei isso, Fifinho, — concorda a noiva.

E numa irreflexão:

— E eu nem sei, meu filho, como nós havíamos de nos arranjar hoje, se o meu primo Cantidiano não me tivesse ensinado!...

LXXVIII

O BANHO DE LEITE

Nada atemorizava tanto no mundo a Giovanina, a linda Giovanina Fieramosca, como a idéia da velhice. O pensamento de que havia de ter o rosto coberto de rugas, uma papada mole, uns seios flácidos, caídos, pendentes como peças de roupa estendidas na corda, enchia-a de terror. E era na expectativa dessa fatalidade que recorria a toda a sorte de receitas, de remédios preventivos, que iam desde a pomada simples, recomendada pelas amigas, até às massagens violentas, aconselhadas pelos médicos. Aquele, porém, em que mais confiava, era o banho de leite, o qual, segundo lhe tinham dito, e havia lido, fazia clarear e amaciar a pele, conservando-a sempre moça, fresca e distendida. Era uma despesa enorme, mas a Genoveva, sua criada de confiança, havia arranjado o meio de reduzí-la: duas vezes por semana, comprava cincoenta litros de leite, punha-os na banheira grande, vasta e rasa como um divã turco. Giovanina mergulhava no líquido, conservava-se aí meia hora, e, como a Genoveva possuísse um leiteiro que era seu namorado, o leite, depois do banho, voltava à leiteria, com uma diferença apenas de dois tostões no preço. Bastava essa economia para que a linda mundana adorasse a Genoveva.

Certo dia, estava Giovanina mergulhada no seu plácido banho bi-semanal, quando a porta foi empurrada docemente, e surgiu nela, a figura jovem e máscula do conde Vitório, último senhor daquele corpo delicioso.

— Banho de leite?... — fez o rapaz, num espanto. — Estás tomando banho de leite? Para que serve isso? hein?

— Não sabes, então? — estranhou a rapariga, cruzando os braços sôbre o colo claro, para tornar mais rígidos os dois montes de espuma que nele se erguiam. — Não sabes que o banho de leite remoça a pele, tornando-a mais suave, mais doce, mais macia?

— Ah! então, eu quero tomar também! — exclamou o estróina, rindo, no seu estouvamento habitual, ao mesmo tempo que pendurava no cabide, ou atirava pelo chão, o paletó, o colête, a gravata, o colarinho, a calça, os sapatos, em suma, tudo que trazia sôbre o corpo, afim de participar, como um fauno, do banho original daquela ninfa.

Uma hora depois, já com os dois no quarto de vestir, embrulhados em duas toa-

lhas de felpa, a Genoveva bateu, aflita, à porta do aposento:

— Madame! madame! agora, como é, para pagar o leiteiro?

Giovanina, acorreu, solícita:

— Que é que tem? Derramou muito?

— Não, senhora; não derramou nada, — ajuntou a criada; — mas é que madame bateu tanto, com o sr. conde, que, dentro da banheira, em vez de cincoenta litros de leite...

E nervosa, os olhos esbugalhados:

— Há cincoenta quilos de manteiga!...

LXXIX

O ENTÊRRO DA JOVITA'

A moléstia da Jovita havia se anunciado há muito tempo. A uma palidez e a um cansaço progressivo, sobreviera aquela inchação, a que a Rita do Romano não pudera dar volta nem com a purga de cabacinha, nem com as orações mais fortes do seu repertório de "benzedeira". Não obstante isso, foi para o Rufino um abalo profundo, quando o sobrinho, o Pipoca, entrou na taverna do João Lobato, onde o caboclo bebericava, e comunicou:

— Titio, a titia morreu!

À algazarra da caboclada alegre, sucedeu um silêncio profundo. Todos tiraram o chapéu, em sinal de respeito. E foi entre o silêncio geral que, a cabeça baixa, o Rufino tomou o caminho de casa, onde já encontrou a mulher estendida no meio da sala de casa humilde, sôbre uma tábua de porta.

— Vá contratar o padre, homem! — ordenou-lhe, ainda no terreiro, a Mariazinha, irmã da finada.

O caboclo entrou na sala, beijou a morta, e saiu. Padre Juvêncio estava em casa, e êle foi dizendo ao que ia.

— "Seu" vigário, eu vim dizer a Vossa Senhoria que a Jovita morreu!

— Morreu?... Coitada!... Meus pêsames, Rufino...

— Muito obrigado, "seu" vigário; mas eu queria que "seu" vigário fosse acompanhar o corpo dela pr'o cemitério...

— Pois, não, Rufino; mas você sabe quanto custa isso, pela tabela da paróquia? Cincoenta mil réis, fora dez, para o sacristão.

— Ah, "seu" vigário, não posso! Assim, não posso, não!

— Mas você não terá um parente que lhe ajude nesse caso? Pai, mãe, irmão...

— Nada, "seu" vigário, nada! O único parente que me resta, é uma irmã; essa mesma, coitada, se extraviou na vida.

— Extraviou? Mas que tem isso, Rufino? Para um caso santo, como é a salvação da alma da Jovita, você não deve ter êsses escrúpulos; vá, procure a sua irmã no lugar de perdição em que ela estiver, peça-lhe os sessenta mil réis.

— Mas eu não posso falar com ela, "seu" vigário. Ela é freira, está no convento das Carmelitas.

— Ela é carmelita? E você tem coragem de dizer, desgraçado, que ela se extraviou! Não sabe, então, que ela é espôsa de Nosso Senhor Jesús Cristo?

Essa observação abriu uma clareira no espírito do Rufino.

— Então, "seu" vigário, está feito. Vossa Senhoria vai fazer o acompanhamento. Vossa Senhoria vai, mas, como minha irmã é espôsa de Nosso Senhor Jesús Cristo...

E batendo-lhe no ombro:

— Vossa Senhoria manda receber o dinheiro na casa do meu cunhado!

LXXX

A CADEIRA FURADA

Gordo, vermelho, barrigudo, com os ares sadios e felizes de quem anda satisfeito da vida, subia padre Nataniel a rua da Palma com o seu guarda-chuva pendurado do braço e cantarolando, a meia voz, um dos hinos sacros mais populares do mês de Maria, quando, ao passar em frente à barbearia de mestre Vicente, notou, esfregando a mão pela papada, que não se havia escanhoado naquele dia. Entrou na oficina do fígaro, vazia a essa hora, e foi, logo, saudando:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesús Cristo, mestre Vicente!

— Para sempre seja louvado, "seu" vigário! — respondeu o barbeiro levantando-se.

A barbearia de mestre Vicente era o que havia de mais humilde, de mais simples, de mais pobre naquela cidadezinha do interior. Sôbre o mármore encardido do *toilette,* alinhavam-se quatro ou cinco vidros de loção, que o próprio barbeiro fabricava todas as semanas, sob a responsabilidade de Houbigant e de Coty. Em frente ao *toilette,* sôbre um estrado, uma veneranda cadeira

de braços, altar em que o velho profissional enfeitava, aos sábados, a melhor gente da localidade. Encostados às paredes, um banco e três ou quatro cadeiras, destinadas ao descanso da freguesia.

Pendurando o chapéu no pequeno cabide pregado na porta, padre Nataniel subiu o estrado, e, para não a amarrotar, suspendeu a batina atrás, antes de sentar-se. Mestre Vicente fabricou um pouco de espuma numa tigela, ensaboou a cara do sacerdote, e, enquanto ensaiava uma conversa e o sabão amolecia a barba, ia afiando, para cá e para lá, num afiador tão antigo quanto a cidade, a velha navalha de grande lâmina.

— Então, "seu" vigário, como vão as cousas de política? — aventurou o barbeiro, fazendo cantar a navalha na cara do freguês, cuja pele engrossara com a raspagem quotidiana. — Disque o Bernáde não quer dar o govêrno p'r'o Ósto, e que a Polícia do Rio Grande do Sul já está na Baía p'r'a tomar o Rio de Janeiro?

A geografia de mestre Vicente era tão confusa como os boatos que êle espalhava. Como, porém, a cidade fosse pequena, e o assunto pouco, o remédio era aquele: discutir a política nacional, criando complicações entre figuras em evidência, suprindo, enfim, as deficiências do conhecimento com a fertilidade da imaginação.

A navalha chiava, áspera, no rosto do padre Nataniel, quando, de repente, êste deu um pulo na cadeira:

— Up!...

— Está machucando, "seu" vigário? — indagou mestre Vicente, suspendendo o serviço.

— Não; pode continuar.

Instantes depois, porém, outro pulo do freguês.

— Up!...

— Feriu, "seu" vigário? — tornou o barbeiro. — Se está incomodando, eu mudo de navalha.

— Não; não é preciso... Continua...

— Up!...

— Mas, enfim, "seu" vigário, que é que Vossa Reverendíssima tem hoje? — estranha mestre Vicente, intrigado.

Padre Nataniel perturba-se um pouco, mas não pode, mais, disfarçar.

— Não é nada, mestre; é que... é que... eu vim sem calça e sem ceroula... Compreende? e a sua cadeira está furada... e...

— E...?

Padre Nataniel dá mais um pulo:

— Up!...

E nervosíssimo:

— E o seu gato está debaixo, brincando com um rato!...

LXXXI

A AMEAÇA

Era um mimo, a Carlotinha. Clara, cabelos castanhos puxando para louro, olhos grandes e cinzentos, bôca vermelha e fresca, toda ela era uma jóia de carne. E tudo isto era pôsto ainda em realce quando, com as modas de hoje, saía à rua. Comprimidos pelo vestido justo, os seios virgens moldavam-se na fazenda, patenteando o seu feitio impecável, desde a base até o bico miúdo, jamais profanado por um beijo ou, mesmo, por uma carícia de homem. E quando andava, as suas carnes pareciam regidas por música: as suas formas todas tremiam, arfavam, palpitavam, como se toda ela fosse um manjar do céu, exposto à gula dos famintos.

Tentadora assim, arrastando à passagem, na Avenida, os "piratas" que estacionavam nas esquinas, a Carlotinha havia de ser, também, tentada um dia. E tanto o foi, que, naquela tarde, a casa da viúva Guerreiro, mãe da menina, estava, toda ela, num alvorôço.

— Era só o que me faltava, meu Deus! — exclamava, agitada, a passear de um lado para outro da sala, a honrada senhora. — era só o que me faltava! Então, eu ponho em ti a minha esperança, o meu destino, a minha sorte e vens tu, e me fazes isso!... Entregas-te a êsse canalha do Severino, um patifezinho sem eira nem beira, um legalhé, um João Ninguém!

Sentada no divã, os cotovêlos pousados nos joelhos, a cabeça apoiada nas mãos, a Carlotinha soluçava em silêncio. A saia curta, repuxada para cima, deixava ver a perna roliça, até acima da meia. E bastaria ter visto êsse pedaço de carne, tão branca, tão fresca, tão macia, para ficar com inveja do Severino.

— E onde foi que êsse canalha te seduziu? — tornou a mãe, estacando no meio do aposento.

— Aquí.

— Aquí na sala?

— Sim, senhora.

— E eu, onde estava?

— Mamãe estava lá dentro, no quarto.

— E êle se atirou a ti?

— Sim, senhora.

— Aí no divã?

— Sim, senhora.

— Patife!... — rugiu a viúva, de novo, a passear, na mesma agitação.

De repente, parou, outra vez:

— E tu não querias?

— Não queria, o que, mamãe? — indagou Carlotinha, como quem não compreende.

— Tu não querias que êle fizesse... o que fez?

— Não, senhora.

— Juras?

— Juro, mamãe!

— E por que não fugiste, chamando por mim?

A menina ficou vermelha, como um pimentão.

— Eu não gritei, mamãe, porque... porque êle me disse que... que... se eu gritasse...

E desatando em chôro:

— Êle não vinha fazer outra vez!...

LXXXII

A "MAQUETTE"

A vila de Itabacoara não é grande. Em compensação, é populosa: tem cerca de 400 pessoas, e, para essas 400 pessoas, cêrca de 2.000 cabeças de gado, que perambulam livremente pelas ruas. O ponto de reunião dos bovinos é, porém, o largo da matriz, onde, por isso mesmo, se vê mais excremento de vaca do que, talvez, areia do chão ou verde capim de pastagem.

Moradores nas proximidades, o Dico e o Totonho, dois peraltinhas de oito e dez anos, tiveram naquele dia uma idéia: aproveitar o excremento vacum, ainda fresco, para à maneira de barro, fazerem com êle a reprodução da vila, com todas as suas particularidades. E meteram mãos à "obra".

— Vamos fazer primeiro a igreja! — propôs o Dico.

E fizeram. Fizeram, em seguida, cada uma das casas que fechavam o largo. Fizeram a Câmara Municipal, a agência do Correio, a casa do coronel Dudú, a mais importante da vila. No meio da praça, puseram

o coreto; espalhados por êle, silhuetas de animais; à porta da residência do coronel, o próprio coronel. Em seguida, para tirar o mau aspecto da matéria com que tudo aquilo havia sido feito, polvilharam com areia, tomada a um formigueiro.

Por essa altura, com o trabalho já concluído, eis que desponta perto, a figura paternal do padre Venâncio, vigário da vila. Encaminha-se para os garôtos, que ainda se acham ajoelhados, retocando o seu trabalho de alta engenharia, e indaga o que significa tudo aquilo. O Dico levanta a carinha de quatí, e explica:

— É aquí a vila, senhor vigário, que nós estamos fazendo...

— Aquilo alí, que é?

— Aquilo é a casa da Câmara.

— E aquilo?

— É a casa do coronel Dudú... Na porta da casa é o coronel...

— E alí?

— É o coreto do largo.

— E acolá?

— É a igreja... Adiante é a casa de "seu" vigário...

— E o vigário, onde está?

Os dois pirralhos entreolharam-se, envergonhados do esquecimento.

— Então, esqueceram-se do vigário; não?

— Não senhor, "seu" vigário, não foi esquecimento não... — desculpou o Totonho, intervindo.

E olhando em tôrno, a ver se encontrava "material":

— Mas, se outra vaca obrar, a gente faz!

LXXXIII

O GAGO

Proprietário de uma fortuna apreciável, o Gerôncio era um belo rapaz. Alto, moreno, elegante, vestindo-se com apuro, constituía um partido tão desejado, que a Silvaninha até esqueceu que êle era gago, mas dêsses gagos que levam quinze minutos para proferir cinco palavras. As sílabas saíam-lhe da garganta como ferrão de arraia metido na carne: rasgando tudo. Uma frase na sua bôca, era um peixe com espinha, que, posto do seu estômago, só saísse a esganchar-se por todas as anfratuosidades do esôfago.

O noivado com a Silvaninha fôra, por isso mesmo, a maior das felicidades para o Gerôncio. Aos seus olhos, essa ventura era, mesmo, tão grande como a de quem tirasse a sorte grande da loteria sem ter comprado bilhete.

Certo dia, chegou, porém, o Gerôncio mais que desolado à casa da irmã casada. Foi sentando, e as lágrimas lhe saltando dos olhos.

— Que é isso, Gégé — indagou, alarmada, a moça. — Que foi que sucedeu?

— Eu sô... sô... sô... sô... sou um grande de... de... de... de... de... sgraçado!... sô... sô... sô... sô... sô... sou um in... fi... fi... fi... fi... fi... liz!...

— Anda! Conta!

— A Sil... va... va... va... va... ninha me dê... dê... dê... deixou!...

— Mas, por que? Dize como foi!

— Fô... fô... fô... fô... foi as... sim... Nó... nó... nó... nó... nós está... tá... tá... tá... tá... vamos os três na... na... na... sa... sa... sa... sala: eu, ela e um ca... ca... ca... ca... chorrinho. De repente o ca... ca... ca... ca... chorrinho principi... pi... pi... pi... ou a co... co... co... çar a orelha com o pê... pê... pé. Eu por brincadeira di... di... di... disse: eu que... que... que... queria ver vô... vô... cê fa... fa... fa... fa... zer isso. Ela olhou; mas co... co... co... co... como eu custo a fa... fa... fa... falar, quando ela olhou, o ca... ca... ca... ca. chorrinho já estava lamben... ben... ben... do o rabo. Então, ela cha... cha... cha... mou o criado, e mandou me bo... bo... bo... bo... tar no ôlho da... da... da... da... rua!

LXXXIV

A DAMA GORDA

Desde pequena, fôra aquilo a Elisabet: gorda como uma bola. E à medida que crescia, à proporção que se passavam os meses e os anos, mais se acentuava na menina aquela gordura desproporcionada. Os pais levaram-na ao médico.

— Ponham-na a fazer exercícios, — recomendava um. — A natação, a corrida a pé, a ginástica sueca...

E outro:

— Regime... É preciso comer pouco... É preciso consumir essa gordura pelo jejum!

A Elisabet fez exercícios; e nada. Experimentou comer apenas duas colheradas de arroz por dia. E foi pior: engordou, com êsse arroz, quilo e meio.

Em compensação, poucas moças magras, ou de gordura proporcionada, possuíam um rosto como o daquela criatura. Os olhos eram lindos e rasgados. A bôca era um cravo. E a pele, tão fresca e tão

linda, que parecia feita com a pétala de uma grande rosa.

Por tudo isto, e apesar de tudo aquilo, a Elisabet casou. Casou com o comendador Belarmino, homem que podia, pela idade, ser seu pai, mas logo arranjou um namorado, o Trajaninho, "almofadinha" da moda, o qual podia, pelo tamanho, ser seu filho.

E era o Trajaninho que alí estava, naquela tarde, aos seus pés, na sala de visitas, a confessar-lhe o seu amor. Olhos fechados, Elisabet ouvia, como uma música do Paraíso, as palavras apaixonadas do rapaz. Ouvia-lhe as palavras e sentia-lhe os lábios quentes, úmidos, impressos nas suas mãos, a princípio, e, em seguida, nos pés, sôbre a sêda das suas meias.

De olhos fechados, também, o rapaz subia, com os lábios. Beijou-lhe o tornozelo grosso, que quasi não pôde abarcar. Beijou-lhe o joelho, com o lábio na própria carne. E de repente, parou, em beijos sôfregos, ansiosos, desesperados.

— Trajaninho?... Trajaninho?... — suplicava a moça com arrepios de cócega. — Aí não, meu filho...

E afastando-lhe a cabeça, enervada:

— Isso é uma prega da gordura...

LXXXV

CONTO VENEZIANO

O duque Giusepe Fierenzuola, o grande senhor cujo palácio todo em mármore rosa é um dos monumentos de Veneza, havia cortado, já, a cidade em todas as direções, de pé, à proa da sua gôndola de passeio, quando, ao aproximar-se do portão largo da sua casa senhorial, viu, no palácio fronteiro, aquilo que procurava como um louco: o vulto triste, o rosto pálido, e banhado de lágrimas, da sua filha, a duquesinha Giovana, flôr do seu deserto, encanto da sua velhice robusta e gloriosa, cujo desaparecimento lhe fôra, pela manhã, aflitamente comunicado pelas aias. A busca em todo o palácio fôra inútil. A moça havia dormido no quarto andar, que dava para o canal, e que não possuía comunicação. E pela manhã, aberta a porta que se fechava por fora, encontrara-se o aposento vazio e a cama feita. Como se teria dado, pois, o milagre?

Era êsse mistério que ia ser, de súbito, desvendado. Ao ver a filha à janela do quarto pavimento do palácio fronteiro, re-

sidência do conde Alessandro Domeniche, o duque Giusepe Fierenzuola fez parar a gôndola no portão vizinho, e, com as pernas vigorosas a aparecer, embainhadas nas meias longas, sob o calção de veludo, a mão no copo da espada, as plumas do gôrro a tremer na cabeça nervosa, subiu, de carreira, como nos tempos em que escalava o tombadilho das naus genovesas, a enorme escadaria de pedra do suntuoso edifício da Renascença. Não era um homem: era um furacão. No quarto andar, fez ressoar uma aldraba de bronze, e, em seguida, um ferrôlho. E, num minuto, sentia cair nos seus braços, na solidão do aposento revôlto, a filha querida, cujo rosto macerado era um campo de batalha em que se viam, ainda, os cadáveres dos beijos recebidos à noite.

— Giovana, minha filha, que significa isto? — rugiu o duque, num pressentimento negro.

— Pai, — gemeu a moça, — ensopando de pranto o veludo das suas vestes e mergulhando as mãos pequeninas, como duas abelhas brancas numa grande moita, no espinheiro das suas barbas agressivas; — pai, perdôa-me!

— Mas... que foi?... que houve?... Anda... dize... — pedia o ancião, sufocado.

E a duquesinha contou, soluçando:

— Eu o amo, pai!... eu amo o conde Marino, filho do conde Alessandro... O seu aposento é em frente ao meu... tu o sabes, pai... um de cada lado do canal... Falávamo-nos por gestos, por sinais... Não nos podíamos encontrar, nem ver de perto... Então, esta noite... forte como é, suspendeu êle uma tábua imensa, pesada como uma ponte, ligando a sua janela à minha janela... Eu passei pela tábua e vim... Eram onze horas... Êle tirou a tábua de novo... E ficamos juntos, pai, um ao lado do outro, a noite toda... Eu devia voltar para o meu quarto, antes que amanhecesse...

— E por que não voltaste, desgraçada? — rugiu, entre dentes, o duque.

E a infeliz:

— Porque, de manhã, pai, nem eu tinha pernas para isso...

E multiplicando os soluços:

— Nem êle tinha mais fôrças... para... suspender... a tábua...

LXXXVI

A GALINHA POLACA

O comendador Teodorico Bermudes era o tipo legítimo do comerciante aposentado. Tendo feito a sua fortuna antes da guerra, era um dos poucos ricaços do nosso tempo que podiam dormir com tranquilidade de conciência. Não roubara ninguém; e se roubara, fôra tão vagarosamente, que não assustara a vítima nem escandalizara a multidão.

A guerra tivera, contudo, uma influência na vida do honrado comendador: revelara-lhe os encantos da vida, arrastando Dona Cotinha, sua espôsa, até então pacata e caseira, para o tumulto dos bailes, dos chás, das festas elegantes e tumultuosas. E com a vida mundana, viera para o casal uma consequência feliz: a ilustre senhora, que até aquele tempo se mostrara estéril, passou a ter filhos, dando ao comendador, em quatro anos, nada menos de três garôtos, que eram o encanto e o orgulho da família.

Era sôbre isso, exatamente, que conversavam, na *terrasse* do Pálace Hotel, naquela noite, o velho comerciante e o desembargador Fortunato, que alí aparecia pela segunda vez, acompanhando a mulher, até então, como a do comendador, caseira e sem descendência. Do lugar em que se achavam, via-se, pelas portas escancaradas sôbre o salão, o ondear nervoso dos pares, em que as mulheres, decotadas até o estômago, e quasi nuas daí para baixo, se agarravam, como num naufrágio, ao mastro do navio, representado aí pela figura máscula de algumas dezenas de latagões.

— Pois, é isso, meu caro senhor, — dizia o comerciante. — Eu cheguei à convicção de que não há nada que contribua tanto para a fecundidade das mulheres como êste negócio de festas, bailes, de vida mundana. Olhe a minha: enquanto viveu metida em casa, toda abafada, com vestidos apertados até o queixo, não teve um só filho. Passou a decotar-se, e, olhe: já me deu três!

A música, ruidosa, gritante, animava-se de instante a instante. Os cavalheiros apertavam as damas de encontro ao peito, à barriga, ao corpo todo, como se quisessem imprimir a imagem delas na sua carne. Os decotes brilhavam, pedindo beijos.

— O decote, principalmente, — conti-

nuou o comendador, — é um remédio maravilhoso contra a esterilidade. Quanto maior é o decote, maior é a probabilidade do filho.

E para o outro, rindo:

— A galinha que mais põe não é a polaca, do pescoço pelado?

LXXXVII

O MARTÍRIO DE FREI VITORIANO

Aquela retirada de frei Vitoriano de Múrcia do Mosteiro de São Genaro para aquela perigosa missão no Oriente, havia enchido de tristeza e, não menos, de preocupação a cidadezinha siciliana de Sciela-nuova. E mais preocupada do que ninguém, ficara a Vicência, criada grave do capitão Orsini, irmão do virtuoso franciscano, a qual, conhecendo o gênio arrebatado do religioso e, o que era pior, o seu desejo de sacrifício pela causa de Deus, previu, desde logo, os riscos que êle ia correr no meio dos infiéis.

E as suas previsões haviam, desgraçadamente, se realizado. Companheiro de missão do valoroso prègador, frei Sizínio, que embarcara com êle, acabava de regressar, sòzinho. O outro, o mestre e amigo, lá havia ficado em terras estranhas, não se sabendo mesmo o seu destino e nem, sequer, se já se achava recolhido, pela morte, aos braços de Deus, pela glória do qual tão virgorosamente se batera na vida. Ao desem-

barcar em Siracusa, o primeiro cuidado de frei Sizínio foi, pois, correr a Scielanuova, à residência do capitão Orsini, e contar-lhe, compungido, o destino do seu irmão.

— Padeceu como um santo, sr. capitão, e lutou como um herói! — contava o sobrevivente.

E narrava:

— Ao chegar à Síria, desembarcamos em Haifa, e, como o nosso destino era Trebiz, na fronteira da Pérsia, tomamos o caminho de ferro até Mossul, seguindo daí, em caravana, para Van. Em caminho soubemos, porém, que os nossos irmãos do mosteiro de Santo Aleixo, à margem do lago Urmia, haviam sido trucidados. Com o gênio que o senhor bem conhece, frei Vitoriano resolveu imediatamente mudar de rumo, e ir em socorro de algum missionário nosso, que talvez estivesse prisioneiro. Ao atravessarmos, entretanto, a região montanhosa, os famosos montes do Curdistã, fomos assaltados por uma quadrilha de curdos, os quais nos prenderam, e à nossa comitiva. Corajoso como era, frei Vitoriano não se quis entregar. Puxou a pistola que trazia na cintura, por debaixo do hábito, e fez fogo. Acabada a carga da arma, atirou-a fora, e, arrancando um punhal, fez uma verdadeira devastação nos bandidos. Estes eram, todavia, mais de oitenta. Recuando

diante dêles, a brandir a arma, o nosso querido Vitoriano tropeçou, e caiu, sendo então agarrado, desarmado, e, em seguida, amarrado.

— E mataram-no logo? — indagou, comovido, o capitão Orsini.

— Não, senhor. Os curdos têm a superstição guerreira de que a morte é um prêmio, e, por isso, poupam os seus prisioneiros, preferindo martirizá-los. O que êles fizeram com frei Vitoriano foi, por isso, pior que a morte.

— Que foi? Conte! Por favor! — pediu o capitão.

— O que êles fizeram com frei Vitoriano — reatou o religioso, — foi horrível. Como há, hoje, no Curdistã, falta de gente para a guarda dos serralhos, êles amolaram uma faca, despiram o meu pobre companheiro, e, à minha vista, alí mesmo...

E acabava de fazer um gesto expressivo, quando, por essa altura, o reposteiro do gabinete, que vinha estremecendo à medida que a conversa avançava, se entreabriu, dando passagem à Vicência.

— Nossa Senhora!... — fez a rapariga, nervosa. — Pobre frei Vitoriano! Mas, frei Sizínio, meu santo...

E horrorizada, numa informação:

— Como foi que êles serraram o ôsso?

LXXXVIII

ALICE SANCHES

O Renato Sobreira andava pelos trinta e cinco anos, quando, atacado de uma neurastenia aguda, embarcou para o interior de Minas-Gerais, com destino a uma das cidades mais modestas da região. As informações que lhe haviam dado do clima e da gente, eram de molde a encorajá-lo. E foi encorajado que êle partiu, levando uma carta de recomendação destinada ao vigário do lugar, o qual era, precisamente, padre Mateus.

Padre Mateus Fernandes era um verdadeiro santo. Pelo seu gôsto, ninguém discutia, ninguém brigava e os negócios mais complicados encontrariam solução amigável. Não falava mal de ninguém, não caluniava e nem, sequer, dizia as verdades, desde que elas, ditas, fizessem mal à mais modesta das criaturas.

Hóspede da cidadezinha e do seu pastor católico, Renato Sobreira começou, logo, a sentir melhoras. Estas não lhe vinham, porém, do clima ou da alimentação, mas do

conhecimento da Alicinha, filha do agente do correio e uma das raparigas mais em evidência no lugar.

Alice Sanches, filha do velho Sanches, era, em verdade, uma dessas raparigas cuja figura vale por um cartaz. Morena, alta, vistosa, toda ela era imponência e fortaleza. Andava com arrogância, e, quando olhava, dava a impressão de que saíra à rua para desafiar a concupiscência dos homens. O seu colo, forte e rígido, parecia feito para amamentar um exército. Abarcaria o mundo com um abraço, e mataria todo o sexo forte, com a simples violência de um beijo.

A primeira vez que o Sobreira viu a Alicinha, recebeu dela, de pronto, num simples olhar, todo um desafio. E tal foi êsse desafio, que, ao chegar em casa, isto é, à casa do vigário, o seu primeiro cuidado consistiu em pedir informações sôbre a moça.

— É a filha do Sanches, não é? Boa menina, meu amigo, boa menina. Excelente coração, muito prendada, e, sobretudo, muito bonita.

— Acha, então, que eu faria a minha felicidade casando com ela, reverendo?

— Perfeitamente. Por que não?

Dez dias depois realizava-se, efetivamente, o casamento da Alicinha Sanches com o Renato Sobreira, e mais alguns dias,

era o sacerdote procurado pelo rapaz, que se mostrava furioso.

— Sim, senhor, reverendo; que cilada, hein? Então o senhor sabia de tudo, de toda a vergonheira que era a vida da Alice, e, no entanto, me deu conselho para que eu me casasse! Que amigo é o senhor!?...

— Mas, meu filho, — tornou o sacerdote, aflito, — que foi que eu fiz? Qual é a culpa que me cabe?

— Ora qual foi!... O senhor então não sabia que a Alice não era mais virgem?

— Sabia.

— E não sabia que ela já havia se deixado possuir por toda a cidade?

— Sabia.

— E então?

— Ora, filho, que tolice! — acentuou padre Mateus, bondoso. — Que tem isso?

E com o mais singelo dos seus sorrisos:

— Uma cidadezinha tão pequena!?...

LXXXIX

A MOLÉSTIA DE MADAME

Era um hábito antigo que êle tinha, êle, o Abelardo Pena Ramos: não entrava, como o personagem do poeta, a dar com a porta nos batentes, mas chegava sempre, invariàvelmente fora de horas, à repartição. Se um dia chegava a tempo de assinar o ponto, nos demais era infalível recorrer ao diretor, para que êle relevasse a falta. E sempre era uma desculpa: um amigo que chegara do norte, uma demora no dentista, uma recomendação do médico, enfim, uma desculpa, aceitável ou não.

Naquele dia, porém, o Abelardo não devia nem queria mentir. Resolvido a chegar à repartição à hora estabelecida pelo regulamento, às 11, tomara o seu banho às 9 e meia e, às dez, entrara para o quarto, afim de vestir-se. Carinhosa e solícita, Dona Magdá, sua espôsa, o acompanhara, afim de auxiliá-lo na escolha da roupa. Sentado na cama de casal, o rapaz ia recebendo, e vestindo, ora a ceroula, ora a camisa, ora as meias. A presença da espôsa alí, a portas

fechadas, mexia-lhe, porém, com os nervos. Achava-a tentadora naquele *peignoir,* lançado quasi sôbre a pele, e era com verdadeiros arrepios de mocidade que a via andar de um lado para outro, alta, bonita, flexível, com a carne palpitando, vivendo, sob a fazenda leve do vestuário caseiro.

— Estás linda assim, Magdá; sabes? — exclamou o rapaz, em certo momento, abandonando a abotoadura que enfiava na camisa.

— Veste-te, é que é! — fez a mulher, sorrindo, num arrufo de vaidade. — Olha que são dez e meia!

A resposta do funcionário foi a mão estendida, e a mulher puxada para si, afim de cobrí-la furiosamente de beijos, pelos braços, pelo colo, pelo pescoço, e, ao fim de alguns momentos, a camisa amarrotada, sem um único botão nos lugares.

Ao meio-dia, enfim, chegava Abelardo à repartição. Vinha fatigado, triste, os olhos em síncope, como se tivesse passado a noite em vigília. Ao vê-lo de longe, o diretor-geral franziu a testa, no seu gesto habitual de desagrado. O retardatário compreendeu a situação, e foi-se chegando, sucumbido.

— Diretor, — começou, a voz mansa, — não me foi possível, ainda hoje, entrar à

hora do ponto; mas o motivo é justo: minha mulher está doente.

Coração mole, o diretor-geral suspendeu a pena, com que assinava uns papéis, e indagou, atencioso:

— Sua senhora está doente?

— Sim, senhor.

— Cousa grave?

— Não, senhor. É que ela está grávida...

— Grávida? Há muitos meses? — pergunta sempre gentil, pelo aspecto do assunto, o velho funcionário.

— Não, senhor, — informa o Abelardo.

E num movimento de mão:

— A hora e meia, mais ou menos...

XC

O "CHARLESTON"

Não obstante a moléstia que sobreveio ao violento ataque de gripe de que fôra vítima, e que era aquela surdez absoluta, o Virgílio Fagundes continuava louco pela dansa. Não havia festa a que não fosse, e, se Deus lhe perguntasse o que preferia, êle daria até os dois olhos contanto que o não privasse da perna.

Foi por êsse tempo, com o Virgílio já surdo, que o *charleston* chegou ao Rio de Janeiro. E tal foi o seu entusiasmo, que o rapaz não se acalmou enquanto não aprendeu a dansá-lo. E aprendeu-o, não ao som da música, pois que não ouvia o mínimo barulho dos instrumentos, mas acompanhando o movimento dos outros pares, o ritmo das outras pernas, o balanço dos outros corpos, na vertigem da nova dansa americana.

— Qual! — dizia, — não há nada melhor no mundo!

Certo dia, ou certa noite, estava o Virgílio no Assírio, quando, pelos passos de um casal que se levantara para dansar, verificou que estavam tocando um *charleston*. Ergueu-se da sua mesa, correu a tirar uma das raparigas abancadas por perto, e, guiado pelo movimento dos outros, começou a acompanhá-los. A rapariga que escolhera era mestra na arte. Pelos estremecimentos do seu torso, via êle que se tratava de uma apaixonada da música. E pouco a pouco se foi o rapaz deixando absorver pelo ritmo. Unidos, da ponta dos pés à raiz dos cabelos, os dois corpos tremiam, trepidavam, como se se quisessem fundir um no outro. Arrastado pela vertigem, o rapaz fechara os olhos. Sentia-se como que arrebatado, transportado ao céu, numa ponta de nuvem. Não era uma dansa: era um sonho.

De súbito, a música parou. Os outros pares estacaram. A própria companheira do Virgílio parara também. O rapaz continuava, porém, agarrado a ela no meio do salão, grudado a ela, os olhos fechados, e tremendo todo, dos pés à cabeça.

— Cavalheiro?... Cavalheiro?... — gritava a rapariga, empurrando-o de si, mas sem o conseguir.

Em tôrno, agrupavam-se curiosos, rindo. Olhos cerrados, Virgílio tremia, trepidava, fungando como que incrustado na companheira.

— Cavalheiro?... Cavalheiro?... — chamava esta, com toda a fôrça.

E ao seu ouvido, num grito:

— A dansa já acabou!...

Virgílio entreabriu um ôlho. E, mais morto do que vivo:

— Mas eu... ainda... não a... cabei!...

XCI

TEMPESTADE

O João Pescada, marinheiro de cabotagem, conhecia já toda a costa do Brasil, da foz do arroio Chuí ao cabo de Orange, quando foi chamado ao escritório da Companhia, onde lhe perguntaram, tratando-o pelo nome civil:

— Sr. João Sabino Gomes, o senhor quer fazer a linha da Europa?

— Em que navio?

— No "Cabo Frio".

— Com muito gosto, "seu" comandante.

Mulato inteligente, o João Pescada não precisou de muitas viagens para identificar-se com o idioma dos países em que tocava o grande cargueiro nacional. E de tal modo que, em menos de um ano, já se arranjava em espanhol, inglês, francês e italiano, aprendidos e consumidos em Cadiz, em Liverpool, em Marselha, em Gênova, e em outros pontos de escala do Atlântico e do Mediterrâneo.

Foi ao fim da terceira viagem, porém, que o João Pescada resolveu fazer vida de

marujo internacional, gozando a vida em todos os portos por onde passava. Até que, uma noite, ao desembarcar no cais do Havre, largou todos os panos em perseguição de uma bonita rapariga, tipo de bordel, que viu passar em frente ao botequim em que bebia.

Abordada, a cortesã, conhecida frequentadora do cais, não se fez de rogada.

— E quanto é isto? — indagou, prevenido, o Pescada.

— Ah, meu filho, — respondeu-lhe a hetera — isso, comigo, tem três preços.

E enumerou:

— Calmaria, 10 francos; mar agitado, 15 francos; e tempestade, 20 francos.

— Vamos lá ver isso, — propôs o marujo, acompanhando-a.

A casa para onde fôra conduzido era um dêsses bordéis ordinários e lúgubres, tão numerosos nos grandes portos comerciais. Conhecedor de outros países, o Pescada não estranhou aquele antro.

— Vamos ver a calmaria, — pediu o mulato, econômico e, ao mesmo tempo, curioso.

Com ares românticos, quasi desinteressada, a rapariga começou a beijá-lo, a acariciá-lo, mas imóvel, como se aquilo não fosse com ela. E ia eternizando êsse desinterêsse, quando o Pescada propôs:

— Vamos ver o mar agitado!

Como por milagre, a cortesã movimentou-se. O seu olhar, a sua bôca, os seus sentidos, revelaram-se, como numa espécie de ressurreição. Entusiasmado, o marinheiro não se conteve, e soltou o grito de guerra:

— Venha a tempestade!...

E o temporal desencadeou-se. Atirado da esquerda para a direita, da proa para a pôpa, o mulato teve a impressão de que o mundo ia se acabar.

— Larga a bujarrona! — gritava.

Ou então:

— Ferra o traquete!...

A tempestade crescia de minuto a minuto. Entregue a ela, o Pescada era como um frágil navio no oceano. Queria beijar a rapariga, e não podia; sugar-lhe a bôca, e não acertava. E de tal maneira, que, no ímpeto de morder-lhe os lábios carnudos, foi-lhe ferrar o dente, certo, na orelha.

— Aí não! — gritou-lhe a barregã, sem modificar a atitude. — Aí não!

— Deixa-me! — rugiu o Pescada, agarrado. — Quando há tempestade...

E na fúria dos elementos:

— Todo pôrto serve!...

XCII

O PEDAÇO DO GATO

É possível que haja neste mundo, ainda, muito boêmio; mas como o Nicéforo Nunes, talvez não haja mais. Por isso mesmo desapareceu êle tão cedo da terra, e tão desastradamente, que, no dia seguinte ao da sua morte, o *whisky* baixava de preço e, com êle, a cerveja e o conhaque.

Filho de família honrada, fôra o Nicéforo para os Estados-Unidos, estudar engenharia. E não bebia senão água e refrescos, quando, com a promulgação da lei sêca, deu, de repente, para beber. Perseguido pela polícia, embarcou então para o Brasil, onde o seu regresso foi a mais dolorosa das surpresas não só para o pai, para a mãe e para a irmã, como, ainda, para a Sebastiana, cria de casa, e que levava, entre a copa e a cozinha, a mais penosa vida de reclusão.

Com vinte e cinco anos de idade, a Sebastiana era o tipo clássico da mulata familiar. Fornida e grande, pesando mais de setenta quilos, as suas ancas fortes, e virgens, enchiam, só elas, o vão de uma porta. A tez morena, o cabelo em ondas apertadas, o nariz grosso, os lábios sensuais, toda a sua figura era um grito da carne e do sangue, protestando, bradando, clamando, contra a renúncia forçada aos grandes e supremos prazeres da vida.

Foi por êsse tempo, com a Sebastiana dominando na cozinha, com a irmã na janela e o pai e a mãe presos ao leito com seus achaques, que o Nicéforo chegou dos Estados-Unidos. Alto, forte, vermelho, via-se, pela sua pele congestionada, o *whisky* de raça que lhe corria nas veias. Era um belo rapaz; como, porém, vinha da América, do país onde as mulheres são o vício que menos fala ao sentido dos homens, nem se apercebeu da rapariga. Se Deus o tivesse pôsto no Paraíso, em vez de Adão, teria sido preciso substituir a maçã por uma garrafa de bebida alcoólica para conseguir o escândalo do pecado original. Eva, sòzinha, mesmo com o auxílio da serpente, nada teria obtido da sua fraqueza.

Desembarcado no Rio, o Nicéforo viu que aquí poderia manter impunemente o regime que não conseguira seguir nos Estados-Unidos. Dormia de dia e passava a noite, das sete até o amanhecer, a jogar no Palace, e a beber por toda parte. E raro era o dia

em que não entrava em casa já depois do portão aberto.

Naquela noite, a farra havia sido, porém, maior que de costume. Embriagado mais cedo, o estróina entrara às quatro da madrugada, mas em tal estado, tão dominado pelos espíritos do "cavalo branco" e da "viúva Clicot", que, em vez de ir ter ao seu quarto, foi bater, certo, na cozinha, deserta àquela hora. Chegado alí, atirou o chapéu para cima da pia, o *smoking* sôbre o fogão, a calça para o cabide das caçarolas, e, de botinas, cuecas, e a camisa aberta, pegou no sono mais forte da sua vida, sentado no chão, encostado à parede.

Ao clarear do dia, a Sebastiana levantou-se, e, como de costume, encaminhou-se para a cozinha. E ao abrir a janela, para entrar a luz matinal, levou a mão à bôca, temendo soltar um grito.

O que aparecia aos seus olhos era, realmente, a um tempo, cômico e espantoso. A bôca aberta, a cabeça rolando para o peito, o Nicéforo ressonava. O que, porém, mais a escandalizava, era não ter êle dado pela presença, alí, do "Mimoso", um gatarrão da casa, o qual, a pular de um lado para outro, a passar-lhe ora por cima, ora por baixo das pernas, lhe dava ora um sopapo, ora um arranhão, como se brincasse com um rato, à bôca do buraco.

— Ah! minha vida! minha vida! — fez a mulata, num suspiro fundo, as mãos nas ancas rotundas. — Quando eu digo que eu sou uma desgraçada, ninguém acredita!

E batendo a tampa do fogão, furiosa:

— Nesta casa, quando há uma cousa boa, há de ser p'ro gato!...

XCIII

HOSPITALIDADE

O tenente-coronel João Granada comandava um batalhão em Corumbá, quando recebeu ordem de seguir, sòzinho, para Catalão, afim de assumir alí o comando das tropas que aguardavam a passagem dos rebeldes. A estrada de ferro havia sido destruída em grande parte, de modo que o remédio era, mesmo, ir a cavalo, desviando embora um pouco para o sul, por Santa-Cruz e outras localidades da mesma direção.

— Por esta é que eu não esperava! — comentou o corajoso oficial. — Enfim, ordens são ordens, e eu tenho de obedecer.

A viagem por aquele sertão ingrato e imenso, tornar-se-ia uma temeridade se o tenente-coronel João Granada não confiasse no Sebastião, tropeiro daquelas paragens, habituado a fazer, vezes sem conta, aquele trajeto. E foi em companhia do Sebastião que partiu, a cavalo, rumo de Catalão, onde devia chegar, e assumir o comando, uma semana, pelo menos, antes da vanguarda do inimigo.

O ilustre oficial era um daqueles soldados brasileiros da velha guarda, que sabiam fazer, na paz como na guerra, bom uso da farda, e de tudo mais que ela escondia. E foi piscando o ôlho a todas as caboclas do caminho, que, uma noite, chegou à Várzea-Alegre, onde o Sebastião possuía, além de uma fornida mulata, a Josina, com quem vivia maritalmente, algumas cabeças de gado cavalar, inclusive duas éguas de carga, excelentes, também, na arte da procriação.

Ao se apearem na Várzea-Alegre, João Granada verificou, logo, que a Josina era a cousa mais apetecível da região. Côr de canela e cabelo ondeado, possuía uns seios opulentos, que bicavam o casaquinho de morim lavado, e uns quadrís tão balouçantes que se poderia dizer, talvez, que haviam adivinhado o *shimmy* nos sertões do Brasil.

Logo ao descer do seu animal, um magnífico alazão do Exército, o oficial tinha pedido ao tropeiro:

— Sebastião, trate bem o meu cavalo... Hein? Quero que seja tratado como se fosse eu. Ficaria zangado se êle passasse a noite pior do que o dono.

— Pois não, "seu" coronel; pode ficar descansado! — consolou o caboclo.

Obrigado a passar a noite no terreiro, velando pelos seus bichos, o Sebastião não viu, mas imaginou o que se estaria passando

no interior da casa, onde haviam ficado o coronel e a Josina. Cêrca de meia-noite, foi buscar o alazão do oficial, tirou a peia, e soltou-o no cercado, com a melhor égua que possuía. E, quando clareou, e estava tudo pronto, chamou da porta:

— "Seu" coronel, o cavalo está selado! Está na hora!

Ao apontar do sol, iam os dois, já, a meia légua de Várzea-Alegre. De repente, porém, ao dar um pequeno chouto, a montaria do militar dobrou a pata dianteira, e quasi atira ao chão o cavaleiro, na violência do choque.

— Êta, cavalo velho! — gritou Granada, pulando da sela.

Dez minutos adiante, outra queda. Mais adiante, outra. Na terceira, o oficial estranhou:

— Ó Sebastião, que é isso? Êste cavalo comeu durante a noite?

— Cinco litros de milho, "seu" coronel.

— E por que é isso, então?

— Eu acho que êle foi tratado melhor do que devia. "Seu" coronel não me disse que eu tratasse êle como se tratasse de "seu" coronel?

— Disse.

— Pois eu tratei êle assim.

E com um risinho cínico:

— Êle passou a noite com a égua!

XCIV

A CARGA DE CHUMBO

A Maria Rosa estava no tanque, lavando uma centena de garrafas, quando, ao encontrar uma destas mais suja que as outras, se pôs a enchê-la dágua, e a esvaziá-la inùtilmente. Aderida ao vidro, a bôrra do vinho que contivera anteriormente parecia segura, de modo a não ser fácil aproveitar aquele recipiente. Sentado num tamborete a pequena distância, o Antônio Romão, o fazendeiro com quem vivia maritalmente, teve uma idéia:

— Olhe, Maria, o melhor é você ir lá dentro, na minha bolsa de caça, e trazer um punhado de chumbo. Ponha-o dentro da garrafa, e sacuda-o bem. É assim que se costuma fazer.

Obediente como toda amante nova, a rapariga arregaçou a saia, prendendo-a ao cós, foi ao quarto onde dormiam, e um minuto depois metia pela bôca da garrafa toda uma porção de chumbo, à semelhança de quem dá comida a um galinha doente. E ia agitá-la violentamente, quando um me-

nino lhe veio dizer achar-se na porta a sua comadre Dona Margarida. Enxugando as mãos na barra da saia, correu a receber a visita, abandonando a garrafa em cima da mesa, próxima ao tanque, ao mesmo tempo que o Antônio Romão fazia as honras da casa ao Minervino, agricultor na mesma região, marido de Dona Margarinha e um dos poucos amigos que havia feito por aquelas paragens.

— Então, estava a engarrafar o seu vinhozinho, hein? — fez o Minervino, ao dar com os olhos no barril com torneira e na bateria de garrafas dentro e fora do tanque.

— É verdade... Quer você um golezinho?

— Não; agora, não. Prefiro que você me arranje uma garrafa para ir matando a fraqueza pelo caminho.

Companheiros de caçada, a conversa de ambos foi, naturalmente, sôbre veados e inhambús, pacas e onças, espingardas e cachorros. Até que, a certa altura, o Minervino convidou:

— Eu arranjei agora um cachorro tão veadeiro, "seu" compadre, que não me contive e batí para cá, com o sentido de lhe propôr uma caçada! Quer ir comigo?

— Onde está o cachorro?

— Está aquí. Quer ver?

— Fiiiiit!... "Ventania"!... Fiiiiit!...

Num instante, como um artista que aguardasse apenas o sinal para entrar em cena, o cachorro apareceu, as orelhas empinadas, o olhar em brasa, a cauda a acariciar o dono. O Antônio Romão elogiou o bicho, examinando-lhe as pernas, a cabeça, o focinho, e, combinada a caçada para sábado de madrugada, ficou assentado que o fazendeiro iria dormir sexta-feira no "Remanso", no sítio do Minervino.

— E agora, "seu" compadre, até lá.

— Espere, "seu" compadre... E o vinho? — lembrou o dono da casa, correndo a procurar uma garrafa, para enchê-la na torneira.

Absorvido, porém, pela conversa, segurou a primeira garrafa que encontrou, e que era, precisamente, a que continha o punhado de chumbo. Não deu por isso, encheu-a de vinho de mesa, vermelho como sangue, e deu-a ao Minervino, que logo se despediu.

No dia aprazado, sexta-feira à noite, chegava o Antônio Romão ao "Remanso". E não foi sem surpresa que viu, em tudo, um sinal de tristeza na casa.

— Então, vai-se ou não se vai? — indagou, ao apear-se.

— Não se vai, não, — informou, constrangido, o Minervino. — O "Ventania" morreu, e sem êle não vale a pena.

— Morreu?...

— Morreu; ou antes, eu o matei.

— Você o matou?

O agricultor fez uma cara de tristeza compungida, e narrou:

— Imagine você, que, quando eu vinha da sua casa, tomei uns quatro ou cinco goles, daquela garrafa de vinho que você me deu. Momentos depois, meia hora quando muito, começou uma dôr de barriga que eu não podia mais. Parecia que eu estava cheio de vento, cheio de ferro, cheio de pedra. Não podendo resistir, fiz um esfôrço. E — pan! foi aquela desgraça; veio de dentro um tiro tão forte, tão danado, que me esfrangalhou o fundo da ceroula, o fundilho da calça, indo atingir o "Ventania", coitado! atrás de mim, e que...

E limpando uma lágrima, com a costa das mãos:

— Caiu morto, com uma carga de chumbo!...

XCV

CAÇA AOS POMBOS

Veridiano de Amorim possuía uma xarqueada na margem brasileira do Quaraím, no Rio-Grande, quando teve notícia de que os revolucionários haviam cercado Uruguaiana. Legalista intransigente, amigo de Borges de Medeiros e de Flôres da Cunha, não precisou de convocação oficial ou oficiosa: na madrugada seguinte partia para Alegrete, à frente de quarenta e dois homens montados, afim de pôr êsse contingente, e a sua própria pessoa, ao serviço da legalidade.

A bravura é um capital, porém, que nem sempre rende o juro merecido. E a prova, deu-a êsse contingente de patriotas. Ao atravessar a coxilha de Santana, foi Veridiano cercado por uma fôrça revoltosa oito vezes mais forte, com a qual travou uma luta sangrenta de doze minutos, em que pereceu heròicamente ao lado dos seus quarenta e dois companheiros.

Foi com a mão ao peito, onde a bala atingira, que o destemido fazendeiro das

margens do Quaraím foi bater, nesse mesmo dia, às portas do céu. Como não tinha pecados mortais, além do ódio com que morrera, foi introduzido, logo, no Paraíso, apenas mudara de roupa.

Os primeiros dias na Eternidade não são monótonos, como os que se lhes seguem. A surpresa do ambiente, a novidade do regime, as interpelações dos bem-aventurados, curiosos pelas notícias dêste mundo, são passatempo que não deixa ao recém-chegado uma oportunidade para aborrecer-se. Essa fase ia, porém, passando para Veridiano de Amorim, quando êste ouviu, um dia, para os lados da porta celeste, um pipocar de fuzilaria:

— Pic!... poc!... pac!... pic!... pic!... puc!... poc!... pec!... pac!... puc!...

Os olhos em fogo, os dentes cerrados, os cabelos em pé, o Veridiano esqueceu tudo — o lugar em que se achava, a situação, o destino de sua alma, — para ter em mente, naquele instante, ùnicamente os revoltosos. E foi como um louco que desandou na carreira no rumo da porta, empurrando-a com fôrça e bradando, aflito, para São Pedro:

— Abra, meu santo!... Ou dê-me a chave!... Senão eu boto isto abaixo!...

E na sua raiva, aos pulos, diante da porta fechada:

— São os revolucionários!... Estão aí fora!... Eu quero brigar!...

Habituado a cenas dessa ordem, São Pedro sorriu, descendo os óculos da testa para o nariz.

— Sossegue, meu filho... — aconselhou. — Que revolucionários, nada! — Êsses tiros que você está ouvindo são cousas de São José. Naturalmente foi algum bando de pombos que apareceu por aí.

E malicioso, ao ouvido do Veridiano:

— Depois do que sucedeu a êle lá embaixo, na terra, o pobre do velho não pode ver pombo que não queira acabar com tudo a tiro!...

XCVI

CONTAGEM DE TEMPO

— Então, Januário, quando é êsse casamento?

— Que casamento, "seu" vigário?

— O seu, com a Cristina?

— Eu, com a Cristina, "seu" vigário? Vossa Senhoria "tá" doido? Eu nunca pensei nisso!

E nem era possível, mesmo, que pensasse. Confiada ao padre Vicente para lhe servir de copeira, a Cristina andava pelos dezenove anos e estava no emprêgo há oito meses. Era uma cabocla côr de canela, bôca vermelha e cabelo corrido, em quem se adivinhavam todas as virtudes amorosas da raça. O nariz era arfante e pequeno, e os olhos, negros e inquietos, eram como a cabeça de duas serpentes, que espreitassem, maliciosas, o grave mistério da vida.

Baixota e gorducha, andando pela casa do vigário com os pés descalços para não interromper as piedosas orações do ministro de Deus, a Cristina começou a ficar, de repente, mais gorda e, aparentemente, mais baixa. O colo, acompanhando os progressos do resto do corpo, acentuou a ondulação. E foi, então, quando, com a sua perspicácia de quem lê nas almas, padre Vicente descobriu que o Januário, aprendiz de sapateiro, queria casar com a rapariga.

— Eu sei, meu filho, que você tem é vergonha de confessar; mas, não precisa. Eu adivinho o seu pensamento. E amanhã mesmo, na missa, lerei os proclamas. O casamento será logo no outro domingo, e eu farei por vocês o que puder.

— Mas, "seu" vigário...

— Sim... sim... Eu compreendo... eu compreendo... Você é um bom menino, e eu ajudarei você com quinhentos mil réis... Darei também duas novilhas... É pouco, mas é de bom coração.

E ao fim de doze dias estava o Januário casado. Estava e, ao cabo de três meses, batia, confuso, à porta do padre Vicente.

— "Seu" vigário, uma desgraça!

— Uma desgraça?

— Sim, senhor. Imagine, "seu" vigário, que a Cristina deu à luz uma criança!

— E que tem isso? Não foi por isso que vocês se casaram?

— Eu sei; mas é que é fora de tempo.

— Fora de tempo? Você está maluco, Januário? Há quantos meses foi o casamento?

— Há três.

— E ao fim de quanto tempo devia vir a criança?

— Ao fim de nove, "disque".

— E então? Está no tempo!

— No tempo, "seu" vigário?

— No tempo, sim. Há quantos meses você casou com a Cristina?

— Há três.

— Pois bem: aí estão seis... E há quanto vocês estão casados um com o outro?

— Há três, também.

— Seis, com três, são nove. Pois aí está, Januário. Três meses que você está casado com ela, três que ela está casada com você, três que vocês estão casados um com o outro, fazem nove meses! Que é que você quer mais?

E bondoso, mudando de tratamento:

— Toma... Leva êstes cinco mil réis para o leite do menino... E que Deus o faça um homem de bem, como o pai...

XCVII

A IMAGEM DE SÃO CUSTÓDIO

O coronel Jesuino Fortuna, fazendeiro na serra do Caetité, na Baía, batia o queixo, com sezão, há mais de seis meses, quando, descrente da medicina dos homens, resolveu recorrer ao prestígio do céu. Fez uma promessa. Fez duas. E ia fazer a terceira, quando, em conversa com monsenhor Libório, vigário de Carinhanha, êste sugeriu:

— Por que o coronel não faz a promessa de dar a imagem para o altar-mor da igreja de São Custódio, na minha paróquia. Faça o voto, coronel, e veja se não se dá bem.

Espírito profundamente religioso, o coronel aceitou o conselho, e, nessa mesma noite, durante a ladainha que se costumava rezar na fazenda, fez, mentalmente, a promessa. E com tão alta confiança a proferiu, que, nessa semana, a febre já foi menos intensa, e tão insignificante nas seguintes, que acabou por desaparecer.

Satisfeito com o resultado, e certo de que a cura fôra operada pelo milagre pedi-

do, resolveu o coronel Jesuino cumprir o que prometera. Como, porém, ir à capital naquela época, exatamente quando ia começar a venda do gado na sua fazenda do sertão?

— O melhor é mandar o Gabriel à Baía, com a encomenda, — pensou. — Quem sabe quando eu poderei ir?

O Gabriel, filho do coronel, andava pelos dezessete anos e parecia ter vinte. Habituado à vida de campo, administrando as fazendas e o engenho do pai, não entendia de outra cousa, que não isso. E foi a êle que o velho Jesuino chamou, e incumbiu:

— Olhe, meu filho: você vai à capital, e compra, e traz, um São Custódio, em tamanho natural, que é para a igreja de Carinhanha, que eu prometí. Você leva uma carta minha, para o Guedes Franco, recebe o dinheiro que fôr preciso, e traz a imagem. Não faço questão de gastar, o que eu quero é cousa boa, santo de primeira qualidade.

Um mês depois estava o Gabriel Fortuna em São Salvador, para realizar a incumbência do pai. Correu, assim, à casa de um santeiro, e explicou o que desejava.

— Quero, — disse, — um São Custódio, tamanho natural. Mas quero cousa boa.

— Pois não, — atendeu o comerciante, tomando notas. — Em matéria de santos, nós temos o que há de melhor na praça...

E êste, nas condições que deseja, pode sair-lhe por uns quatro contos e duzentos.

— Muito bem. Pode, então, fazê-lo.

Fechado o negócio, garantido por dois contos de sinal, ia o Gabriel, já, na porta, quando o santeiro o chamou:

— É verdade, moço... Uma cousa que eu me esquecí de perguntar: o senhor quer o São Custódio vivo, ou morto?

Essa pergunta atrapalhara o rapaz. O pai não lhe dissera uma palavra sôbre êsse assunto. De modo que era enorme, no caso, o seu embaraço.

— Vivo ou morto, pergunta o senhor; não é? — insistiu o Gabriel.

Pôs a mão no queixo, pensativo. De repente, porém, deu uma pancada na testa.

— Ah!... Achei!... Olhe aquí: o senhor me faz o santo nem morto, nem vivo: faz agonizante; ouviu?

E despedindo-se do santeiro estupefato:

— Faça agonizante, porque, quando chegar em Carinhanha, se o vigário quiser morto, papai manda acabar de matar...

XCVIII

A MESA FALANTE

Quando o Barão de Sete-Pontes morreu, a sua fortuna, que fôra grande, estava inteiramente destruída pela política. Fazendas, casa, móveis, escravos, tudo se achava hipotecado. E foi numa verdadeira fúria que os credores se precipitaram sôbre o espólio, só deixando, dêle, a viúva, e isso mesmo, porque não estava, ainda, hipotecada a ninguém.

Pobre, sem parentes que a pudessem socorrer, a Baronesa possuía, de seu, apenas a sua mocidade e a sua beleza, quando, abandonando a província em que seu marido fôra um dos chefes mais prestigiosos, embarcou para o Rio, na esperança de, com o seu nome, e com as relações que o espôso aquí fizera quando deputado geral, conseguir, quando nada, o necessário para a sua subsistência.

A vida é, porém, como as terras auríferas: onde se supõe existir um veio de ouro, encontra-se, apenas, pedra bruta; e onde se imagina só existir pedra bruta, surge, de súbito, um veio de ouro. E tamanha foi, para a Baronesa de Sete-Pontes, a surpresa do seu filão, que, ao fim de um ano de Côrte, adquirira ela o palacete em que residia, à praia de Botafogo, o qual foi todo remodelado, e ornamentado com o capricho, o gôsto, e a riqueza, de um suntuoso palácio europeu.

Formosa, fina, elegantíssima, aristocrática, a jovem fidalga passou a ter, no Rio, a influência que têm, sempre, onde há homens de espírito, as mulheres inteligentes. E à medida que se acentuava essa influência, multiplicava-se a sua fortuna, em apólices, em prédios, e em dinheiro, que lhe asseguravam, sem esfôrço, uma das maiores rendas da cidade.

Após uma vida faustosa e dilatada, a Baronesa, como acontece a todos os mortais, fidalgos ou não, restituiu o corpo à terra, e a alma a quem lha havia dado. E foi com o mais imprevisto dos contentamentos que os seus parentes pobres foram chamados a tomar conta da herança, a qual era o triplo, ou o quádruplo, daquilo que êles supunham.

— Mas, como terá a nossa tia arranjado assim tanto dinheiro!?... — comentava, às vezes, balançando a cabeça, a morder a ponta do dedo, o capitão Gomide, visìvelmente intrigado.

— Homem, você tem curiosidade em saber? — aparteou, de uma feita, Dona Júlia Fernandes, sua irmã, que era outra herdeira.

E com interêsse:

— Vamos recorrer ao espiritismo? A tia Josina conhece o processo das mesas falantes. Vamos chamá-la?

Meia hora depois, estavam os legatários mais íntimos de Adelaide Matoso Dias, Baronesa de Sete-Pontes, reunidos em semi-círculo diante de uma grande mesa redonda, no salão de bilhar da falecida. Grave, circunspecta, Dona Josina, toda de preto, tomava as últimas providências, até que, reclamando silêncio, iniciou a invocação.

— Tia Adelaide, — chamou, de repente, as mãos pousadas na tábua, — a senhora está presente?

— Toc, toc! — responderam duas pancadas monótonas, graves, compassadas, debaixo da mesa.

— Tia Adelaide, — tornou Dona Josina, visìvelmente comovida, — nós lhe agradecemos muito a herança que nos deixou; mas a senhora nos podia dizer, tia Adelaide, como foi que a senhora ganhou êsse dinheiro todo?

— Toc, toc! — respondeu a mesa, de novo.

— Como foi, tia Adelaide?

A essas palavras, a mesa não respondeu; mas deu um salto formidável, virando-se em contrário, com as tábuas para baixo e as pernas para cima. E as pernas do móvel tremiam, tremiam, numa agitação nervosa, ao mesmo tempo que a gaveta, infatigável, abria e fechava...

XCIX

O REBUÇADO

O desembargador Renato Mendes era um daqueles magistrados íntegros e intransigentes que a monarquia legou à República. De uma severidade a toda prova, zelando religiosamente pela moral da família e do Estado, nada havia que mais o indignasse do que a prostituição.

— É o cancro da sociedade, — costumava dizer.

— E eu só desejo ser Chefe de Polícia uma semana, um dia, porque acabava de vez com essa miséria. Ou as mulheres públicas mudam de terra, ou mudam de profissão.

A sua escolha para êsse cargo, feita pelo novo governador do Estado, fôra, assim, causa de verdadeiro pânico nos bairros suspeitos da cidade. E não foi sem terror, sem as maiores apreensões, que o mulherio recebeu, no dia seguinte ao da nomeação do novo chefe, um aviso para se achar todo, na manhã seguinte, em frente à chefatura, para receber, sôbre assunto urgente, a ordem pessoal da nova autoridade.

Na manhã designada para isso, o trânsito em frente ao edifício da chefatura ficou totalmente interrompido. Centenas de mulheres, francesas, espanholas, polacas, italianas e nacionais, formavam uma cauda enorme que dava uma infinidade de voltas pela praça. As caudas que se formavam à bôca dos *guichets* em dia de pagamento de viúvas no Tesouro, seriam uma insignificância diante dessa, formada exclusivamente de mulheres da vida.

Era quasi meio-dia, e a cauda continuava a crescer, quando, ao passar pela praça, a velha Juvência, que havia sido ama de leite das filhas do desembargador, notou aquela aglomeração. Com os seus sessenta anos de idade, a cabeça inteiramente branca, endireitou os óculos no nariz para ver se via por perto alguma conhecida, ou algum conhecido. Não viu ninguém da sua intimidade e, como o caso lhe despertasse interêsse, dirigiu-se a um rapaz que se achava próximo, e indagou, o nariz no ar:

— Moço, que porção de mulher é essa?

— A senhora não sabe? — fez o sujeito. — Então a senhora não sabe que o Chefe de Polícia convidou todas as mulheres sérias da cidade, para oferecer a cada uma um punhado de rebuçado?

— Ahn! é isso? — gemeu a velhinha.

— Então, eu vou já me meter no cordão, para receber o meu.

E meteu-se em forma, entre uma francesa e uma polaca.

A fisionomia carrancuda, o desembargador ia admoestando, uma a uma, as raparigas que chegavam à sua presença. E é de imaginar o seu espanto, quando, logo após a francesa, se aproximou da sua mesa a Juvência, os olhos muito vivos, a face engelhada, o guarda-chuva na mão, com um coque branco no meio da cabeça.

— Que é isso, Dona Juvência?! — exclamou a autoridade, os olhos arregalados. — A senhora também?

— E então, "seu" doutor? Eu preciso; não é? Vossa Senhoria sabe que eu sou pobre... E depois, eu gosto...

E num suspiro, com o pensamento no rebuçado:

— Ah, "seu" doutor! que bem faz à bôca da gente!?... Todo dia eu chupo um ou dois...

C

A MARCHA DA COLUNA

A notícia de que um grupo de rebeldes ainda se encontrava nas proximidades de Valença, onde cometia toda a sorte de depredações, fez com que o tenente-coronel Benedito Mendes, do 33.º de Caçadores, que havia guarnecido Amarante, ordenasse a partida imediata de um contingente, afim de bater, alí, aquele pequeno troço revolucionário.

E a fôrça partiu. Comandada pelo major Fabrício Nunes, era composta de cento e vinte homens, isto é, do pessoal necessário para castigar os sessenta ou oitenta insurretos que se entregavam à pilhagem naquele pedaço de território piauiense. Andassem ligeiro, e o inimigo estaria derrotado.

A estrada entre Amarante e Valença, é, porém, a mais ingrata que se pode imaginar. À aproximação dos revolucionários, os sertanejos haviam fugido para o norte, conduzindo o que possuíam. E aqueles,

quando chegaram, destruíram o resto: incendiaram as casas, entupiram os poços, abriram a reprêsa aos açudes, transformando toda aquela região, outrora feliz, num deserto inhabitável. Por aí, pode-se imaginar o que era, naquele dia, a marcha da pequena coluna militar pelo sertão calcinado, sem uma sombra para repousar, nem, sequer, uma gota dágua para beber. Baixa, uniforme, pedregosa, a chapada estendia-se a perder de vista. E em toda aquela extensão, tudo era silêncio, morte, desolação.

A coluna, que havia levantado acampamento às quatro horas da manhã, seguia em marcha forçada, sob o sol causticante. Eram duas horas da tarde, as borrachas estavam vazias, e não se via, sequer, vestígios dágua, para refrigerar as gargantas ressequidas pelo calor e pela poeira.

Deus é, porém, legalista, e vela pelos que defendem a lei. E tanto o é que, ao desembocarem numa grande várzea, os soldados da legalidade deram com os olhos num rebanho de cabras, que pastavam à distância, no meio de vinte ou trinta cabritos.

— Alto! — gritou o major Fabrício, erguendo a espada.

A tropa estacou, disciplinada, estendendo-se, como uma grande serpente, pelo caminho em que vinha.

— Soldados! — ordenou o major. — Até agora não encontramos água, e é possível que só daquí a três horas a encontremos. Por isso, aqueles que estiverem mais torturados pela sêde, dêm um passo em frente.

Doze soldados deram o passo, perfilando-se.

— Camaradas, — continuou o major, — na impossibilidade de vos dar a água de que careceis, eu vos ofereço o remédio: alí estão doze ou quinze cabras, que são de leite, como se vê pelos cabritos que as acompanham. Cabra que tem cabrito, tem leite. Ide, pois, pegá-las, e matai a vossa sêde, enquanto o resto da coluna descansa!

Em menos de um minuto os doze soldados estavam, já, cercando o rebanho de caprinos. E em um momento, foi uma correria pela planície, uma berraria de cabras e cabritos, conseguindo cada um apanhar a sua e, de joelhos, matar a sêde nas têtas dos pobres animais alarmados.

Dos doze soldados que haviam tido licença para isso, um, porém, o Anastácio, voluntário engajado no Rio, ficara indeciso. Havia apanhado o seu caprino, derrubara-o, mas não sabia o que fizesse.

— Comandante! — gritou, segurando o animal pelos chifres. — Que é que eu faço?

— Mama! — ordenou, de longe, o oficial.

— Não posso!

— ?...

— É bode!...

ÍNDICE

	Págs.
Dedicatória	5
I — Atenópolis	11
II — O Carequinha	15
III — O Culpado	18
IV — Esclarecimento	22
V — O pano de bôca	25
VI — A execução de Salim	29
VII — Serviço de amigo	32
VIII — A invenção do diabo	35
IX — O buraco	38
X — Intervenção cirúrgica	41
XI — O banqueiro	45
XII — A pressão	48
XIII — O enxêrto	52
XIV — Por conta do defunto	56
XV — O cabide	60
XVI — Mentiroso!	63
XVII — O batismo da mangueira	67
XVIII — Justiça persa	70
XIX — A conquista	73
XX — O *Gentleman*	78
XXI — A opulência do mendigo	81
XXII — O que é barato é mau	84
XXIII — Educação americana	87
XXIV — A pescaria	90
XXV — O comerciante	93
XXVI — O hino nacional	96
XXVII — O telefone	99
XXVIII — Os filhos do pastor	102
XXIX — A lição da bíblia	106
XXX — O melhor negócio	108
XXXI — Lição de "cousas"	111
XXXII — A indenização	114
XXXIII — A senha	118
XXXIV — Os roncadores	121
XXXV — O jejum	124
XXXVI — O estratagema do coronel	127
XXXVII — Conselho de surdo	131

	Págs.
XXXVIII — Os dramas da Índia	134
XXXIX — A sombra	139
XL — As pastilhas	142
XLI — O evangelho de Marcos	145
XLII — O cavalo indiscreto	148
XLIII — As torturas do coronel Cantidiano	151
XLIV — A embaixada exigente	155
XLV — O pecado do Martinho	161
XLVI — Desgostos...	164
XLVII — A vaqueirinha	167
XLVIII — A volta de Jerusalém	170
XLIX — O confessor sem sorte	173
L — O beiço do capitão Gadelha	176
LI — Os funerais de George Prescott	179
LII — A sabedoria de Salomão	182
LIII — O confessor confessado	185
LIV — A relatividade do crescimento	189
LV — Trovoada sêca	192
LVI — O homem... que procurava outro	195
LVII — A pergunta imoral	199
LVIII — Solução	203
LIX — Aproveitando	206
LX — O sátiro	210
LXI — Amor e economia	214
LXII — O perú	217
LXIII — O relincho do cavalo	220
LXIV — A pilhéria do chaveiro	225
LXV — O cachorro	228
LXVI — *Flirt*	231
LXVII — A "República"	234
LXVIII — A relíquia	237
LXIX — O machado	241
LXX — O deputado	244
LXXI — A juba do leão	246
LXXII — A braguilha cirúrgica	250
LXXIII — O pecado e a mentira	253
LXXIV — O garfo	256
LXXV — O 4.º ato	258
LXXVI — A missa da Abigail	261
LXXVII — O serviço do primo	264
LXXVIII — O banho de leite	268
LXXIX — O entêrro da Jovita	271
LXXX — A cadeira furada	274
LXXXI — A ameaça	277
LXXXII — A *maquette*	280
LXXXIII — O gago	283

	Págs.
LXXXIV — A dama gorda	285
LXXXV — Conto veneziano	287
LXXXVI — A galinha polaca	290
LXXXVII — O martírio de Frei Vitoriano	293
LXXXVIII — Alice Sanches	296
LXXXIX — A moléstia de madame	299
XC — O *charleston*	302
XCI — Tempestade	305
XCII — O pedaço do gato	308
XCIII — Hospitalidade	312
XCIV — A carga de chumbo	315
XCV — Caça aos pombos	319
XCVI — Contagem de tempo	322
XCVII — A imagem de São Custódio	325
XCVIII — A mesa falante	328
XCIX — O rebuçado	332
C — A marcha da coluna	335